

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Silvosa: O Isolamento

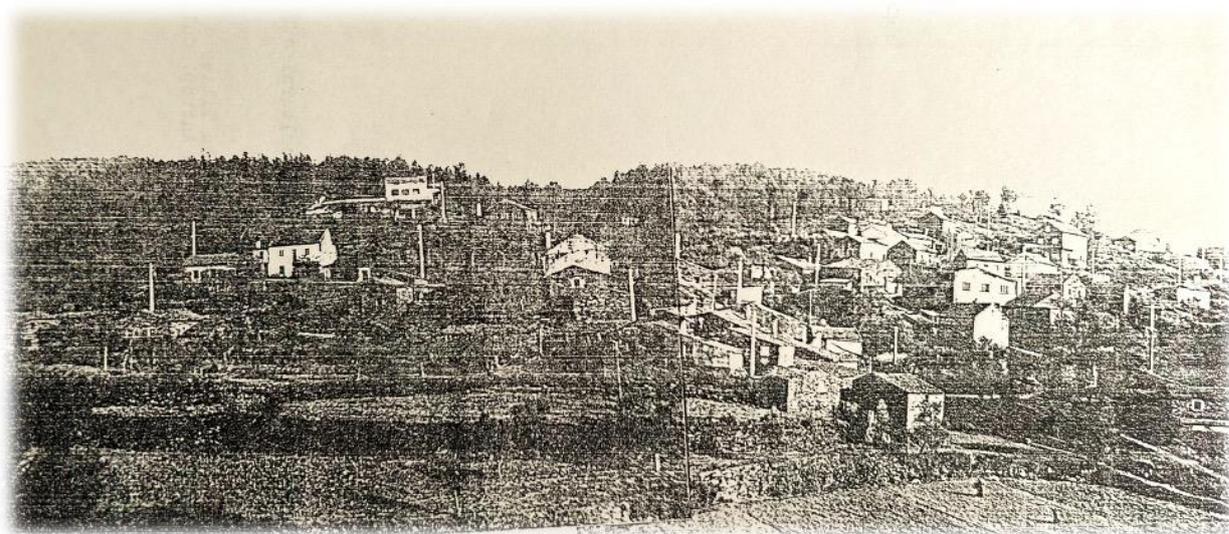
*Uma perspetiva monográfica
de uma comunidade em vias de extinção.*

ISCSP, Antropologia Cultural, Licenciatura em Relações Internacionais

trabalho realizado por

Célia Chamiça, Paulo Cunha Alves, Pedro Costa Pereira,
Alexandra Ceia, Cristina Matos

Silvosa, 1983



Fotografia panorâmica de Silvosa

Índice

Introdução.....	5
Capítulo I - A Comunidade no Espaço e no Tempo.....	9
1. Silvosa, freguesia de Sarnadas de S. Simão, concelho de Oleiros	9
1.1. Sarnadas de São Simão	9
1.2. Oleiros	10
2. História de Silvosa	10
3. Relações de Silvosa com o exterior	20
4. Habitações	23
Capítulo II - Estruturas Sociais	31
1. As Relações Sociais	31
1.1 Entre Casais.....	36
1.2 As Rivalidades entre as Pessoas.....	38
1.3. O Orgulho das Pessoas.....	38
2. As Crianças.....	39
3. A Emigração.....	40
4. Os Tempos Livres	45
5. Famílias de Silvosa	51
Capítulo III - Estruturas Económicas	57
1. A Terra	57
2. O Comércio	67
3. Culinária, Alimentação e Pão.....	70
4. A Resina.....	75
5. O Azeite	76
6. O Linho.....	78
7. A Matança	81
Capítulo IV - Maneiras de ser, estar e pensar	86
1. A Religião	86
2. Superstições, Crenças, Mitos e Tradições.....	92
2.1. Lobos e Lobisomens.....	92
2.2. A Coca e outras Superstições	97
2.3. Bruxas	98

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

2.4. Lendas, Provérbios e Adivinhas.....	99
2.5. Histórias. Orações e Rezas.....	104
3. A Morte.....	119
4. Explicações, Doutrina, Ensino.....	120
5. Festividades	124
5.1. O Madeiro.....	124
5.2. Festa de São Simão	124
5.3. Sagrada Família.....	126
6. O Vestuário.....	127
7. Personificação de Animais	129
Capítulo V - O Método de Investigação	130
1. A recolha de dados nas diversas instituições	130
2. A recolha de dados no campo, em Silvosa.....	132
Conclusão.....	137
Glossário de Termos e Expressões	145
Bibliografia	147

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

O caminho mais seguro para o declínio cultural é uma política de isolamento.

Mischa Titiev, Introdução à Antropologia Cultural

Introdução

Antes de mais, será conveniente esclarecer-se o que se entende por comunidade e qual o sentido que se depreende dessa ideia, aplicável no caso concreto deste estudo. O termo comunidade tem vindo a ser utilizado para designar os mais variados tipos de unidades populacionais, com dimensões muito diversas.

Talvez, por uma questão de comodidade, se tenha vindo frequentemente a designar o Estado, a região, entre outros conceitos por comunidades. Atualmente chega-se mesmo ao ponto de se falar em *comunidade internacional*.

Temos, no entanto, que há grande vantagem em delimitar de modo preciso este conceito, com vista a uma melhor compreensão e identificação do agregado populacional que é o objeto deste estudo. Além do mais, a tendência a nível das Ciências Sociais na sua generalidade tem sido notada no sentido de precisar o conceito de comunidade. Para isso, têm sido feitos vários estudos importantes pelas razões acima mencionadas, que nos proporcionam uma maior clareza conceptual.

Sem grande desenvolvimento, poderemos considerar a comunidade como sendo aquele agregado populacional, em que, como no dizer de Cooley, os seus constituintes mantêm relações *cara a cara*, e no dizer de Frankenberg *têm qualquer coisa em comum*.

Será assim caracterizada por uma certa intimidade entre os seus constituintes, razão pela qual a vida destes decorre à vista dos demais, o que implica uma severa censura social, que leva a uma homogeneidade de costumes por força da observância decorrente da pressão da comunidade.

*Para Mac Iver, comunidade pressupõe a existência de uma pluralidade de fins, de um sentido solidário, de um consenso entre os seus membros, de uma elasticidade multifuncional, ou seja, que aí se possam desenvolver praticamente todas as relações sociais do ser humano.*¹

Precisando mais, poderemos dizer que nos referimos à pequena aldeia.

E é mesmo uma pequena aldeia que escolhemos como objeto do nosso estudo.

¹ Maria José Steck. Polis, comunidade p.p. 1038, 1039.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Por razões da mais diversa ordem, que se prendiam essencialmente com facilidades de estadia, escolhemos uma pequena aldeia no distrito de Castelo Branco, cujo nome é Silvosa.

A preparação para este trabalho foi cuidada até ao pormenor, tanto no aspeto do trabalho em si, como no que diz respeito à nossa estadia, de modo a assegurar na medida ao possível, o sucesso do nosso empreendimento.

Depois de tudo pronto e decidido, partimos de comboio com destino a Castelo Branco, capital de distrito onde se encontra a povoação de Silvosa.



A nossa expectativa e curiosidade contrapunha-se a sensação de deixar para trás, Lisboa, a civilização, sufocada de gentes, de automóveis, de prédios e crescia em nós a vontade de pôr a nu o desconhecido, o desejo de realizar algo diferente daquilo a que estamos, ou não, habituados.

Situada no distrito de Castelo Franco, Silvosa é uma daquelas aldeias cujo acesso é de tal modo difícil, que só estando com ela relacionada ou com a sua área de algum modo, a poderemos encontrar.

Depois de uma suave e longa descida, chegamos à povoação de Paiágua. Este lugar marca o limite de estrada asfaltada, como também o limite da extensão da corrente elétrica.

Passamos depois, a um estreito e sinuoso caminho de serra que nos leva diretamente à povoação de Silvosa. Este caminho é de facto um caminho perceptível, mas tem nele as cicatrizes do tempo e do clima, que o marcam nos seus contornos.

Chegando à Silvosa, encontramos apenas um lugar, médio (pouco mais de 30 habitantes), que além da sua dimensão, poucas diferenças apresenta da sua vizinha, a povoação da Vinha.

As casas são predominantemente típicas, antigas, rústicas, se bem que aí encontremos casas modernas, de emigrantes, ou mesmo de habitantes que decidiram investir na sua aldeia natal, forma-se assim um contraste que dificilmente passará despercebido aos olhos de quem por lá passar.

A eletricidade ainda aí não chegou, mas já estão colocados os postes e as demais instalações necessárias para o efeito, o que após alguma vivência no sítio, não deixa de impressionar. De facto, as condições exteriores visíveis, levam-nos a imaginar, a supor, um certo tipo de vida.

Mas a realidade é bem outra: é a realidade de um lugar em que tudo falta, mas apenas do ponto de vista de quem está habituado a mais e a melhor, porque para os habitantes de Silvosa a mesa está sempre posta (nem sempre foi assim), e se as condições são precárias, sê-lo-ão apenas na medida em que falta o conforto.

Não pretendemos com esta introdução dar uma visão exaustiva de nosso trabalho. Em princípio, e se ele for bem-sucedido, essa visão poderá ser apreendida com a leitura total do mesmo.

Pretendemos sim, fazer uma integração conceptual do nosso objeto de estudo, de tal modo, que para a sua compreensão se possa partir de uma base teórica sólida, que evite divagações do intelecto, mas que pelo contrário, permita, na medida do possível, uma clara e direta combinação da vossa compreensão e do estudo em si.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Pretendemos ainda acrescentar, que com este trabalho, não queremos de modo nenhum ir além daquilo que nos é, quer em meios, quer em experiência, possível. Uma monografia, que se pretenda séria e que visa essencialmente dar as bases práticas a uma equipa de estudantes, é, em suma, o nosso desejo. Pensamos, no entanto, que se este trabalho tiver algum mérito, haverá então conveniência, por parte dos nossos colegas em se lhe dar alguma atenção, já que poderemos assim partilhar a nossa vivência e disto estamos certos de que algum proveito surgirá.

Capítulo I - A Comunidade no Espaço e no Tempo

1. Silvosa, freguesia de Sarnadas de S. Simão, concelho de Oleiros

1.1. Sarnadas de São Simão

Freguesia do concelho de Oleiros, pertence à comarca e distrito de Castelo Branco, diocese de Portalegre, rel. de Coimbra. Em 1970 contava com 677 habitantes em 195 fogos. A vila dista quinze quilómetros da sede de concelho. Tem serviço de correio, feito pela estação postal de Oleiros e escola primária. Terra rica, com extensos olivais, tinha concorrida romaria anual ao orago, com avultadas esmolos. A sua definitiva desanexação e independência da freguesia de Sarzedas demorou muitos anos. Para vincar a subordinação do pároco de Sarnadas ao vigário de Sarzedas, era aquele obrigado a levar-lhe um galo das fogaças da romaria de São Simão.

Situada numa região tipicamente beiroa, numa zona de afloramentos graníticos e de xisto, tem campos de cereais e matos, onde pastam rebanhos de ovelhas e cabras. Está muito desenvolvida na freguesia a indústria do carvão vegetal. A fiação e a tecelagem do linho e da lã fazem-se em regime de artesanato familiar.

Esta freguesia esteve durante muitos anos dependente para efeitos administrativos da freguesia de Estreito, de que foi desanexada em 20-1-1887. Segundo a Estatística Paroquial de 1862, os lugares de Cardosa e Silvosa constituíram em épocas remotas duas freguesias independentes². Fazem parte desta freguesia os lugares de: Cardosa, Sarnadas de São Simão, Silvosa e Vinha.

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira (adaptação)

² Este facto vem reforçar a ideia de regressão na evolução do lugar objecto de estudo.

1.2. Oleiros

Vila com 3525 habitantes em 1978 fogos, segundo o censo de 1970, sede de concelho rural de terceira ordem, fiscal de terceira classe, pertence à comarca da Sertã, distrito de Castelo Branco, diocese de Portalegre e Castelo Branco. Dista 52 quilómetros da sede do distrito e 29 da sede do concelho da Sertã. Orago: Nossa Senhora da Conceição, foi vigariaria da apresentação do grão-prior do Crato. Teve foral dado por D. Manuel em Lisboa, a 20 de Outubro de 1513.

O feriado concelhio realiza-se a 24 de Junho. Tem feiras anuais e mercados aos domingos. Na área do concelho há duas minas de volfrâmio: Fragas número 1 e Fragas número 2. A Igreja Matriz foi mandada edificar por D. Manuel. A seis quilómetros da vila encontra-se a Cova da Moira, na serra de Fernão Porco - grande cavidade feita no tempo dos árabes.

O concelho é formado por doze freguesias e tem uma população total de 12.673 habitantes, em 3585 fogos, segundo o censo de 1970.

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (adaptação)

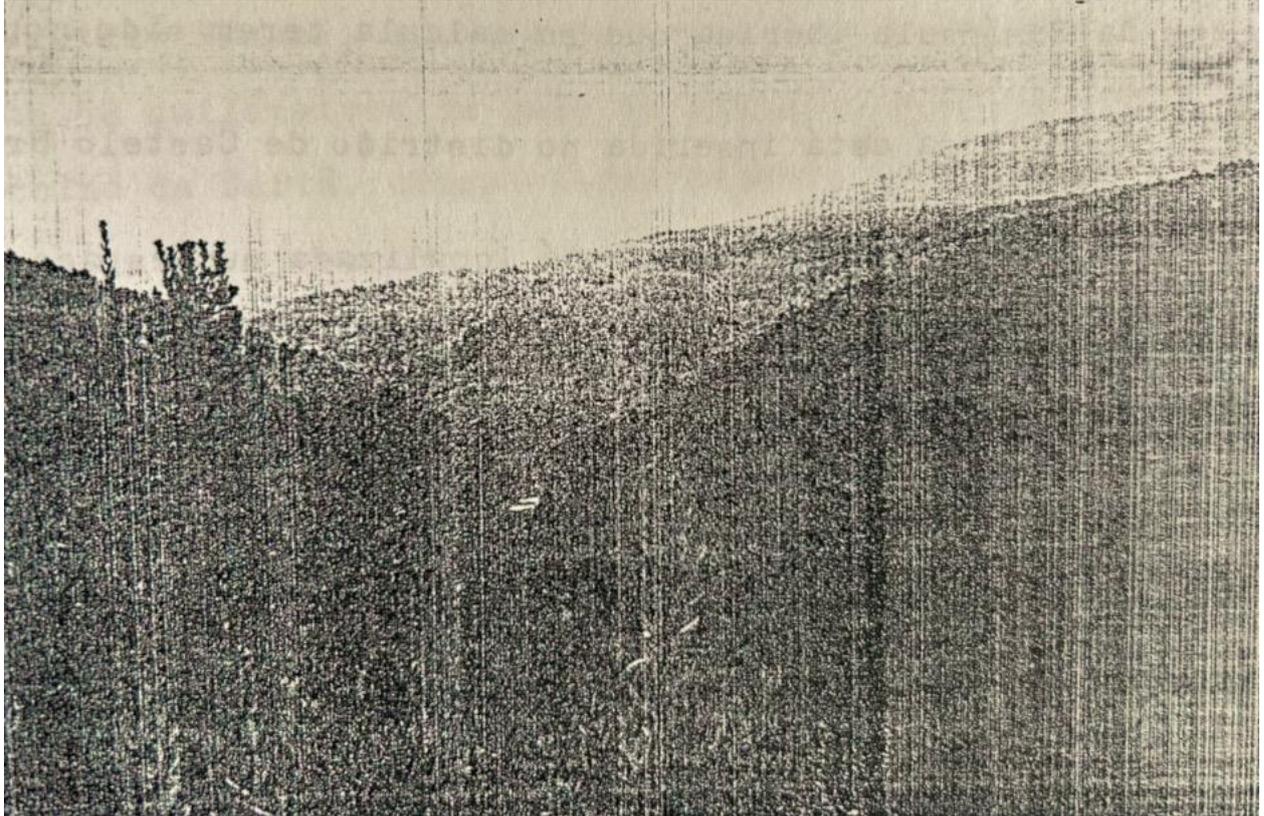
2. História de Silvosa

Silvosa teve como seus primeiros ocupantes povos invasores da Península Ibérica que se calcula terem sido mouros.

Silvosa está inserida no distrito de Castelo Branco, na província da Beira Baixa. Esta está localizada num espaço estratégico e de fácil defesa. Beira Baixa fazia parte da antiga Estremadura dos tempos pré-romanos e da fundação da nacionalidade.

Esta zona foi durante séculos, palco de invasões. Lembre-se que por Portugal se disseminaram Sempsis, Lígures, Cartagineses, Iberos, Celtas, Celtiberos, Lusitanos, Romanos, Godos, Visigodos, Vândalos, Suevos, Árabes, Leoneses, Espanhóis e Franceses. De todos estes povos, alguns ter-se-ão estabelecido na Beira Baixa, outros terão por aí passado esporadicamente. De entre eles quais terão sido os primeiros habitantes de Silvosa? Quem terá construído a magnífica casa de que já só o chão e um ou outro resto de parede subsistem?

Os mais velhos de Silvosa chamam a essas ruínas *a casa mourisca*. Esta está ainda dentro dos limites geográficos de Silvosa e, porém, bem embrenhada no denso pinhal no cimo da serra, e à distância de uma hora de caminho (só possível a pé) desde a povoação de Silvosa até às ruínas.



Vale onde se situa a casa dos Mouros

Da população de Silvosa todos sabem da existência da *casa mourisca* incluindo as duas crianças, mas só os homens e uma ou outra mulher, visitaram as ruínas. Os homens quando se embrenham na serra para caçar, normalmente seguem um percurso que passa por aí. As mulheres que aí foram foi porque lhes calhava também por aí o seu percurso para levar o almoço aos maridos que colhiam resina ainda mais longe (*lá para trás do sol-posto*).

A *casa mourisca* foi já invadida pelo pinhal e mato que cada vez é mais cerrado, notando-se, porém, ainda um chão em forma hexagonal ou pentagonal como fazem querer os velhos da terra que também lhe chamam *a casa das cinco quinas* entendendo-se que *quinas* quer significar *esquinas*.

O resto de paredes que ainda há, mostram que a casa era feita com sobreposição de pedras cobrindo as fendas com barro. Processo que aliás se manifestou nas casas da povoação de Silvosa até muito recentemente.

Os velhos lembram-se ainda de ter visto erguidas as paredes da casa até meio: *aqueles mouriscos eram o demónio!* esta é a expressão que utilizam dizendo que os mouros que fizeram tão poderosa construção parecem ter artes do demónio. Contam ainda que quando eram rapazotes aí achavam alguns objetos de casa e algumas peças de moedas de ouro.

Criou-se até uma lenda dizendo que aí havia um caldeirão cheio de peças de ouro que os mouros ao fugir não puderam levar. Todos os homens da aldeia se gabam de eles próprios, já terem *batido* a área da casa procurando a fortuna dos invasores. Mas sempre em vão.

Até já nem mesmo os velhos acreditam que o caldeirão de ouro ainda lá está. Mas segundo eles, o caldeirão esteve lá durante muitos anos à mercê de quem o descobrisse. Notam ainda que deve ter sido algum *matreiro* (esperto) de outra aldeia e de outros tempos que o descobriu e fez silêncio sobre o achado.

Para os rapazes da aldeia, é ponto de honra já ter ido à casa mourisca, não pela casa em si, mas pela distância que ela representa. E um ponto de referência que alcançado por alguém individualmente já pressupõe da parte desse alguém uma certa capacidade de independência e orientação no mato.

Se os primeiros habitantes de Silvosa são envoltos de lendas e mistérios, já os que nela se fixaram pela primeira vez, permitindo uma linha contínua de permanência de população até hoje, estão mais presentes na mente dos avozinhos de Silvosa. Estes sabem a história da terra que lhes foi transmitida pelos seus avós e que eles por sua vez contam agora aos netos. Assim, colaboram no processo de acumulação de cultura, característico de culturas que mais meios não têm que a tradição oral, para transmitir aos vindouros. a sua experiência de vida para que a continuem.

O que é facto é que tendo abordado os referidos netos a quem os avós já contaram a história de Silvosa eles dizem desinteressadamente: *Ah! os dois mais velhos da terra é que sabem bem isso, eles contavam-nos muitas vezes essa história quando éramos gaiatos, mas eu não ser contar bem. Vão lá aos velhos.*

O mais velho elemento de Silvosa relatou para nós a história dos habitantes de Silvosa a seguir aos *novos* (lembre-se que os *mouros* haviam construído habitações na serra e não onde hoje fica a povoação de Silvosa - no vale - no entanto, ambas estão perto de cursos de água que constituem uma pequena ribeira).

Pois bem, em Silvosa terão sido os primeiros a instalar-se três padres jesuítas irmãos mais a sua irmã, senhora Joaninha. Desses padres são ainda lembrados alguns episódios.

Conta-se ainda que um dos padres de Silvosa numa Quinta-Feira Santa foi à povoação vizinha de Sarzedas onde encontrou o padre do local. Este, ao ver o padre de Silvosa em ar de chacota, disse perante os fiéis: *Ora, ora! Um estevão e um cidadão!* Dai decorreu um desafio oral entre os dois padres tendo o de Silvosa levado a melhor.

O atributo *estevão* foi criado pelos povos vizinhos de Silvosa para designar os seus habitantes como pouco desenvolvidos, como *bichos do mato*, por viverem no meio de estevas(mato). E isto também porque o próprio nome da povoação, *Silvosa*, se liga à ideia de aí haver essencialmente silvas (mato).

A *fazenda* é uma expressão que em Silvosa e na área circundante designa as hortas e os animais que abastecem uma casa de família. Para tratar da fazenda dos quatro irmãos, eles contratavam esporadicamente criados que vinham ao longo do ano realizar certas tarefas na fazenda. Esses criados só viviam em Silvosa enquanto realizavam aí essas tarefas fazendeiras, na época da *Póvoa* (tempo das vindimas e colheita de azeitona). Realizadas as tarefas voltavam à sua vida na sua posição originária.

Dos padres sabe-se ainda que um deles num dia, à sombra de uma oliveira, fez uma homilia (*uma prática*) em que disse *Adeus Silvosa*, desde então, os três irmãos padres jesuítas separaram-se, deixaram Silvosa para sempre e nunca mais se soube nada deles.

A irmã, senhora Joaninha, ficou em Silvosa com a sua fazenda e dos irmãos ocupando-se dela (*cuidando dos haveres*). Os seus criados desde sempre foram o senhor João Roque e a senhora Joaquina da povoação de Sesmos. Os dois criados constituíam um casal que tinha duas filhas que quando casaram começaram também a fazer a época da *Póvoa* em Silvosa.

Ao que parece, a senhora Joaquina estaria interessada em alienar a fazenda de Silvosa, e o senhor João Roque, sabendo disso, quis que esta ficasse de sua posse. Para tanto, contou com o auxílio do seu amigo dr. Franco que era testamenteiro em Castelo Branco. Este ajudou o senhor João Roque a ficar com a fazenda da patroa quando esta estava gravemente enferma na cama *já às portas da morte, pronta a bater as botas*. À cabeceira da moribunda, e de acordo com o combinado, o Dr. Franco fazia-lhe perguntas a que ela devia responder afirmativamente ou negativamente. Com a mão sob a cabeça da senhora Joaquina, o senhor João Roque inclinava esta ao sabor das respostas que lhe convinham. Assim, a senhora Joaquina alheia à sua vontade e talvez à sua consciência, legou a fazenda aos criados que ficavam como patrões depois da sua morte.

A casa desta e dos irmãos padres existe ainda em Silvosa, hoje transformada num palheiro. É uma casa também como a casa mourisca cujas paredes são feitas em pedra e barro. A casa interiormente era dividida em madeira de castanheiro, pinheiro e carvalho. Não tinha chaminé e havia nas paredes pinturas em tom vermelho. O tempo esbateu a cor, mas nota-se ainda que era vermelho.

Apesar de terem a fazenda em Silvosa, João Roque e a mulher continuaram a viver em Sesmos com as filhas. À medida que estas casaram foram tratando da fazenda em Silvosa, juntamente com os maridos e pais. As filhas eram: Maria Joaquina e Micaela. A primeira casou com Manuel Tomas dos Santos, a quem chamavam o *Barateiro* por ajudar a vender roupas. A segunda casou com Francisco Roxo da povoação vizinha de Sarzedas.

Já João Roque, antes das filhas casarem, tinha vendido alguma fazenda em Silvosa. Casadas as filhas, estas e os seus respetivos maridos venderam o resto.

Quem comprava a fazenda, em Silvosa, eram os *obreiros*, que pela época da Póvoa aí iam ajudar na agricultura.

Cada um dos *obreiros* que em Silvosa comprou uma parcela de fazenda, para aí levou a sua mulher e aí constituiu família e deixou continuidade.

Lista dos primeiros compradores da fazenda de Silvosa
e das famílias que iniciaram:

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Nome do comprador	Família	Observações
Francisco Simão	Família Simão	
Manuel Francisco Chamiça	Família Chamiça	
Francisco Pedro	Família Pedro	a Francisco Pedro chamavam o <i>Afonso Costa</i> por ter fama de muito querer saber e se igualar a Afonso Costa, o governante que vendeu as praças para a guerra
Francisco Gama	Família Gama	a Francisco Gama chamavam o <i>Anjo da Guarda</i> por ser sua frase habitual <i>Vele-te o Anjo da Guarda</i>
Francisco Domingos	Família Domingos	
Francisco Marques	Família Marques	a Francisco Marques chamavam o <i>Ferreiro</i> por ser este o ofício do seu pai

Destes compradores todos eles ainda têm familiares residentes em Silvosa. A família em maior perigo de extinção é a família Domingos, pois dela resta apenas um elemento masculino de cerca de cinquenta anos, solteiro.

Estas famílias desenvolveram entre si tal rede de casamentos e cruzamentos que hoje quase se pode dizer que corre em todos um pouco do mesmo sangue. Há sempre um laço familiar, por mais longínquo que seja, a unir dois habitantes de Silvosa. Se não forem parentes por consanguinidade são por afinidade, e se assim não for estão ligados por laços do compadrio (ex.: por apadrinhamento dos filhos no batismo, crisma e casamento).

Os compradores que aí se estabeleceram no início e criaram família, tinham criados que vinham por altura da Póvoa das povoações vizinhas. Mas tinham ainda criados permanentes para guardar o gado: Pastores. Normalmente estes eram rapazitos de famílias numerosas e com dificuldades de subsistência (alguns de Silvosa e outros de povoações vizinhas).

Os criados eram pagos em libras. Os pastores, por vezes, estavam na situação *de meias* que lhes dava o direito de guardar, em conjunto com o rebanho do patrão, o seu próprio rebanho (da sua família). Outras vezes, eram pastores exclusivos do rebanho do patrão. Havia ainda os *caseiros*, criados de sol a sol, e os *obreiros*: criados que eram pagos durante o tempo da Póvoa ou outras temporadas para certas tarefas.

Contratavam-se os caseiros consoante a maior ou menor riqueza da família. Contratavam-se os obreiros consoante a dimensão da fazenda e a família que a trabalhava ser mais ou menos numerosa. Os pastores eram contratados quando ainda os seus filhos eram crianças pequenas. Em estes tendo idade para guardar gado, despediam-se os pastores, voltando a contratar-se quando os filhos já fortes faziam falta na lavoura para andar com os bois e depois quando iam para a tropa.

Os pastores desde o romper da aurora juntava os rebanhos, arranjavam um *sarrão* (cabrito pequeno esfolado) onde levavam a merenda, e o *alegume* (chouriço ou carne e toucinho) ia num *cornu* oco de boi. Subiam à serra, e pelas encostas e vales andavam seguindo as cabras que comiam mato, enquanto eles pastores, iam comendo a sua merenda e bebendo água pelas nascentes. Quando na serra se encontravam grupos de pastores de povoações vizinhas, às vezes acendiam-se brigas violentas onde não faltavam as navalhas afiadas com orgulho.

Entre os pastores da mesma povoação reinava um espírito de solidariedade e cooperação. Normalmente os mais velhos, espertos, encarregavam o mais novito de olhar pelas cabras enquanto eles trepavam figueiras, macieiras e outras árvores de fruto, deliciando-se aqui e ali. Entre si, os pastores punham alcunhas ligadas às suas frases mais frequentes ou às suas características mais relevantes: *o navalhinhas, o merendinhas, o ó rapazes!* etc.

Faziam maroteiras aos agricultores que encontravam pela serra e regressavam quando o sol se punha carregando ao colo os cabritos recém-nascidos. Alguns pastores, para não terem esse incómodo, atiravam os cabritos para um local inacessível, dizendo depois que um lobo (o verdadeiro flagelo de então) os tinha comido. Normalmente, cada pastor tinha a seu cargo cerca de trinta cabeças de gado.

À medida que nasciam os filhos numa família, esta comprava mais cabras e, quando os filhos casavam, iam-se vendendo cabras, por isso os rebanhos de Silvosa foram diminuindo paralelamente com o casamento e saída de casa dos filhos que indo para

outras regiões de Portugal ou para o estrangeiro, aí começavam outro rebanho e diminuían o da sua família de orientação.

Dos habitantes de Silvosa, só um tinha o privilégio de frequentar a escola mais próxima, em Sarnadas, freguesia a que pertence Silvosa. Distam entre si 8km. Esse indivíduo privilegiado era da família Domingos. Rapazote, saía de manhã e levava merenda para o dia escolar. Mas, segundo o que contavam os pastores que o viam no seu trajeto, ele chegava à *lomba dos arcos*, comia a merenda, deitava-se a descansar *na sorna* e voltava a casa como se tivesse ido à escola.

Uma outra família que se preocupou com a aprendizagem do alfabeto, foi a família Chamiça. Essa contratou um pastor de Paiágua (outra aldeia vizinha) que sabia ler, para que de dia guardasse os rebanhos e à noite iniciasse os filhos da família Chamiça no alfabeto e nos números. Na Silvosa, esse pastor era o único que sabia ler, de todas as gentes da terra.

Dos filhos da família Chamiça só um quis aprender a ler e a escrever com o pastor. Os outros ainda começaram, mas logo se aborreceram. Esse filho foi depois o *professor* dos seus filhos e dos filhos dos seus vizinhos. Era ainda ele que lia e escrevia toda a correspondência da povoação. José Chamiça é hoje o mais ancião da aldeia, que nos deu todas estas informações. E contou ainda um episódio das suas maroteiras da juventude em que era ele que escrevia as cartas dos rapazes que namoravam *as cachopas* das outras terras. Ele as vezes escrevia frases que zangavam as raparigas e as fazia pregar um tabefe no namorado em pleno baile *arraial*. Mas eram brincadeiras que eram leves, *nunca deram prejuízo a nenhum. Eu era reinadio, mas se havia mal, logo o compunha.*

Em 2 de Novembro de 1961, abriu a escola de Silvosa com uma professora vinda de Roqueiro (outra aldeia vizinha). Tinha trinta alunos de idades muito heterogéneas. Depois, com as migrações e emigrações constantes, a escola acabou por fechar por falta de alunos. Hoje, o único aluno de Silvosa vai à escola à aldeia vizinha (Paiágua), a pé durante 3km.

No desenvolvimento de Silvosa consta ainda o aparecimento da rádio, dos correios, do telefone e da televisão. Espera-se que a eletricidade entre no rol. Já tem mesmo os postes colocados, mas uma rixa entre a freguesia de Sarnadas de são Simão e a freguesia de Castelo Branco não deixa chegar a eletricidade a esta terra.

O ponto de fricção destas freguesias é Silvosa por esta ser a última povoação da freguesia de Sarnadas, e a povoação que se lhe segue, Paiágua, pertencer já à freguesia de Castelo Branco. O problema está em que esta se recusa a ceder passagem de eletricidade para Silvosa por não fazer parte da sua área. E primeiro que a luz chegasse a Silvosa, vinda da freguesia de Sarnadas de São Simão, a que pertence, teria de passar por outra povoação vizinha que se situa no lado oposto a Paiágua e que é Vinha, a qual está ainda em muito atraso e não parece ter direito a eletricidade nos tempos mais próximos, até porque ainda tem menos habitantes que Silvosa: *eles não são nem metade de nós. São só uma ou duas casas*, dizem os da Silvosa.

Na história de Silvosa, as épocas mais difíceis que estão presentes na mente do seu mais velho habitante, são os dilúvios e as fomes. Quanto aos dilúvios houve um muito grande já ele era nascido, mas só se lembra do dilúvio por ter ouvido contar aos seus pais: *tudo raso, só se via água! Foi p'raí um zoetal!* ficaram então as fazendas todas derrocadas, mas como em Silvosa o pessoal era pouco, iam-se *amparando* uns aos outros.

Houve outro dilúvio já não tão grande e já a o ancião se lembra dele, se bem que não tivesse sido tão grande como o anterior, derrotou árvores e a única ponte que havia em Silvosa (feita em madeira). Lembra-se ainda que nesta altura era preocupação de todos que o moinho fosse levado também, e *fizeram guarda* à pedra da mó do moinho que era indispensável.

As fomes a que estes dilúvios deram origem, nunca foram muito flagrantes, na generalidade todos comiam mal, mas nunca ninguém morreu por não ter de que comer. O mal era geral até nas redondezas de Silvosa: *os tempos eram assim, levados do diabo!*

Houve ainda fomes provocadas por medidas político-económicas republicanas que a nível nacional tentavam controlar uma situação consequente de três anos de seca. Daí derivou a escassez de mantimentos, não aparecendo de que comer à venda. Mas como de costume, em Silvosa, as famílias matavam as fomes umas às outras.

No resto do tempo de então, o problema do dia a dia eram os lobos que andavam sempre agrupados em matilhas. Era raro ver um lobo sozinho. De dia andavam pela serra à roda da aldeia tentando roubar cabras e cabritos dos rebanhos. Mas à noite,

com o cair do escuro, uivavam que metia medo e iam pela povoação assaltando os galinheiros. Era perigo de morte um homem sair à noite. E quantas vezes o faziam?

Por altura de feiras, nas povoações vizinhas punham-se os homens a caminho com paus, caminhando até à feira onde iam comprar o necessário que em Silvosa não havia à venda e que nas povoações vizinhas vendiam, nem eles cultivavam ex. chocalhos, artigos de ferro, artigos de maior porte ou difícil execução manual).

Em Silvosa houve uma pequena taberna que fechou quando o seu dono emigrou. Houve depois uma loja com taberna. Um pequeno comércio que fechou também com a emigração dos seus donos para Lisboa (para dar futuro à filha que acabava de nascer). Depois surgiu novamente uma taberna que fechou por o dono achar que *não era negócio de encher barriga*. Desde então, em Silvosa não há nem loja (pequeno comércio) nem taberna.

Recentemente os períodos difíceis de Silvosa estão ligados, já não a razões naturais (dilúvios, secas, lobos) mas a razões artificiais - incêndios provocados nas áreas vizinhas). Esses incêndios, mediante o toque dos sinos das aldeias e dos telefones, mobilizam as populações das redondezas do incêndio.

Os homens de Silvosa ao serem chamados, vão arduamente com machados e roçadouras, serra acima, combater o fogo para que não chegue perto da aldeia.

As mulheres ficam reunidas em grupos em duas ou três casas à espera que volte um dos homens que traga notícias dos outros. Se o fogo se aproxima muito da aldeia, então até mesmo as mulheres vão ajudar a apagar.

Cada vez mais o pinhal se adensa para dentro da povoação de Silvosa. Os velhos dizem que aquele matagal devia ser cortado: *se o lume lá chega, não sobra um p'ra contar como foi*. Os poucos novos que lá estão em Silvosa, concordam com os velhos. Mas ninguém se empenha na árdua tarefa de desbastar os pinhais mais próximos.

É como se todos tivessem consciência que seria um trabalho em vão porque a Silvosa é uma *finisterra* votada ao desaparecimento e ao esquecimento: *morrem os velhos, os novos vão-se. Ninguém cá há-de ficar*.

3. Relações de Silvosa com o exterior

Sendo uma terra bastante desconhecida e fechada, o exterior não vai ter com Silvosa, mas sim é esta que tenta contactar com o exterior. As relações com o exterior são muito complexas, quer devido à sua dificuldade, quer a se fazerem de várias formas.

Uma coisa bastante séria é a assistência médica, que apenas se faz sentir em Paiágua, muito poucas vezes e em Sarnadas de São Simão, com um médico todas as terças e quintas-feiras. Se a pessoa tiver algum problema grave tem alguém que ir a pé até Paiágua, aldeia onde há apenas um táxi, ou telefonar ao único telefone existente em Silvosa, que por sinal é público, pertencendo aos correios, mas que se situa em casa do *Ti'* João Simão.

De notar que tão perto de Paiágua, Silvosa não tem ainda nem água, nem eletricidade, tendo, no entanto, já os postos para esta última, só que ela tem demorado muito a chegar.

Sabendo que os instrumentos de comunicação funcionam com eletricidade será difícil que Silvosa se mantenha a par dos acontecimentos quer nacionais, quer internacionais. No entanto como se podem comprar pilhas em Paiágua têm rádio e ouvem-no bastante. Quanto a televisão, só 3 ou 4 pessoas é que a têm, a qual trabalha ligada a uma bateria de automóvel que é levada a carregar de 15 em 15 dias pelo padeiro. Quanto a jornais, nunca os vimos com eles na mão. Apenas sabem as notícias pela rádio.

Antes de o correio vir para Silvosa as cartas chegavam a estar 8 dias em Sarnadas (freguesia de Silvosa) até que no Domingo as pessoas que aí fossem à missa poderiam trazer, quer a sua correspondência, quer a dos restantes habitantes da aldeia.

Ainda hoje a chegada do carteiro é interessante, pois embora exista um marco de parede muitas pessoas o esperam, quer à porta das suas casas, quer junto a esse marco para lhe entregarem uma carta e às vezes dinheiro para ele lhes comprar o selo e também para através dele saberem novidades.

Como as estradas de acesso a Silvosa são péssimas, ele muitas vezes vai a pé o caminho todo desde a estrada principal.

Antes de terem telefonia sabiam as notícias quer através dos padres, quer através das Juntas de Freguesia. Por exemplo, atualmente é o regedor de freguesia que avisa quando é que os rapazes têm de se apresentar à inspeção militar.

Sendo, como já dissemos as estradas de acesso bastante difíceis do percorrer com um carro, Silvosa está mal servida de transportes, ou melhor, não está servida de transportes. O transporte mais próximo é a camionete que vai três vezes a Paiágua (segundas, quintas e sábados) além do único táxi existente nesta aldeia.

Durante a época escolar há uma camioneta que vai todos os dias a Paiágua às 14:00, 15:00 e 19:00 horas. É até chamada a camioneta dos estudantes, por ser a que leva os alunos a Alameda, à Telescola, e às escolas secundárias e Magistério Primário de Castelo Branco.

Durante o resto do tempo e durante o tempo de férias há camionetas que não vêm a Paiágua, mas que passam e param numa estrada principal, a cerca de 6Km de Silvosa, chamado *o cortadouro da Paiágua* por ser um cruzamento da estrada principal com a de Paiágua.

Em Silvosa ninguém tem carro. Só uma ou duas pessoas é que têm uma bicicleta motorizada, o resultado é que os habitantes de Silvosa estão muito acostumados a andar a pé fazendo muitos quilómetros, quer em corta-mato, quer na estrada de pedras e areia batida até à estrada principal só para apanharem um transporte até Estreito, Oleiros, Castelo Branco.

Apesar de não receberem as notícias tão depressa e corretamente como nós, facto é que as recebem, mais cedo ou mais tarde, e é isso que lhes importa.

Apesar das distâncias, outro facto é que o povo do Silvosa conhece muita gente das aldeias e vilas, a vários quilómetros de lá, como sejam os das Sarnadas, os do Estreito, os de Oleiros ou de Castelo Branco e de outras aldeias a muitos quilómetros de Silvosa. Isto sem falar dos da Vinha e dos de Paiágua os quais são os seus vizinhos mais próximos.

Desde o carteiro, passando pelo homem do pão, até às visitas de familiares e amigos, tudo serve para conversar e tentar saber *como vai o mundo aí por fora!*

Rodeada de árvores e montes por todos os lados, com redes de comunicação quase intransitáveis, Silvosa tenta, no entanto, manter comunicação com os centros que a

rodeiam, nomeadamente com Sarnados de São Simão, Estreito e Oleiros, mas principalmente com este último, pois é já uma vila, o que lhes permite encontrar aí o que precisam.

Costumam ir ao Estreito e a Oleiros quer para depositar dinheiro, quer para o levantarem, visto no Estreito haver correspondentes de um ou dois Bancos e em Oleiros também a Caixa Geral de Depósitos. Nestes dois centros podemos já encontrar farmácias, estações dos correios, supermercados e mercearias muito apetrechadas.

Além disto, em Oleiros podemos também encontrar um posto da GNR, um mercado, um Posto Clínico, um supermercado já bastante modernizado, um ou dois consultórios de advogados, visto Oleiros possuir uma Câmara Municipal, uma estação da Rodoviária, uma estação de Bombeiros Voluntários, uma Escola Primária e uma Escola Preparatória.

Outra coisa importante é que Oleiros tem um Hospital, além do de Castelo Branco o único das redondezas.

Às casas velhas sucedem-se casas coloridas do cimento, as ruas são calçadas e têm nome.

Oleiros pareceu-nos, portanto, ser uma vila com as mínimas condições de vida e à qual recorrem certas aldeias, todavia apesar de tudo o que ela já contém é Castelo Branco que continua a exercer a sua forte influência. No entanto não nos pretendemos alargar com conclusões sobre Oleiros, pois existem estudos muito mais aprofundados do que o nosso sobre o assunto e porque o nosso assunto é Silvosa e não Oleiros.

Houve também quem nos salientasse a importância da Casa do Povo do Estreito a que algumas pessoas recorrem, importância essa que apenas se faz sentir a nível de assistência médica.

Sabendo da sua situação quase inacessível apesar dos esforços dos habitantes houve quem nos pedisse, sabendo do nosso propósito, para salientarmos alguns problemas de Silvosa, nomeadamente este. Achamos que não é necessário salientarmos nenhum ponto nem sequer pedir que pensem em Silvosa, os factos por si só são suficientemente elucidativos da situação pouco comunicada e pouco comunicada e pouco comunicável em que esta aldeia se encontra.

Que espécie de relações exteriores poderá esta aldeia ter visto ter apenas um telefone, as redes de comunicação serem próprias apenas para carros de bois e os postes de eletricidade não terei utilização?

O tipo de relações existentes será aquele em que são poucas as pessoas que saem de Silvosa para irem tratar de assuntos a qualquer sítio, ou seja procuram sair o menos possível da aldeia para tratarem de assuntos pois os transportes são uma miséria, o mesmo se podendo dizer das redes de comunicação.

Será aquele tipo de relações exteriores em que os habitantes se vêm obrigados a calcorrear quilómetros e quilómetros em qualquer altura e estado do tempo para poderem apanhar um transporte devido às razões acima citadas. Será aquele tipo das relações exteriores em que se se estiver doente o melhor é esperar que passe recorrendo ou não às mezinhas da *Ti'* Palmira pois um doente não está muitas vezes em condições de andar a pé e de viajar bastantes quilómetros para ir ao médico.

Em suma, a comunicação exterior em Silvosa é apenas a indispensável o que significa a dizer por outras palavras que equivale à mínima existente.



Pormenor do brasão da vila de Oleiros existente na Camara

4. Habitações

Como aldeia *antiga* que é encontramos ainda muitas casas construídas à moda antiga. Estas eram baixinhas e feitas com a pedra da região - o xisto e o granito - e barro amassado com água. As paredes do interior, o chão, o telhado e as portas eram de madeira. Antigamente havia lareira, mas não havia ainda chaminé saindo o fumo

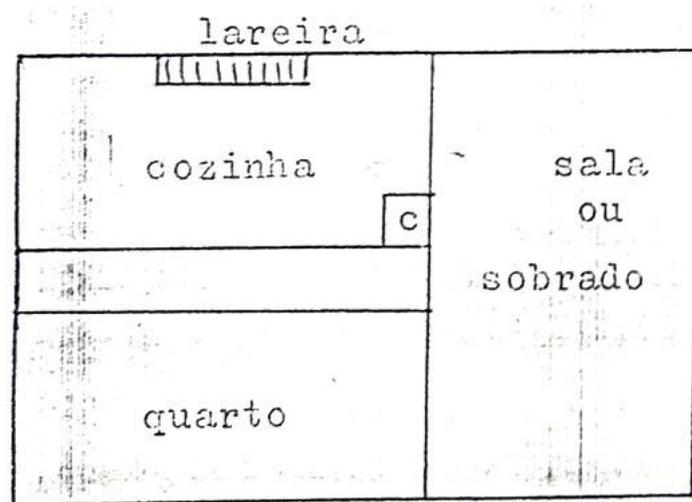
pelas *gateiras* - orifícios nas paredes que servem quer para os gatos entrarem e saírem que para como saída do fumo da lareira.

A madeira utilizada para a construção das casas era a de pinheiro, a de castanheiro ou a de carvalho. Poderão ter um aspeto frágil, mas o que é facto é que resistem às intempéries.

Para construir uma casa não era necessário fazer uma planta, bastava tirar a licença na Câmara e depois traziam-se pedreiros ao dia, ou seja, o dono não os contratava para o serviço todo, pagava-lhes por dia de serviço.

Em 1934 pagava-se a um pedreiro que trabalhasse de sol a sol 10\$00 por dia. O dono da casa ia conduzindo a obra com o conselho dos pedreiros.

Quando os filhos casavam, os pais andavam a fazer casas para eles de antigos palheiros e como até as casas eram pequenas e não davam para muita gente, assim que os filhos homens já fossem crescidos dormiam nos celeiros ou palheiros pois assim até podiam defender os animais dos lobos que tanto os atribulavam naquela altura.



Exemplo de uma casa das mais antigas

Como podemos ver por esta planta as casas eram simples e pequenas. O quarto tinha apenas o tamanho necessário para caber a cama.

A entrada é feita pela cozinha.

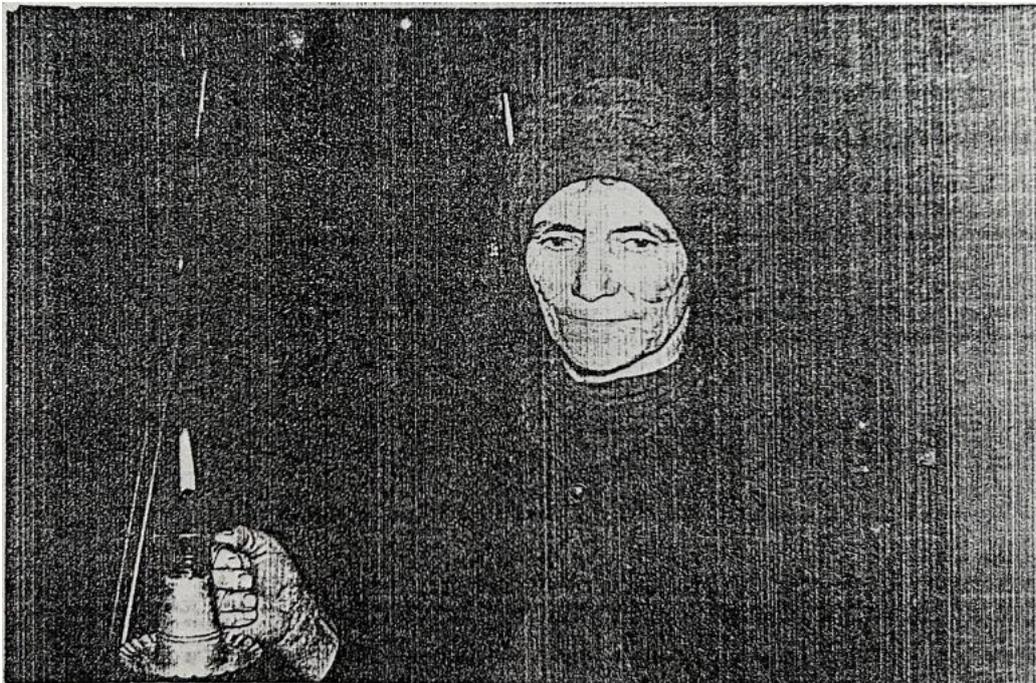
Nas paredes encontramos muitas vezes orifícios mais ou menos quadrados com cerca de 30 cm de perímetro, os quais estiveram preenchidos pelas traves que forem utilizados na altura da construção da casa e que uma vez retiradas deixaram esse buraco que serve muitas vezes como gateira (já citado).

O retângulo assinalado com "c" marca o sítio da cantareira onde se punha o pote de barro com água, visto não a haver canalizada.

De salientar que estas casas antigas também não tinham e não têm casa de banho, pois água canalizada é coisa que ainda não existe em Silvosa e que não vai existir tão cedo. Apesar disso algumas das construções mais modernas efetuadas por emigrantes já as possuem pois utilizam o sistema de fossas e de depósitos de água.

Atualmente assistimos em Silvosa à existência de casas velhas, de casas velhas com partes acrescentadas e de casas novas. No entanto tudo isto é fácil de distinguir.

As casas velhas são muito escuras, quer devido à existência de janelas pequenas e de o material de construção ser um pouco escuro que a tonalidade que o fumo da lareira concedeu às paredes da casa...



...como se
pode ver
nesta
fotografia do
interior de
uma casa.

Assistimos também atualmente a uma espécie de modernização das casas antigas. Há a tendência para os compartimentos serem mais espaçosos.

Muitas casas têm já paredes de azulejo e mosaicos no chão. O cimento aparece a substituir as lajes de xisto. Aparecem lavatórios ou torneiras, fogões a gás e, coisa curiosa, quase todas as casas têm tomadas elétricas para a chegada da eletricidade. Os postes e as tomadas já lá estão...

O mobiliário usado era quase sempre o mesmo. Fogões a lenha ou então cozinhava-se os alimentos em panelas de barro (as chamadas bruxas), mais tarde de alumínio, que se punham em cima de um tripé na lareira.

Existem alguns armários de madeira já muito escurecida onde eles guardam a louça e a comida.



As panelas são penduradas na parede. Do teto pendem ganchos que seguram troncos ou outros ganchos e correntes que servem para pendurar as panelas sobre o lume e também para pendurarem os enchidos.

No chão perto da lareira encontramos tachos, alguidares e panelas espalhadas que também poderá ser encontrado em cima das mesas já que eles as têm sempre postas.

Põem também panelas em roda do lume e rodam-nas de vez em quando de modo que aqueçam uniformemente. Destas panelas uma contém água quente outras contém a comida deles.

A comida dos animais é feita no caldeirão em cima do tripé.

Quer as panelas quer o caldeirão são próprias para cozinhar à lenha, pois estão sempre negras.

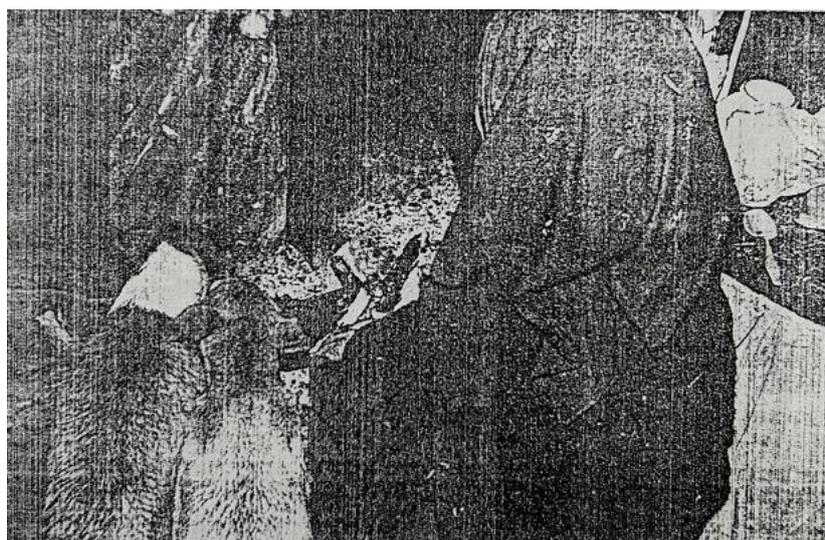
Como assistimos à modernização das casas e do mobiliário de Silvosa a comida que é mais simples é feita à lareira, a outra no fogão, as panelas sujas são as da lareira, as limpas são as do fogão.

No entanto quando é da matança, a comida e os enchidos são preparados na lareira ou do fogão a lenha, nunca no de gás.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspectiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Parte do mobiliário são também as indispensáveis tenazes da lareira servindo esta também da lixeira uma vez que consome tudo.

Os potes de barro que se aquecem nas brasas ou no tripé o os bancos pequeninos de madeira onde as mulheres se sentam para fazerem o comer à lareira ou onde os homens se sentam para se aquecerem são também parte integrante e típica de Silvosa.

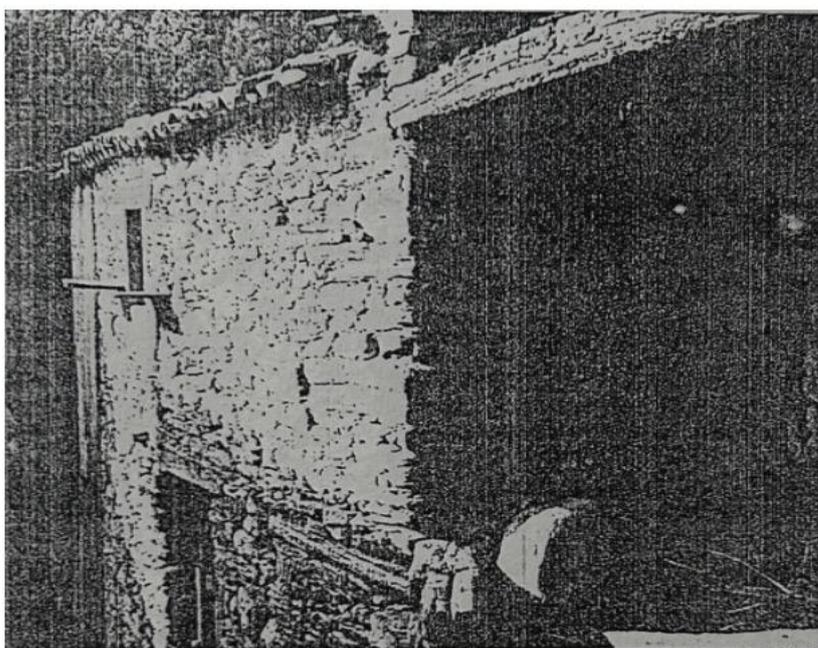


Os bancos tanto podem ser redondos, com três pés, como retangulares com pés ou travessas. Mantêm é sempre a característica de serem pequenos e muito toscos.

Voltando ao aspeto exterior das casas, podendo estes situar-se muito juntas umas das outras, formando ruas muito estreitas ou separadas por vários metros, chegando algumas a estar mesmo isoladas. Podem, no entanto, confundirem-se com as *alojas* das quais apenas se distinguem pelo telhado destas não ser em bico.

As janelas têm uma laje de xisto de cado lado, para pôr vasos com flores. É o caso da antiga casa do Padres (que vemos na fotografia abaixo) e de outros casas também muito antigas.

As portas são geralmente de castanheiro e de carvalho.



Certas casas têm portas que entram um pouco pelo chão adentro, são geralmente mais velhas.

Geralmente as lojas (*alojas*) que são uma espécie de arrecadações ficam ao lado da casa ou por baixo, o mesmo acontecendo com as alojias, os telheiros que também servem para guardar certos instrumentos e o carro de bois também ficam como anexo à casa as outras vezes separados desta estando, no entanto sempre perto dela. Os currais é que já podem distar mais da casa.

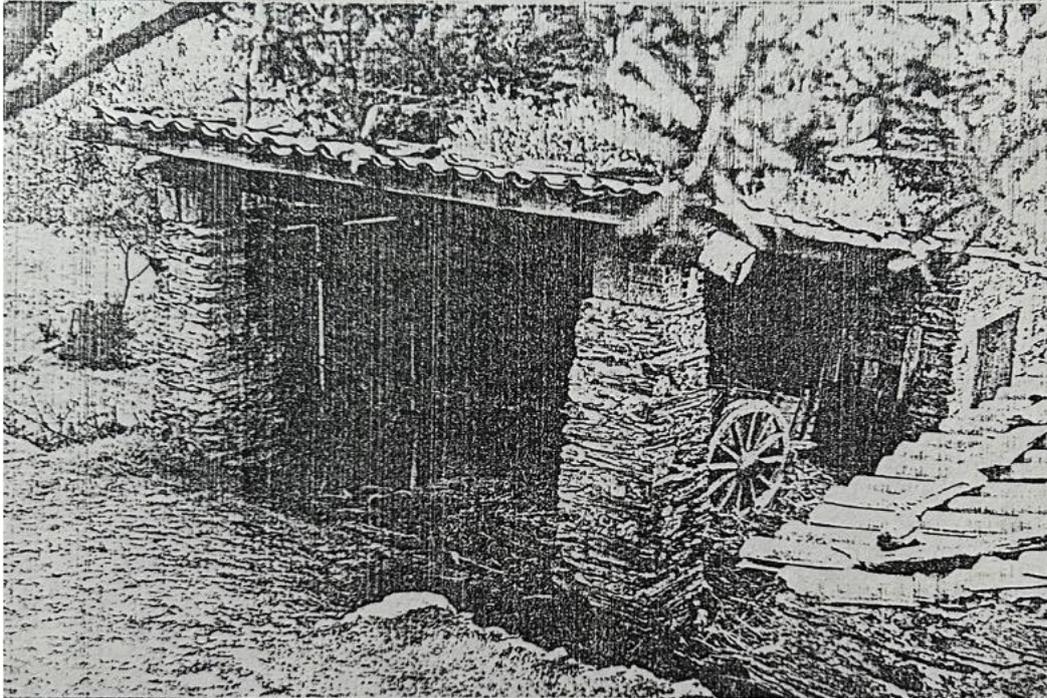
Finalmente valerá a pena citar as fechaduras. Umas são do feitio simples, outras mereciam um lugar num Museu. Em certas casas e lojas encontramos fechaduras de trinco feitos de ferro, noutras casas já só, encontramos fechaduras de ferro de chaves grandes e podemos encontrar ainda fechaduras de trancas fixas de madeira que também são muito utilizadas.

É assim a aldeia de Silvosa. Por um lado, muito antiga, por outro tentando ser moderna com a adaptação e acrescento de certos elementos culturais novos.

Apesar do seu cariz geral ser velho, podemos encontrar ao lado de uma casa de xisto uma casa do cimento com janelas do alumínio encaixilhadas que um emigrante decidiu mandar construir.

Enfim, a questão do tipo de habitação em Silvosa é de importância para compreendermos e identificarmos o nível de desenvolvimento em que a população se encontra.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção



Um telheiro
de Silvosa.

Capítulo II - Estruturas Sociais

1. As Relações Sociais

Em Silvosa não acordamos com os ruídos da civilização. É o som do ribeiro que corre no vale próximo ou da chuva que cai persistentemente nos meses de Inverno que primeiro se ouve ao despertar nesta aldeia incrustada na montanha. Como estamos no Inverno e, por consequência, em época de pouco trabalho, as pessoas não se levantam muito cedo: são raros aqueles que se movimentam pelas ruas do lugar antes das oito da manhã. As tarefas são poucas e, por outro lado, o tempo não ajuda nada. É então altura de comer algumas buchas e, para os homens, de ingerir os primeiros copos de aguardente, muitas vezes ainda em jejum.

Pouco depois, saem de casa para fazerem o que é mais necessário e que acabaram de destinar para o dia em questão. Assim, alguns vão apanhar resina, outros pastar as cabras, outros ainda tratar da terra ou dos animais. Se o tempo o não permitir, as mulheres ficam em casa e os homens, em grupos, reúnem-se nas adegas saboreando os vinhos e as aguardentes.

A cordialidade entre as pessoas é surpreendente e constante a toda e qualquer hora nos ofereciam um copo de vinho ou de aguardente, mesmo pelo garrafão, ou um pouco de presunto ou de chouriço no pão. Aproveitam então para falar dos seus problemas diários, desde a resina que está por apanhar às batatas que há ainda para plantar. Discutem a qualidade do vinho, muitas vezes tornando-se rivais entre si, cada um disputando a posse da melhor *pinga*. Esta rivalidade entre vizinhos é também visível a nível musical.

Uma noite em que tocaram acordeão para nós, denotou-se um certo despique enquanto um dizia tocar melhor que o outro. Aqui, chegam a dizer mal uns dos outros: *Tu não percebes nada disso!* E então, o que disse isto tenta afinar o instrumento, muito desajeitadamente, pois já havia bebido uns tantos copos de aguardente. Tentaram afirmar-se perante nós através de longos relatos das suas relações extraconjugais. Sempre que comentavam o assunto à frente uns dos outros a rivalidade já não tinha a mesma sonância. Agora diziam: *Esse aí é que sabe...*, enquanto deitavam olhares entre si.

Geralmente almoçam cedo, em suas casas, mesmo aqueles que andam a pastar os rebanhos e que andam pela serra grande parte do dia, não regressando senão ao fim da tarde.

À noite janta-se cedo e muitas vezes nem se trata de uma refeição a sério: come-se daquilo que há.

Para que se reúnam em casa uns dos outros não costuma haver um motivo. Uma das noites, o *Ti' César* propôs-se a tocar acordeão, um instrumento que ele trouxera de França, para animar o serão. Então aí cantou-se, toucou-se, dançou-se, o que nos fez sentir perfeitamente integrados naquele ambiente familiar. Serviram-nos vinho e comemos romãs e pevides torradas, tudo isto lareira que é sempre o ponto de reunião das gentes da aldeia, à noite, enquanto não se recolhem aos leitos. Nem o gato nem o cão faltam a estes momentos de calor físico e humano. A amabilidade, a cordialidade, numa palavra a hospitalidade das pessoas é aqui uma constante.

A missa celebrada em alguns domingos a pedido da população, a chegada do tendeiro, a chegada do padeiro, a matança do porco, a enfermidade de algum habitante e o jogo do fito parecem ser as reuniões sociais mais vulgares e frequentes aqui em Silvosa.

Facto curioso a destacar é que os cães estão sempre presentes em todos os *acontecimentos sociais*.

Como em todas as sociedades, também aqui em Silvosa existe uma divisão sexual do trabalho e a nível dos comportamentos de um modo geral que se esperam assumidos conforme se trate de uma mulher ou de um homem.

Assim, por exemplo, os animais, as rações, o corte de lenha e os negócios estão a cargo dos homens, enquanto a criação, a lareira, a resina e as cabras ficam sob o cuidado das mulheres, embora nos casos da resina e das cabras o homem também possa participar.

No que diz respeito aso negócios há um episódio curioso a salientar com o qual nos deparámos quando um dos elementos da nossa equipa procedeu à compra de uma espingarda.

Depois de havermos discutido o preço com o vendedor, enquanto pagávamos, a mulher do ex-dono quis pôr certas reticências e empecilhos à transação. Por outro

lado, ela não queria que o marido desse juntamente com a arma a maquina de fazer os cartuchos.

Quando este, depois de ter ouvido da mulher *Não vendas a arma!* respondeu que se lhe apetecesse compraria outra, a mulher objetou imediatamente: *Então p'ra que vendes essa? Não a vendas!* Contudo, já estava vendida.

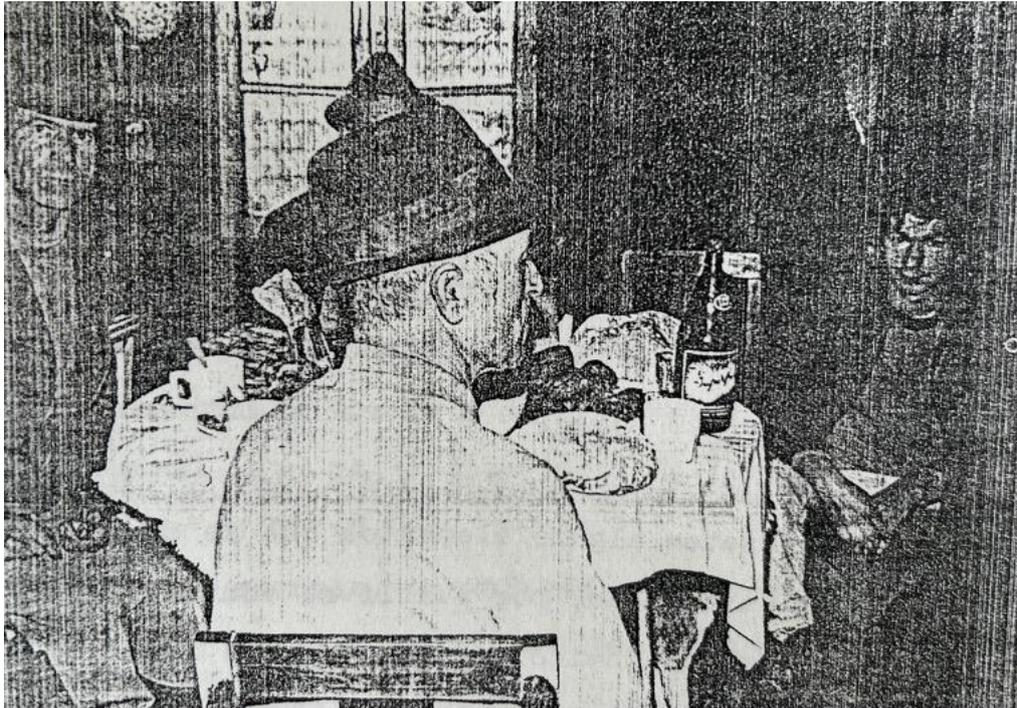
Este episódio ilustrou de uma forma singular o facto de as mulheres serem mais renitentes e sensatas do que os homens em assuntos de vendas.

De um modo geral, existe um bom relacionamento entre os trinta e oito habitantes de Silvosa. Poder-se-á colocar a hipótese de que tal facto resulte da natureza das ligações existentes entre as pessoas, quase todas primas entre si, o que permite manter uma certa unidade. Eles são, deste modo, vistos como uma grande família que não deixa de ser um pequeno grupo e, como tal, consegue-se manter um bom ambiente a nível do inter-relacionamento dos seus membros.

É claro que existem alguns elementos que se distinguem dos demais a partir da adoção, por sua livre vontade, de um comportamento de certo modo anómalo, já que foge às regras do grupo.

Um dos elementos femininos, por exemplo, distingue-se porque não usa véu na missa, mas usa sim um gorro de la entre outras pequenas diferenças a nível do trajar costumeiro. Um dos homens pode também ser considerado diferente dos demais a partir do momento em que não se casou. É hoje um solteirão com mais de cinquenta anos, e que levou uma vida invejada por muitos dos homens casados.

Existe um espírito de interajuda entre os habitantes do lugar. Isso foi bem visível quando da matança do porco, a que se seguiu um almoço para os que nela participaram, e no momento da feitura das chouriças.



Almoço no dia
da matança
do porco.

Nos momentos de ócio, os homens jogam ao fito no Barrão ou então, o que sucede menos frequentemente, às cartas. Na verdade, pelo menos no Inverno, a maior parte do seu tempo livre é passado nas adegas dos vizinhos e nas próprias a conversar e a beber.

Na missa notou-se uma certa dicotomia sexual, também patente em muitos outros pormenores da vida quotidiana. As mulheres, no seu papel social, são seriamente segregadas pelo machismo impregnado nas opiniões dos homens de Silvosa. Dizem eles que a mulher é para estar em casa a fazer a sua lida, pastar as cabras e ajudar na resina.

As relações sociais em Silvosa podem ser vistas como relações cara a cara. A estreiteza do meio em que todos se movem na área social local determina, de facto, que as mesmas pessoas acabem por se encontrar frente a frente nos mais diversos sectores da vida coletiva. Como o meio é pequeno, a divisão de funções tende a ser reduzida. Cada pessoa acumula, na verdade, diversas funções, o que significa que na multiplicidade dos seus papéis cada um acaba por contactar com os mesmos outros nos vários papéis que estes outros igualmente ocupam.

(...) o individuo não pode ser visto separadamente em função da sua posição própria em cada sector da sua vida, e da forma como aí se comporta, porque todos o conhecem e ajuízam dele globalmente e não sectorialmente. ³

Nestas condições, em que o controlo social é apertado, a *mobilidade social é difícil e o status tende a ser mais atribuído em função dos antecedentes familiares e pessoais do que definido pelo que a pessoa realmente é em cada fase da sua vida.* ⁴

Importante fator aqui a destacar é a relação que o homem cria com a terra em virtude da sua atividade a nível agrícola. Assim, *é sempre essencial considerar as relações do homem com o solo, que em agricultura conduz a uma economia espacialmente difusa, tornando possível definir uma região agrícola que serve de base ao grupo e em grande parte delimita os seus horizontes sociais e mentais.* ⁵

A constante sujeição ao controlo dos outros impõe a cada um o respeito, pelo menos exterior e formal, dos comportamentos aceites na comunidade. ⁶

Aquilo que é um valor, aquilo que está integrado no sistema, aquilo que é padrão, adquiriu força coerciva que obriga cada membro singular de uma sociedade e a própria sociedade no seu conjunto ao respeito do seu cumprimento. A força coerciva transforma a cultura em norma, atribui-lhe assim um poder que limita a liberdade de escolha do individuo e o leva a conformar-se com formas estáveis de comportamento. Neste fenómeno, Durkheim vê a origem primária da sociedade. ⁷

A mentalidade do homem do campo é, de um modo geral, reticente quanto a inovações oriundas do exterior. Por essa razão, em muitos casos, a situação de isolamento se torna cada vez mais grave, levando mesmo ao desaparecimento de certas populações.

As relações sociais em Silvosa correm o risco de se extinguirem. Com a diminuição constante do quantitativo populacional que não permite que se processe a renovação do seu contingente, os habitantes do lugar serão cada vez mais escassos. só com pessoas ativas e empreendedoras a cultura poderá ser transmitida ao longo das gerações em comunidades deste tipo.

³ O.S. Barata, Introdução às Ciências Sociais Vol. II, págs. 249-250

⁴ Idem, ibidem

⁵ O.S. Barata, Introdução à Demografia, págs. 141-142

⁶ Idem, pág. 144

⁷ Bernardo Bernardi, Introdução Estudos Etno-antropológicos, Edições 70, Lisboa, pág. 39

Quando os velhos morrerem todos, os outros poderão partir à procura de um *sítio melhor* para viver. Extinguir-se-ão desta forma as relações sociais e, com elas, o lugar de Silvosa?

1.1 Entre Casais

Falar das relações entre os dois sexos, ou mais precisamente, estudá-las no seio de uma comunidade é um trabalho assaz difícil que pode levantar inúmeras questões de ordem subjetiva.

Ora, no âmbito deste nosso estudo, procuramos averiguar qual o tipo de relacionamento entre homens e mulheres, já que ele assume, por vezes, características que lhe são próprias, o que resulta, como é evidente, do com texto em que essas mesmas relações se inserem.

Nesta comunidade, parece não haver qualquer sensação de insegurança entre os casais no que toca à possibilidade de relações extraconjugais. No entanto, e como frisámos na introdução, a nossa permanência no seio da mesma não nos permite afirmar o dito com toda a segurança.

Os homens entram com um grande à vontade nas casas uns dos outros, quanto mais não seja para beberem o *eterno copo* e isto mesmo que a mulher lá esteja sem o marido. Este tipo de eventos é frequentemente observável e é feito sem qualquer tipo de problemas.

Há em Silvosa o caso de uma mulher cujo marido e filhos estão no estrangeiro, mas que por isso não se priva de receber os homens que deambuleiam durante o dia, para beber um copo com este ou aquele.

Quanto a exemplos de casos extraconjugais, conseguimos obter o relato (muito parcial) de um deles depois de largos rodeios e largas quantidades de aguardente. Este caso é-nos relatado por Xico Simão e é referente ao seu irmão João Simão. Diz ele:

- *O João Simão gosta das gajas. Tem-se metido com muitas. Mete-se com ferro velho, casadas e viúvas. Começa sempre por perguntar às suas conquistas:*

- *Dás-me um beijo?*

E ela:

- *Há quanto tempo me persegues?*
- *Há dois anos!*

Frequentemente, os homens que emigraram contam as suas aventuras amorosas em terras distantes e isto em público, não se inibindo de o fazer defronte de suas respetivas mulheres.

Por aqui se pode ver, que embora não haja fricções entre casais, por questões amorosas, existem de facto casos de relacionamentos extra-conjugais. se perguntarmos a alguém a sua opinião sobre o assunto, dirá que a gente de Silvosa é séria. Assim se confundirmos seriedade com inexistência de divórcios,

Silvosa poderá com certeza ser considerada um exemplo.

No quotidiano, a relação entre o casal é banal e repetitiva. As mulheres, talvez por beberem bem menos álcool que os homens são aparentemente mais sensatas que os mesmos, com os quais discutem muito, mas sempre sem grandes resultados práticos, já que estes não parecem dar grande atenção à opinião de uma mulher acerca do que ele deve ou não, fazer. No que respeita à economia caseira, a mulher é aqui, como em tanto outro lugar, tomada como autoridade. De resto, a mulher faz todo o trabalho de casa, ajuda na lenha, resina e gado; não participando nas reuniões de carácter eminentemente masculino, mais por própria vontade do que por vontade expressa dos homens.

No que diz respeito às relações dos pais com os filhos, temos que o autoritarismo dos primeiros é manifestamente sentido. A Ilda, rapariga já feita, dissermos que raramente vai à festa, já que o pai não a deixa sair, e que mesmo nas raras vezes em que sai tem de ir com o irmão que *toma conta dela*.

Disse-nos também que não quer continuar a sua vida em Silvosa e assim não tentará seguir o exemplo de seus pais. Irá acabar os seus estudos secundários e depois vai-se. For enquanto vai ajudando os pais, levando, por exemplo as cabras - *almas do diabo* - a pastar nas serras. Não gosta do sítio. Diz que só é bom para passar férias.

1.2 As Rivalidades entre as Pessoas

Aparentemente não há rivalidades abertas ou evidentes entre os homens de Silvosa. Fode-nos parecer que há uma certa concorrência quanto a se ser o mais hábil nesta ou naquela atividade (recreativa ou de trabalho).

No entanto, apercebemo-nos mais tarde que existe de facto entre certas pessoas uma fricção latente, talvez motivada por razões de inveja, mas que é escondida pelo tipo de vida que levam que é de boa disposição.

Há exemplo de ter havido *justiças* entre os homens, nomeadamente entre irmãos (Ti' João Simão e Ti' Xico Simão). Também entre as mulheres aconteceram e acontecem, mas sem grandes consequências.

Problemas mais graves ocorreram quando das eleições para o Presidente da Junta. Alguns não aceitavam o facto de os outros votarem neste ou naquele. Como a bebedeira é frequente, nestes momentos as 'coisas aqueceram' e chegaram mesmo a *vias de facto*.

O mesmo aconteceu quando da instalação dos correios. Os de Silvosa queriam as instalações, como também as queriam os das terras vizinhas. Chegaram a bater-se e foram mesmo até Lisboa ao Correio-Mor para reclamar.

1.3. O Orgulho das Pessoas

As pessoas manifestam um evidente orgulho em mostrarem as suas coisas.

Se as suas casas são rústicas, sem luz e sem outro aquecimento que não seja a lareira, procuram compensar oferecendo uma hospitalidade esmerada (característica de todos em Silvosa).

Envaidecem-se quando se gabam os seus haveres e em consequência procuram mostrar tudo o que têm, principalmente no que diz respeito a animais (burros, porcos - que aqui chamam bácoros).

2. As Crianças

A população de Silvosa é tipicamente uma população envelhecida, em que os jovens e as crianças representam apenas quinze por cento do total. As crianças representam cinco por cento pois são apenas duas: a Susana e o Jorge. São duas crianças tipicamente criadas num meio rural, franzinas, mas de olhar feliz na sua simplicidade condescendente.

O Jorge gosta muito de jogar com a roda pelos caminhos fora. Diz que em casa tem um carro a pilhas, mas que já não trabalha. De resto costuma entreter-se por aí, quase sempre sozinho.

Também a Susana não tem muitos brinquedos, apenas duas bonecas e uma delas chora e anda e foi-lhe oferecida por uma senhora que a comprou em França.

De resto, eles não têm outro tipo de brinquedos. Perguntamos-lhes se viam televisão e eles responderam que viam às vezes. Não têm televisão e por isso têm de ir ver a casa dos poucos que possuem aparelho: no total só há quatro.

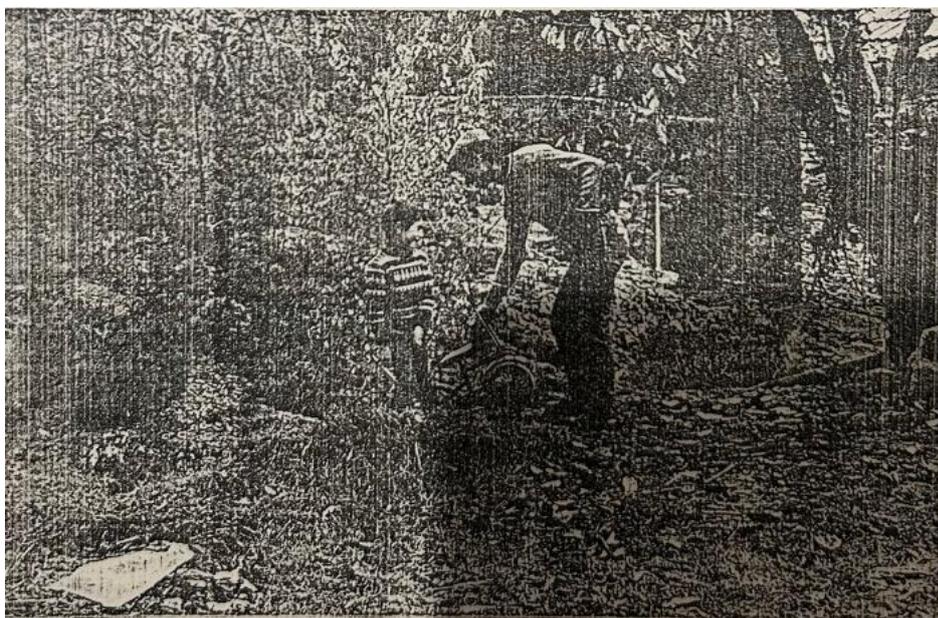
Perguntámos-lhes ainda se sabiam histórias. A Susana disse que não. Foi então que lhes contámos duas: a do Capuchinho Vermelho e a da Branca de Neve. O Jorge conhecia a segunda. Parece que a tinha lá em casa num livro. Sabem apenas algumas adivinhas que ouviram dos mais velhos.

Às vezes brincam os dois juntos, mas muito raramente. Talvez nunca tenham tido oportunidade de brincar em conjunto, em sociedade, por falta de outros companheiros, de outras experiências. Daí que tenham desenvolvido formas individuais de se divertirem, se assim pudermos afirmar.

São crianças que estão habituadas a uma certa violência por parte da autoridade paterna. Aconteceu, uma vez, o pai da Susana vir buscá-la por uma orelha enquanto ela conversava connosco. Contudo, voltou logo depois, segura e alegre por poder continuar ali. São crianças um pouco irreverentes, o que é normal nas suas idades.

Influenciados pelos mais velhos costumam fazer certas analogias, tais com as que fizeram ligadas aos nomes dos elementos masculinos da nossa equipa: *Ó Pedro, manda a chuva! Ó Paulo, manda o Sol!*

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção



o professor
primário o
pequeno Jorge

3. A Emigração

Ao abordarmos o problema da emigração estaremos ao mesmo tempo a abordar um fenómeno nacional ⁸ e como tal teremos de o considerar embora e com o fim de aprofundar o nosso trabalho, o particularizemos de modo a compreender a incidência que o dito fenómeno teve na área em estudo.

De facto, podemos verificar, que, se a emigração afetou a totalidade do continente e ilhas, não o fez de modo equitativo e podemos com toda a segurança afirmar que alguns distritos foram mais afetados do que outros, ressentindo-se assim cada um deles do fenómeno de forma mais ou menos aguda como seria de esperar.

Quando nos referimos ao distrito de Castelo Branco, verificamos que este se situa numa posição intermediária no que se refere ao grau de afetação sofrida pela saída de indivíduos na onda da emigração, como podemos constatar nos dados que se seguem e que se referem exclusivamente à contribuição, em percentagem, de cada

⁸ A emigração tomou a partir do início da década de 60, o papel de fator muito importante no processo de mudança da sociedade portuguesa. (ver M. Antunes, A emigração portuguesa desde 1950 - CIS, pág. 6)

distrito do continente para a emigração oficial⁹ no total dos anos compreendidos entre 1950 e 1969, são eles:

Emigração em Portugal entre 1950 e 1969

1. Porto.....	11,3%	10.Vila Real.....	5,5%
2. Braga.....	10,0%	11.Castelo Branco....	4,8%
3. Aveiro.....	9,9%	12.Coimbra.....	4,3%
4. Viseu.....	8,3%	13.Faro.....	3,9%
5. Leiria.....	7,8%	14.Santarém.....	3,9%
6. Guarda.....	7,5%	15.Setúbal	1,5%
7. Lisboa.....	7,4%	16.Beja	0,9%
8. Viana do Castelo...	6,5%	17.Portalegre.....	0,4%
9. Bragança.....	5,7%	18.Évora.....	0,3%

E, se por um lado constatamos a percentagem de emigração por cada distrito, em que podemos encontrar o mínimo em Évora com 0,3% e o máximo no Porto com 11,3%, também podemos, por outro lado, avaliar o sentido em que a mesma se processa. (ver quadros Nº 1 e Nº 2).

Pela leitura dos quadros Nº 1 e Nº 2, poderemos ver que de um modo geral no que diz respeito ao continente, a emigração desenvolve-se maioritariamente com destino a França, regra a que não foge o distrito em estudo.

No entanto, teremos de considerar o facto de que, até agora, tivemos somente em conta os dados que nos revelam o quantitativo da emigração oficial, o que de modo nenhum nos dá uma visão exata da emigração efetiva, real, ou total, compreendendo agora o quantitativo total desconhecido da emigração clandestina¹⁰. E de modo nenhum nos dá o exato quantitativo, porque se atendermos por exemplo, à população de Silvosa e lugares circunvizinhos, poderemos a título de amostra

⁹ Emigração oficial: número de pessoas que saíram do país munidas do passaporte de emigrante, conforme as estatísticas oficiais (M. Antunes, *A emigração portuguesa desde 1950, dados e comentários*, CIS Lisboa 1973, P. 9)

¹⁰ Emigração efetiva, real ou total: saída do país de pessoas que vão trabalhar e residir num país estrangeiro (M. Antunes, *A emigração portuguesa desde 1950, dados e comentários*, CIS Lisboa 1973, p. 19)

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

verificar que a grande maioria da emigração a nível popular se deu clandestinamente, isto é, quem saía, saía dando o salto¹¹.

Emigração oficial, por distritos de origem e países de destino, 1950-1969

Quadro nº1

Origem \ Destino	Canadá	E. U. A.	Brasil	Venezuela	Argentina	Franga	Alemanha	R. África do Sul	Outros destinos	Total
Aveiro	2132	5691	32976	17286	228	17575	1262	2018	1081	75
Beja	418	94	355	39	37	3409	2325	76	551	7
Bragança	1070	525	21556	1990	1089	49520	4949	256	1405	89
Bragança	537	148	20275	47	271	13899	2248	60	529	49
Castelo Branco	1182	347	3730	628	511	29903	872	101	967	30
Coimbra	1011	1033	18722	1299	300	9633	352	540	1397	31
Evora	42	29	263	25	13	1626	463	47	210	27
Faro	1750	246	1671	2324	2656	14821	2547	386	2495	31
Guarda	363	2952	22367	537	2683	29976	819	211	1586	60
Lisboa	3498	3409	11222	233	557	25922	4746	702	2209	63
Lisboa	5693	5666	9664	825	292	18614	8639	2438	8202	59
Portalegre	116	69	423	39	35	1480	223	80	415	29
Porto	561	781	26696	7214	94	34737	4970	4177	1074	210
Santarém	1247	751	5241	488	62	20847	1055	482	871	31
Setúbal	995	670	1114	134	89	4910	2158	663	1482	10
Viana do Castelo	2143	1707	13990	763	1191	21193	492	166	363	32
Vila Real	576	4695	23449	154	109	12733	1671	85	640	14
Viscu	322	2306	42063	601	692	12921	4096	515	1280	607
Angra do Heroísmo	2009	11892	1069	49	28	16	2	14	48	170
Horta	3033	10735	129	14	0	8	0	1	35	14
Ponta Delgada	29729	26148	2491	155	29	47	7	16	2854	613
Funchal	661	619	20767	38737	178	36	2	2697	1881	822
Outras origens	50	2267	3102	161	161	162	2	82	255	63
TOTAL	61755(a)	82867	310594	73554	12377	343774	45474	21986	37177	58252

FONTE: Boletim da Junta de Emigração Anuário Demográfico, 1974, I. M. E.

(a) Não inclui 232 emigrantes que em 1954 se dirigiram para o Canadá, mas cujos elementos sobre as origens não foram apresentados nas estatísticas respeitantes à emigração ano pelo INE, pelo motivo indicado no Anuário Demográfico de 1954.

Quadro Nº 1 –
Emigração Oficial,
por distrito de
origem e países
de destino, 1950-
1969

Distribuição da emigração oficial originária de cada distrito por países de destino, em percentagens, 1950-1969

Quadro nº2

Origens \ Destinos	Canadá	E.U.A.	Brasil	Venezuela	Argentina	Franga	Alemanha	R. África do Sul	Outros países	Total
Aveiro	2,7	6,4	41,4	21,7	0,3	22,1	1,6	2,5	1,3	100,0
Beja	5,5	1,2	4,7	0,4	0,7	44,7	30,5	1,0	11,3	100,0
Bragança	1,3	0,7	26,6	1,7	1,3	61,3	5,0	0,3	1,8	100,0
Bragança	1,2	0,3	61,3	0,1	0,8	30,1	4,9	0,1	1,2	100,0
Castelo Branco	3,1	0,9	9,7	1,6	1,3	78,1	2,3	0,5	2,5	100,0
Coimbra	2,9	3,0	53,8	3,7	0,9	27,7	2,7	1,6	3,7	100,0
Evora	1,5	1,1	9,5	0,9	0,5	59,0	16,8	1,7	9,0	100,0
Faro	5,5	3,0	5,3	7,4	11,6	46,9	11,2	1,2	7,9	100,0
Guarda	0,6	4,9	37,2	0,6	4,4	48,0	1,4	0,3	2,6	100,0
Lisboa	5,5	5,4	17,8	1,5	0,9	56,8	7,5	1,1	3,5	100,0
Lisboa	9,5	9,5	15,1	1,4	0,4	31,1	14,4	4,2	14,4	100,0
Portalegre	4,0	2,4	15,9	1,0	1,2	50,9	7,7	2,7	14,2	100,0
Porto	0,6	0,9	40,2	7,9	0,1	38,1	5,4	4,6	2,2	100,0
Santarém	4,3	2,4	16,8	1,6	0,2	66,9	3,5	1,5	2,8	100,0
Setúbal	8,0	5,4	9,0	1,1	0,7	39,5	19,0	5,4	11,9	100,0
Viana do Castelo	4,1	3,3	26,5	1,3	2,3	59,6	0,9	0,3	1,7	100,0
Vila Real	1,3	10,6	53,2	0,3	0,2	28,9	3,8	0,2	1,5	100,0
Viscu	0,5	3,4	64,1	0,9	1,0	20,2	7,0	0,8	2,1	100,0
Angra do Heroísmo	23,0	69,8	6,3	0,3	0,2	0,1	0,0	0,0	0,4	100,0
Horta	24,9	73,6	1,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	4,7	100,0
Ponta Delgada	48,5	42,6	3,9	0,2	0,0	0,1	0,0	0,0	5,8	100,0
Funchal	0,8	0,7	35,6	46,5	0,2	0,0	0,0	10,4	5,8	100,0
Outras origens	0,8	35,7	48,9	2,5	2,5	2,6	0,0	1,4	5,6	100,0
Total	6,2	8,4	31,4	7,4	1,3	34,7	4,6	2,2	3,8	100,0

FONTE: Quadro n.º 1.

Quadro Nº 2 –
Distribuição da
emigração oficial,
originária de cada
distrito por países
de destino, em
percentagens,
1950-1969

¹¹ Saída do país de pessoas que vão trabalhar para o estrangeiro e aí fixam residência sem passaporte de emigrantes (M. Antunes, A emigração portuguesa desde 1950, dados e comentários, CIS Lisboa 1973, p. 19)

Ora falemos agora do processo de emigração inserido na povoação em estudo.

Em primeiro lugar e a título de advertência será considerado o termo emigração como sendo sinónimo de emigração clandestina, já que nos consta que a nível da população, a mesma se tenha processado por outra forma.

No caso de Silvosa, que como já referimos, não passa de um pequeno lugar, arreigado de qualquer cruzamento importante que eventualmente lhe facilitasse o desenvolvimento, pode-se constatar que o fenómeno emigração aí fez sentir os seus efeitos pesadamente.

De facto, raros são os homens, que entusiasmados com a possibilidade de prosperarem longe de suas casas, não procuraram refazer suas vidas, pelo menos parcialmente em terras distantes (principalmente em França no caso de Silvosa). Tal foi o caso do Ti' César Santos, que não se cansa de nos relatar as suas aventuras *por terras de França* e das quais passo a descrever uma conversa que sobre o assunto nos concedeu.

Diz-nos o Ti' César que as pessoas que saíssem de Silvosa com destino a França ou Inglaterra, saíam não porque não conseguissem aí sobreviver, mas pensavam conseguir nos ditos países melhores condições de vida de modo a juntar dinheiro e depois voltar para suas casas em Portugal. No caso dele, a sua intenção foi sempre a de voltar, como de facto o fez após uma ausência de 14 anos, (dos seus 46 anos aos 60), e tendo regressado apenas há 4 anos.

Relata-nos o Ti' César ao longo da conversa, todas as suas tribulações e aventuras amorosas durante estes períodos, como aconteceu com a Marie Therése e a Nicole, mas frisa bem que no coração e no pensamento dele sempre permaneceram a mulher e os filhos que cá deixara e a quem mandava de quando em vez algum do dinheiro que ia economizando.

Por vezes sua mulher escrevia-lhe dizendo-lhe que comprara mais uma horta, cartas estas não sem significado, já que esta despesa implicava uns 15 a 20 contos e logo o Ti' César teria de trabalhar mais, poupar mais e sofrer mais, para possibilitar a viabilidade do negócio. Diz ele que nas suas aventuras nunca gastou mais do que uns maços de tabaco: *de resto, todo o dinheiro vinha para Portugal!* Afirmção de certo exagerada, mas que representa bem a mentalidade dele quanto ao fim da sua viagem.

Gaba-se o Ti' César de ter tido sempre bons patrões nos trabalhos que empreendia. Trabalhou na construção civil em vários sectores da região de Paris e também fez trabalhos de lavoura num jardim de um colégio de freiras. Depois disto tudo, recebe hoje em dia uma pensão que lhe mandam de França que não excede os três mil escudos.

Quanto a seus filhos, o Ti' César diz-nos que todos vivem bem e que um deles também andou com ele a ajudá-10 em Franca. Sente-se orgulhoso ao mencionar que hoje é ele quem os ajuda, já que há pouco tempo deu-lhes aos três, trinta contos a cada e mais orgulho se notou na sua voz, quando lhe perguntámos se gostava de viver em Silvosa, já que respondeu depois de abanar a cabeça: *Esta é que é a minha terra!*

Se analisarmos os vários casos de entre os quais o Ti' César é um exemplo, verificamos que todos eles diferem uns dos outros. Alguns foram bem-sucedidos, muitos voltaram não melhor do que quando partiram. Facto curioso, é que as perspetivas de enriquecimento eram tão grandes que grande parte daqueles que foram e não prosperaram, voltaram a reincidir.

Também temos o exemplo mais atual do Alberto, rapaz de Silvosa de 22 anos, que em tempos emigrou para a Suíça onde trabalhou em restaurantes. De lá voltou com o fim de cumprir devidamente o serviço militar. No entanto, ao perguntar-se-lhe se para lá tenciona voltar responde que sim, se o deixarem (com os atuais problemas levantados à emigração reconhece que será difícil).

Quanto ao caso do Ti' João Simão de 50 anos, casado, também poderá ser considerado rocambolesco. Para emigrar, como todos os casos que conhecemos, deu o salto e encontrou-se em França a exercer a profissão de barbeiro, que hoje em dia tanto se gaba. Figura típica e proeminente na aldeia, o que não quer dizer, portanto prestigiada, apenas *badalada*, João Simão é homem para contar as suas histórias horas e horas em torno de um copo.

Como a maioria dos demais acabou a sua expedição por França igual ou pior do que quando par tira e recomeçando novamente a sua vida com a sua mulher que esquecera durante tanto tempo nas suas aventuras amorosas (que ainda hoje continuam, mas a nível local).

Por outro lado, interessa-nos saber como se processava a emigração em ter mos práticos numa povoação em que os meios, até daqueles que eram ganhos no dia a dia por via da terra, eram praticamente nulos. Para isso, bastou-nos apenas uma investigação superficial, ou melhor, um concluir do facto que a emigração era quase toda, se não a sua totalidade, clandestina, ou seja, aqueles que a faziam, faziam-na sem passaporte de emigrantes, indo engrossar de modo ilegal o número total da emigração efetiva.

No entanto e como seria de esperar, já que tal acontece na globalidade do país, a emigração recrutava basicamente os seus efetivos no sexo masculino. No caso de Silvosa não nos consta que mulheres tenham emigrado, ou sós, ou com os maridos, pelo menos no que respeita ao tipo de emigração aí processada, isto é, *dando o salto*.

Este facto, quanto a nós, pode ser explicado por duas razões básicas: em primeiro lugar, porque quem emigrava fazia-o pensando em regressar e logo não interessava abandonar a casa e teria que aí ficar alguém para a manter e quem melhor do que a mulher para o fazer. A outra razão deve-se ao facto de as pessoas emigrarem na sua grande maioria pelo único meio que economicamente falando lhes era possível, isto é, ilegalmente.

Ora se falarmos de *dar o salto*, estaremos a falar também das imensas dificuldades que isso implicava, já que era verdadeiramente penoso chegar a França por este meio, e logo, dar o salto seria *aventura para homens*. Não nos alongaremos na difícil aventura que consiste em dar o salto, apenas referiremos que todos os que o fizeram falam desses momentos como sendo dos mais difíceis ou pelo menos dos mais aventureiros que tiveram.

Queremos deixar bem claro, no entanto, que nos estamos apenas a referir em bases concretas, aos exemplos de algumas pessoas que conhecemos e não queremos que se pense que com este pequeno estudo da emigração em Silvosa se está a querer ir mais além do que aquilo que acabámos de afirmar.

4. Os Tempos Livres

Ao falarmos dos tempos livres, teremos em primeiro lugar que esclarecer o seguinte: a nossa estadia em Silvosa decorreu numa determinada época do ano (Dezembro) e

não durante a totalidade do mesmo, razão pela qual não poderemos falar senão do período que por lá estivemos.

Assim, sobre este tema apenas nos referiremos de modo muito parcial, pretendendo, porém, dar uma ideia definida do modo pelo qual se passa a vida ociosa destas gentes.

A vida em Silvosa não pode ser chamada de organizada, decorrendo assim mais ao sabor das vicissitudes da própria natureza (como é próprio das populações rurais), do que segundo um esquema previamente delineado.

Assim, e no que se refere aos tempos livres, temos que estes são uma constante da vida destas pessoas, embora se possam sentir com mais evidência em certas partes do ano. Para dar uma ideia mais concreta do que se entende por tempos livres numa pequena comunidade como esta, poderemos apontar o seguinte exemplo: a chegada do padeiro a Silvosa constitui um momento em que toda a aldeia se reúne em torno da carrinha do mesmo.

A razão é simples; o padeiro, já que provido de veículo motorizado percorre todas as aldeias das redondezas e serve como elo de comunicação entre as mesmas, razão pela qual é assediado com evidente curiosidade por parte das pessoas.

Nesse momento, que não deve, em princípio, durar mais de meia hora, reunir-se-ão todos os habitantes, homens, mulheres, crianças e mesmo os cães, que ficarão à espera de umas parcas migalhas. Torna-se assim um momento de convívio social e por aqui podemos constatar ou melhor, entender o que é um tempo livre e a espontaneidade em como ele surge na aldeia de Silvosa.

No entanto, não podemos afirmar que as pessoas não procuram organizar os seus tempos livres. Tal não seria verdade, já que de facto constatamos entre outras coisas, de que também viremos a falar, a existência de uma casa do povo, casa do povo está que está localizada no Estreito (concelho de Oleiros).

No entanto e em relação às gentes de Silvosa, esta casa do povo não tem qualquer função evidente ou latente no que respeita ao modo pelo qual as pessoas passam os tempos livres. Ela de facto existe, mas é distante, razão pela qual a casa do povo de Paiágua (povoação vizinha), casa do povo esta, bastante recente e que não é a de Silvosa, é bem mais utilizada do que a do Estreito, inoportunamente distante e logo inconveniente.

De facto, a casa do povo de Paiágua desempenha um largo papel no que respeita à passagem do tempo livre das gentes de Silvosa, principalmente dos mais novos. Presenciamos a um baile que aí decorreu certa noite, baile esse entre os muitos que por lá se verificam (um por semana, em princípio).

Nesse dia, os jovens de Silvosa deslocaram-se à casa do povo de Paiágua, onde com um gravador, algumas cassetes e sem mais, se organizara o dito baile. Encontrámos aí rapazes e raparigas que dançavam e ao mesmo tempo organizavam jogos, como por exemplo, o da vassoura, que consiste em entregar uma vassoura 20 par da pessoa com quem se deseja dançar.

No decorrer da festa, os homens oferecem copos de vinho uns aos outros, sem, no entanto, chamarem as mulheres. Quando muito, oferecem às raparigas um pequeno golo. Alguns, mais velhos, aparecem por lá e encostam-se à parede, observando as danças que talvez já não compreendam.

De uma sala vizinha chegam-nos os ruídos de um apaixonante, pelo menos em aparência, jogo de matraquilhos. Por volta da meia-noite as pessoas de Silvosa empreendem o caminho de regresso a casa, caminho esse que será percorrido a pé, tal como vieram, e que se encontra em péssimas condições.

Quanto ao modo pelo qual fomos tratados pelas gentes no decorrer do baile, temos a dizer que foi antes de mais de modo sensacionalista. Também não deveremos ocultar o facto de o baile ter assumido proporções invulgares devido à nossa presença.

No entanto, ao falarmos da casa do povo ou dos bailes que aí se organizam quer de modo espontâneo, quer planeado, não preenchemos de modo nenhum este tema, Já que os tempos livres têm de ser vistos como algo de muito globalizante. Este fenómeno, como é evidente, além de se prender com a natureza das atividades, prende-se também com o estado de espírito das pessoas.

Ora tem-se dito, e diz-se, que o povo português é um povo nostálgico, à procura no passado para viver o presente (caso do fado), que é um povo passivo, melancólico e verificamos que no caso de Silvosa, pelo contrário, as gentes são alegres, tanto homens como mulheres, com uma surpreendente agilidade de espírito, provavelmente desenvolvida nas conversas em torno da mesa e garrafas, com uma permanente predisposição para o humor.

Tal talvez pareça estranho que aconteça em pessoas que vivem numa aldeia onde pouco ou nada de invulgar se passa e onde à primeira vista se se poderia pensar que a vida é uma monotonia. Mas tal não nos parece que assim seja, após alguns dias de convivência com estas gentes, já que nunca encontrámos má disposição ou abatimento por parte das pessoas, mas sim, e pelo contrário, um sorriso franco e permanente nos lábios de quem contactávamos.

Embora o estado de espírito das pessoas leve as mesmas a assumirem as suas vidas com um sorriso, chegamos à conclusão que pouco esperem da vida, como podemos constatar pelo auto depoimento do Ti' José Chamiça, que passamos a transcrever: *O que queremos é comer e beber e pouco mais. O meu pai assim vivia e eu, como ele, vou vivendo.*

Comer e beber! Duas expressões que de facto são usadas com frequência em Silvosa e que são também motivo das mais acalentadas tardes e noites, em que se segue a falar e falar sobre as mais diversas chalaças ou então nas tardes de domingo em que como diz o Ti' João Simão o que se quer são *copos e folia*.

De facto, em Silvosa, as pessoas são pródigas em chalaças, adivinhas e anedotas. Umhas têm origem bem definida, tais como aquelas que provêm do facto da Silvosa ser um lugar pesadamente afetado pela emigração, como a seguinte charada que o Ti' Xico Simão nos propôs numa tarde em que com ele fomos *tirar as cabras* (pastar as cabras):

- *Com quantas palavras pode o Pedro pedir passagem para passar a Portugal?*
- *Onze: Pobre, Pedro, Pierre, Pintor, Pediu, Passagem, Para, Poder, Passar, Para, Portugal.*

No entanto, estes espíritos são férteis na imaginação de charadas da mais diversa ordem, como por exemplo:

- *Qual a mãe que se cria dentro da filha?*

- *A cortiça!*

Ou então:

*Sou tísica de nascença,
Roo tudo quanto me dão,
Com falta de cozimento lanço ao chão,
Vivo muito oprimida quando trabalho,
Aguardo começo a roer
Começo logo a roncar
Quem sou?
- Uma serra!*

E ainda:

- *Um rebanho para ser completo quantos animais deve ter?*
- *Dez: nove cabras e um bodês!*

Existem também muitas anedotas de carácter pornográfico que os homens contam, tomando, no entanto, as devidas precauções de o fazerem longe das mulheres, embora falem em frente delas com rudes palavras, que por vezes assumem tons de extrema dureza. O que pensamos é que elas (palavras) entram dentro do vocabulário comum, não se tornando assim o seu uso ordinário.

Uma das anedotas inteiramente constituída por calão e que denota um sentimento de igualitarismo por parte dos de Silvosa em relação aos das aldeias vizinhas é a seguinte:

*Olha para comunistas da Paiágua,
Para bêbados da Silvosa,
Para caloteiros da Vinha,
Para putas da Cardoso...*

Além deste tipo de brincadeiras e ainda com influências vindas do exterior, temos aquilo, que talvez não do modo mais próprio, designaremos por francesismos. Incluímos aqui estas duas histórias, principalmente pelo tom com que são contadas:

*Dois colegas iam a fazer compras. Havia um que era mais inteligente do que o outro. Chega ao comércio e diz:
- Donnez-moi un pain para mim e un autre para o outro monsieur que está na rua e não sabe falar francês.*

E outra:

*- Uma velha com 80 anos e tais tem um filho em França que lhe mandava roupa, entre a qual vinha um saiote, e julgava ela que era uma saia. A nora bem lhe disse que era um saiote, mas a velha respondia-lhe:
- Pense-tu, sabes lá o que é uma toilette.
Vem no dia da festa com o dito saiote à guisa de sala, e quando o filho cá veio, ela foi-lhe agradecer a suposta saia e ele, o filho, disse-lhe:
- Ó mãe, não é saia. É saiote.
A partir de então, a velha mãe nunca mais usou o saiote, mas ficou a expressão na boca de todos: pense-tu, sabes lá o que uma toilette! ¹²*

¹² Estas histórias foram transcritas tal como foram contadas.

Basicamente, podemos dizer que os tempos livres são todos passados em torno do eterno copo, (muitos homens de Silvosa encontram-se num estado de embriaguez quase permanente) e como eles dizem, *com um copo de calibre 12*, (é um copo com a bebida mais forte, já que em caça o calibre 12 é o calibre mais pesado), a vida parece bem mais amena e agradável.

5. Famílias de Silvosa

A presente lista inclui a origem dos cônjuges quando estes não eram já da Silvosa.

Estão incluídas as famílias por ordem alfabética do último nome da família.

Sempre que possível incluímos a idade dos cônjuges.

Também aqui estão incluídos os filhos (e às vezes os netos, quando estes estão em Silvosa) mesmo que atualmente não estejam em Silvosa. Nesse caso indicamos onde estão no momento.

Quando não mencionamos onde as pessoas estão é porque estão em Silvosa. Só expressamente dizemos que alguém está em Silvosa quando nos parece que tal devemos acentuar.

Lista das Famílias de Silvosa		
Casal		Filhos
CHAMIÇA		
José Chamiça, 75 anos	Maria Dias Chamiça, veio das Sarnadas, 72 anos	Adelino, está em Lisboa João, está na Marinha Grande Maria José, está em Silvosa
João Chamiça, 72 anos	Maria José Simão Chamiça, 78 anos	José, está em França Lourenço, está em França Maria Cristina, está na Marinha Grande
Francisco Chamiça, está em Bogas de Baixo, 72 anos	Prazeres Chamiça, veio de Bogas de Baixo, casou e agora voltou com o marido para a sua aldeia	Alda, está em Lisboa

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Manuel Chamiça, morreu solteiro há muitos anos		
Maria Teresa Chamiça, já morreu	José Frade, veio de Bogas de Baixo, quando casou veio para Silvosa, quando a esposa morreu voltou para a sua aldeia	José, morreu em França João, está em França Gracinda, está em França Anunciação, está no Padrão Alice, está em Bogas de Baixo Maria José, está em Silvosa
DIAS		
Joaquim Dias, veio do Vilar, 60 anos	Maria da Conceição Simão Dias, 60 anos	Ilda, está em Silvosa Cecília, está em Silvosa José, está em Silvosa
Piedade Dias, veio do Vilar, 54 anos	António Pedro, está em França	Manuel, está em França Adelino, está em França Amândio, morreu num acidente com 13 anos Nota: A família Dias veio do Vilar, só interessa focar os seus elementos que, daí oriundos, se instalaram em Silvosa.
DOMINGOS		
Manuel Domingos, solteiro, está em Silvosa, 60 anos		
Deolinda Domingos, está na Vinha, 60 anos	Manuel Gama, veio da Vinha, já faleceu	Lúcia, está na Vinha Laurinda, está em Santarém
Maria Rosa Domingos, está na Cardoso, 65 anos	António Afonso, veio da Cardoso, casou, está na Cardoso	Não têm
FRADE		
José Frade	Maria José Chamiça Frade	Armindo, está em França Elísio, está na Cardoso José, está em Silvosa*
*José Frade	Dores Frade, veio do Violeiro	Susana Frade, está em Silvosa Jorge Frade, está em Silvosa
Manuel Frade	Deolinda Lucas Frade, veio da Cardoso, já morreu	Maria Rosa, está em Castelo Branco Teresa, está na Cardoso Armindo, está em Castelo Branco Rosalina, está na Vinha Laurinda, está em Inglaterra

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Manuel Frade, 65 anos	Neves Dias, veio de Sarnadas de São Simão	Eugénia, está em Inglaterra Joaquim, está em Inglaterra José, está em Oleiros
MALHÃO		
José Malhão, está nos Vales da Sobreira, 65 anos	Conceição Malhão, está com o marido	Miquelina, está em Lisboa
Joaquina Malhão, já morreu	José Joaquim, está fora de Silvosa, não se sabe onde	Elísio, está em Lisboa
Maria dos Santos Malhão, está em Foz de Giraldo	José Fernandes, está com a mulher	José Fernandes, está na mesma aldeia dos pais
César Malhão, 63 anos	Palmira, veio da Póvoa da Ribeira, 58 anos	Arminda, está em Silvosa com a filha Célia Maria de Jesus, está em França José, está em França
Francisco Malhão, está na Paiágua, 72 anos	Maria Joaquina, está com o marido	João, está na Paiágua Francisco, está na Paiágua José, está em Lisboa
Celeste Malhão, 62 anos	Luís Gil, veio da De Geraldo	Leopoldina, está na Paiágua
Teresa Malhão, 60 anos	António Joaquim, veio de Casas da Zebreira	Luís, está em Castelo Branco José, está em Castelo Branco
Rosa Malhão, já morreu	Manuel Joaquim, veio de Bogas de Baixo, já morreu	José, está no Padrão Armando, está em França António, está em França Manuel, está na Foz da Giraldo
MARQUES		
Francisco Marques, já morreu	Guilhermina Antunes, veio da Paiágua, está em Silvosa	José**, está em Silvosa
José Marques**	Leonor	Madalena, está em Inglaterra Lurdes, está em Castelo Branco
Prazeres Marques, 66 anos	Carlos, veio de Paiágua	Aníbal, está em Castelo Branco João, está em Castelo Branco Manuel, está em Castelo Branco
João Marques, já morreu	Adelaide, está em Monte Gordo	Não sabemos se têm
Maria Joaquina Marques, já morreu	António Roque, já morreu	Maria Joaquina, está na Cardoso Felicidade, está na Cardoso
Felicidade Marques, está em Castelo Branco	Jaime Alves, veio da Abobreira, está em Castelo Branco	Lurdes, está em Castelo Branco

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Piedade Marques	António, veio da Paiágua	Felicidade, está na Paiágua.
Maria Pedra Mateus, já morreu	Francisco, já morreu	António Pedro, está em França José Mateus, está em Paiágua
Manuel Mateus, já morreu	Maria Marques, está em Castelo Branco	João, está em França José, está em França Carlos, está em França Manuel, está na Paiágua Maria, está na Paiágua
SIMÃO		
João Simão	Maria José Chamiça Simão	Glória, está em Lisboa Francisco, está em Lisboa
Francisco Simão	Maria de Jesus Simão, veio de Rochas de Baixo	Armindo, está em França
Lourenço Simão	Celestina Dias, veio de Sarnadas de São Simão	Alberto Emídio, está em França Adélia, está em França
Maria Rosa Simão, está na Foz da Giraldo, 54 anos	Domingos Lourenço, já morreu	Manuel, está na Foz da Giraldo Joaquim, está na Foz da Giraldo José, está na Suíça
TEODORO		
Francisco Teodoro	Joaquina, veio de Rochas de Baixo	Conceição, está na Vinha Silvina, esta em França Hélia, está em França Isilda, está em França Fernando, está em algum lugar fora de Silvosa
António Teodoro, está em França	Maria de Deus, veio de Foz da Giraldo, já morreu	Não se sabe

Quadro da população residente de Silvosa		
	Mulheres	Homens
casados	Joaquina Teodoro	Francisco Teodoro
	Dores Frade	José Frade
	Celestina Simão	Lourenço Simão
	Maria Chamiça	José Chamiça

Silvosa: O Isolamento.
 Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

	Maria Conceição Dias	Joaquim Dias
	Maria José Simão	João Simão
	Maria de Jesus Simão	Francisco Simão
	Maria José Chamiça	João Chamiça
	Palmira Malhão	César Malhão
	Leonor Marques	José Marques
	Teresa (?)	António Joaquim (?)
	Celeste (?)	Luís Gil (?)
	Piedade Pedro	António Pedro
	Prazeres Marques	Carlos Marques (3)
	Guilhermina (1)	Manuel Frade (4)
	Arminda (2)	
solteiros	Ilda Dias	Manuel Domingues
	Cecília Dias	José Dias
	Susana Frade	Alberto Simão (6)
	Célia (5)	Jorge Frade
	20 mulheres	19 homens
	5 casadas	14 casados
	1 viúva	1 viúvo
	4 solteiras	4 solteiros
	39 habitantes	
OBSERVAÇÕES:		
(?)	Não sabemos o último nome das pessoas assinaladas com ponto de interrogação.	
(1)	Guilhermina é viúva	
(2)	Arminda: soubemos por ela que vinha para Lisboa com a filha Célia viver com o marido que já há alguns anos estava em Lisboa (por isso não é referido na população residente como seu marido no grupo dos homens). De	

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

	facto, por informação posterior que nos chegou a Arminda já está em Lisboa e aí ficará a residir. Há, pois, que tirar mais duas pessoas ao contingente habitacional de Silvosa
(3)	Carlos Marques: por informação posterior à estadia em Silvosa soubemos que este senhor já morreu devendo ser diminuído em um habitante o grupo residencial de Silvosa
(4)	Manuel Frade é viúvo
(5)	Célia: filha da Arminda foi viver com ela e o pai para Lisboa um dia depois de nos sairmos de Silvosa.
(6)	Alberto: encontra-se em Silvosa por o serviço militar obrigatório o ter forçado a vir de França onde estava e para onde vai voltar apos ter cumprido a tarefa militar

Com as devidas atualizações:

Grupo Residencial de Silvosa	
Mulheres	Homens
13 casadas	13 casados
2 viúvas	1 viúvo
3 solteiras	4 solteiros
20 mulheres	18 homens
36 habitantes	

Capítulo III - Estruturas Económicas

1. A Terra

Silvosa parece ter sido sempre um lugar fértil apesar do seu nome não ser muito lisonjeiro: *Silvosa - terra de silvas ou matos bravios: A sua fertilidade é-nos testemunhada pelo facto de já os elementos iniciadores do seu casaredo (povoadores) precisarem de contratar obreiros nas épocas de colheita, durante a época da Póvoa.* Outro pormenor que favorece esta hipótese é o facto de alguns desses obreiros se terem logo prontificado a comprar parcelas de terreno em Silvosa quando a patroa que habitualmente os contratava alienou a sua propriedade por motivos de doença que a levaria à morte. E mais ainda, há que notar que os obreiros não se limitaram a comprar terrenos em Silvosa para acrescentar às suas produções, mas levaram para lá as suas famílias e aí se estabeleceram. Segundo diz o mais velho habitante de Silvosa:

Aqui nunca ninguém morreu à fome. Houve, de facto, períodos difíceis e em que todos tinham pouco que comer. Mas o facto não era particular à Silvosa, mas geral à região e muitas vezes ao próprio país.

Tudo isto nos faz pensar que o solo de Silvosa não nega aos que o cultivam os frutos que dele buscam.

A bem dizer, as fontes de riqueza dos habitantes de Silvosa estão todas ligadas à terra. Seja a riqueza de subsistência vinda da agricultura, seja a riqueza complementar vinda da exploração dos pinheiros. Por isso mesmo nós dizemos que a terra é a mãe de Silvosa, pois aí permitiu a fixação e permanência de famílias e casas até aos nossos dias.

E tudo isto colocamos na situação de simples hipóteses não só por não nos ter sido possível fazer uma análise qualificada do solo de Silvosa, mas também porque o passado desta Silvosa é dado a conhecer como lenda pelos avozinhos e muitos pormenores são esquecidos e outros enaltecidos. É a voz do povo que fala com ânimo das suas raízes genológicas.

Vamo-nos, pois, dedicar ao estudo da terra de Silvosa tendo, porém, atenção às limitações que não nos permitem avançar mais.

Ao falarmos em terra temos forçosamente de falar em regime de propriedades, já que sabemos que Silvosa não tem um único proprietário. Vamos, pois, ver como se processou a transmissão das propriedades de Silvosa desde os seus primórdios: dos seus ocupantes mouros não podemos falar porque à volta deles giram apenas as lendas do caldeirão de ouro. E também pouco nos interessaria referi-los já que eles não estão ligados à linha de transmissão de propriedades.

Digamos que por algum tempo usufruíram da terra de Silvosa e depois a abandonaram sem mais. Assim, temos na origem da linha de transmissão das terras de Silvosa a senhora Joanhina irmã dos três padres). Esta detinha todas as terras de Silvosa que quis ocupar já que foi a primeira a estabelecer-se aí com os seus irmãos. Depois alienou-a em favor dos seus caseiros: o casal João Roque e Joaquina Roque. Esta era a primeira transmissão de propriedades, feita de modo muito duvidoso com o auxílio de um testamenteiro de Castelo Branco (Dr. Franco) amigo dos caseiros que com eles colaborou alheamente à vontade consciente da testamentária.

No entanto, com os caseiros já proprietários as terras de Silvosa, continuavam na mão de uma só família. Quando estes começaram a pouco e pouco a vender alguns terrenos de Silvosa, foi-se complexificando a pouco e pouco a rede de transmissão das propriedades porque a Silvosa deixou pela primeira vez de estar nas mãos de uma família para ficar nas mãos de seis famílias.

Aconteceu a partir de então o que é normal acontecer quando a propriedade não está concentrada numa mão única: os vários proprietários começaram entre si a chegar a entendimento e facilitaram-se mutuamente no cultivo das terras. Como? Trocando entre si as terras de Silvosa de modo a ficarem mais satisfeitos. Assim, aquele que queria mais oliveiras ficava com as suas terras de a oliveiras e tocava as outras por terras de oliveiras de outro proprietário. Já o que queria pinhais fazia a troca das suas terras tendo em atenção essa sua vontade. Mas todos tinham em atenção ficar com uma horta para cultivo de produtos básicos da sua alimentação.

A rede de transmissão de propriedades complexificou-se ainda mais quando entre os jovens elementos das famílias de cada geração começaram a acontecer casamentos e cruzamentos. E então, com o movimento natural da população (casamentos dos filhos ou morte dos pais) a propriedade de cada família inicial ia ficando repartida por outras famílias recém-constituídas.

Estes, ao trocarem as suas propriedades entre si, para mais satisfeitos ficarem, tinham em atenção um pormenor muito importante: tentar ter terrenos perto uns dos outros para deles poderem cuidar mais facilmente. Ou ainda ter pelo menos um terreno perto da água para maior facilidade de rega desse e dos outros (porque a água de um podia ser transportada para os outros). Ou tentava-se ainda não ter terrenos encravados, isto é, sem passagem para o caminho, porque em altura de zangas com os donos dos terrenos vizinhos, grandes brigas giravam em torno de poder ou não passar pelo terreno dos outros. De qualquer modo um dono de terreno encravado está sempre a dever favores aos outros, isto é, sente que está a passar em terreno alheio para chegar ao seu e esta não é uma sensação de modo nenhum agradável.

Em Silvosa todos sabem em relação a cada pedaço de terra quem foram os seus primeiros donos e as trocas por que passou até chegar aos atuais donos. No entanto, sabemos que estes *movimentos de propriedade* na sua grande maioria não chegaram ao conhecimento dos regimes contratuais de propriedade. Os contratos eram e continuam a ser, na sua grande maioria, contratos orais, feitos numa adega ou no meio de um jogo de cartas. O que se justifica dado o isolamento de Silvosa em termos de comunicação com os meios de legalização das escrituras e outras estruturas legais.

Para fazer a escritura de um terreno de Silvosa seria preciso os envolvidos no negócio perderem uns dias e algum dinheiro. E isso a nenhum deles convém. Depois, aqui *ninguém engana ninguém*, nem poderia ser de outro modo pois a censura pesada de aldeia cairia ferozmente sobre o que enganasse e a sua família.

Já abordada a forma de compra e troca de propriedades: contratos orais, vamos lembrar ainda que há a forma de doação de propriedades. No caso dos filhos casarem, os pais sentem que devem dar-lhes *de onde tirar o pão para si e para os que deles hão-de vir*. E vamos fixar-nos também na forma de herança de propriedades já que testamentos não parecem ser do uso dos habitantes de Silvosa.

Normalmente, quando os pais se sentem velhos chamam todos os filhos a si e distribuem por todos as suas propriedades. Que verdade se diga já estão muito reduzidas a umas pequenas parcelas, pois foram dando parcelas das suas propriedades aos filhos à medida que estes foram casando. Nesses casos, o pai melhor que ninguém sabe o valor das suas propriedades e as distribui em *querelas* (partes iguais) pelos filhos. E, pormenor curioso, normalmente essa partilha de

propriedades é feita pelo pai em presença dos seus irmãos que é como se fossem testemunhas de que o pai está a fazer igual distribuição por todos os filhos pois que eles sendo irmãos do pai conhecem como ele o valor das terras que já os seus pais lhes tinham transmitido ou a cuja troca eles tinham assistido.

Depois, progressivamente, à medida que a emigração e migração afastaram os jovens ou adultos masculinos da fixação em Silvosa, e com base na crença de que as mulheres não entendem nada de terras, as partilhas de propriedade por velhice dos pais ou herança por morte destes, passaram a processar-se com base já no menor conhecimento do valor das terras por parte dos filhos (herdeiros diretos). Juntam-se os herdeiros todos (ou futuros herdeiros), chama-se alguém conhecedor do valor da fazenda para a avaliar (o mais velho de Silvosa, normalmente), reparte-se a propriedade em parcelas de igual valor, a cada parcela atribui-se um número aleatoriamente.

Esses números escrevem-se em papelinhos que vão servir para sortear as parcelas da fazenda por cada um dos herdeiros.

Depois, há que fazer as escrituras da fazenda de cada um, na Câmara Municipal de Oleiros. Mas muitas vezes os herdeiros não vão realizar as escrituras da sua nova parcela de território.

É, pois, este é o regime de propriedades de Silvosa. Pequena propriedade, em geral, e a cada família a propriedade será tanto maior - mas mais repartida - quanto mais numerosa ela for, nos elementos que a compõem.

Em Silvosa não há notícia de baldios. Há sim liberdade de acesso a todos, aos seus rebanhos de cabras e ao mato dos terrenos, desde que não se deixe que estas danifiquem ou comam algo dos terrenos cultivados. Podem, pois, comer mato bravio, mas não plantas cultivadas.

Também não há qualquer espécie de propriedade fundiária comunitária. As únicas propriedades comunitárias são o forno, o moinho e o lagar que por serem únicos na aldeia são zelados e utilizados por todos.

O regime da sua utilização funciona deste modo: tem direito a utilizar-se do forno, e aquele que primeiro anuncia à aldeia que dele se quer servir. E este anunciar processa-se pela colocação de um sinal à porta do forno, indicando que no dia a seguir alguém já vai utilizá-lo. Esse sinal consta de um ramo de lenha seca

(carvalheiro). Cada pessoa vai pondo um ramo de carvalheiro a seguir aos que já estão colocados. Tem direito a usar o forno a primeira que aí colocou o carvalheiro, a segunda será o que o colocou a seguir e assim sucessivamente.

Já quem primeiro quiser usar o moinho ou o lagar num determinado ano, vai pedir a chave destas à pessoa que por último que se utilizou dela no ano anterior, uma vez que o último a servir-se do moinho ou do lagar é quem fica com a chave pois já mais ninguém precisa de se servir deles até ao ano seguinte ou até à época seguinte.

Depois de estudarmos o regime de propriedades vamos debruçar-nos sobre a terra em si.

Na pequena aldeia de Silvosa, o solo é caracterizado por partes mais arenosas e partes mais rochosas. Nas partes mais arenosas, de terra mais solta, mais fáceis de cultivo, foram plantadas e semeadas hortas.

Nas partes mais rochosas de terra mais dura, abundam variados tipos de mato, um ou outro eucalipto, algumas oliveiras, alguns castanheiros e outras árvores de fruto além de muitos e muitos pinheiros. Achámos interessante fazer uma lista dos vários tipos de mato que preenchem *os cabeços de Silvosa* (as suas partes altas).

Assim há giestas, lantriscas, rosmanos, medronheiros, carquejas, estevões, estevas, silvas, coderços, carrasqueiras, mato excomungado, torgueira, mato do Entrudo, queiró, magorice, juncos, tojos mansos e tojos bravos. O povo de Silvosa sabe bem aproveitar este abundante mato em seu proveito. Alguns para explorarem em colmeias o mel das abelhas (rosmanos e magorice). Outros ainda para alimento das cabras. E outros ainda servem para ajudar a acender o fogo no Inverno.

É curioso observar que as pessoas personalizam mesmo o mato. É o que se pode verificar com o mato excomungado. É evidente que este não é um nome científico de modo nenhum. Porém, para os habitantes de Silvosa, este é o atributo mais bem colocado. Vejamos porquê: excomungado é um atributo que tem de excomunhão, palavra que no sentido religioso se refere a tudo aquilo que é avesso ou hostil à religião. Os habitantes de Silvosa, caracterizados por um grande espírito de religiosidade não tardaram a pensar que este tipo de mato tinha sido excomungado por Deus pois que nem as abelhas o querem e nem as cabras.

Quisemos informar-nos da importância do mel para Silvosa. Pouco nos disseram, aliás como eles próprios reconheceram, tem para eles pouca importância *não tem*

que dizer. Limitaram-se a dizer-nos que as colmeias estão sempre num lugar onde bate bem o sol, ao longo da serra.

No início do Verão começa-se a pôr o enxame fora e põe-se na cilha das colmeias. Quando a família de abelhas está grande, divide-se por outras colmeias. em Maio e Abril que se vão crestar as colmeias: tirar o mel. se o dono não cresta as colmeias na altura certa as abelhas comem-se o mel. A colmeia tem três partes no cortiço: uma parte é para o dono, as outras duas partes são para as abelhas. Fazer viros para as abelhas é outra forma de ganhar dinheiro.

Apesar de tudo, o mel hoje também tem a sua importância em Silvosa, facto que referimos porque sabemos que no último incêndio que houve nas redondezas, logo os homens quando o foram apagar tiveram o cuidado de pôr a salvo as colmeias

Deixando agora o mato bravio de Silvosa, debruçar-nos-emos sobre as hortas e seus cultivos. Curiosamente, apercebemo-nos que aí havia não só culturas como flores que vieram de França ou mesmo de Inglaterra. Logo nos disseram que tinham sido trazidas por emigrantes da família que nas férias trouxeram sementes novas para ver se a terra de Silvosa as aceitava. As que não foram aceites morreram, mas as que foram aceites fizeram as delícias e prazeres dos agricultores de Silvosa pela novidade das culturas.

Assim vieram sementes de batatas melhores, tomates grandes, flores mais vistosas, etc. Mas não basta a terra de Silvosa aceitar as novas culturas, há que seja o paladar dos seus habitantes a aceitá-la também. Por exemplo, há os chuchus, que é uma planta que dá um fruto que não é saboroso na opinião das gentes de Silvosa e por isso não o cultivam se bem que a terra de Silvosa lhes seja agradavelmente recetiva.

Além destas novas culturas, nas hortas de Silvosa podem ver-se os produtos básicos de subsistência mais abundantes e os mais característicos de cada época do ano. Em geral há: tomates, pepinos, pimentos, cevada, trigo, centeio, couves de diferentes tipos (couve de pé alto ou de pé rasteiro ao chão), milho, batatas, alfaces, feijões, ervilhas, favas, beterrabas, nabos e algumas árvores de fruto como sejam: macieiras, laranjeiras, nespereiras, pessegueiros, amoreiras, cerejeiras e oliveiras.

Quisemos saber que tarefas eram preciso realizar para conseguir manter uma horta e os seus cultivos. É de notar que as pessoas riem incrédulas da nossa ignorância nesse campo, parece-lhes impossível que os estudantes não saibam uma coisa que

parece que toda a gente sabe. Foi, pois, difícil conseguir um esquema das tarefas de Verão e de Inverno do cultivo das hortas. Temos, pois, que nos limitar a expor os elementos a que tivemos acesso.

No Inverno corta-se mato para estrumar as terras (*roçar mato*), cava-se, arranca-se o mato bravio e ervas daninhas, e semeiam-se então as terras. É também no Inverno que se podam as videiras (em Janeiro) e se raspa a resina seca dos pinheiros. Apanha-se a azeitona e faz-se o azeite. Faz-se também a aguardente. Fia-se o linho.

Na Primavera semeia-se os cereais e planta-se a batata. Limpam-se ainda as oliveiras dos ramos velhos.

No Verão regam-se as terras e aguam-se com aguadouros (espécie de cabo de vassoura com um baldinho de alumínio na ponta que serve para encher de água e atirá-la sobre as plantas e a terra). É também nesta altura que se tira a folha e a bandeira do milho. Apanha-se o feijão também.

No Outono fazem-se as vindimas e recolhe-se lenha seca para usar em aquecimento no Inverno.

São estas as tarefas sazonais em Silvosa.

No entanto, homens e mulheres não têm igual papel a desempenhar na realização dessas tarefas: *cá as mulheres fazem o trabalho que podem para ajudar os homens. Mas há coisas que só um homem pode fazer. E como lidar com bois: mulheres e garotas diante deles adua-lhes e pelo ar, isto é, as mulheres e as crianças não têm pulso forte que intimide os bois a obedecer, por isso só rapazes ou homens fazem trabalhos que implique participação destes animais.*

Em Silvosa, há mulheres viúvas com os filhos emigrantes ou mulheres casadas com maridos emigrantes. Estas para não dependerem dos vizinhos, pedindo a um homem da Silvosa que lhes realize tarefas com bois, utilizam burros ou machos porque são animais que já uma mulher consegue conduzir bem.

Outras tarefas que só os homens fazem é cortar os pinheiros por exigir força e *picar o pinho*, isto é, meter a bica no pinheiro por ser tarefa que exige conhecimento do segredo do pinheiro e parece aos homens que as mulheres nunca conseguem palpitar em que parte do pinheiro haverá mais resina.

Tal como há tarefas exclusivas dos homens também as há de mulheres: pôr flores, fazer pão, cuidar da roupa e da alimentação da família. E aí do homem que tente auxiliar a sua mulher em qualquer destas tarefas. Acontecer-lhe-á como por exemplo a um homem que já morreu a quem os outros homens puseram a alcunha de o *rendinhas*, por fazer renda como as mulheres. E quando um homem ajuda a sua mulher diz-se que foi feito burro por ela *deixou-se montar*.

Quisemos saber quem cuidava da alimentação do gado e curiosamente observámos que aí também havia diferenciação sexual: os bois, burros e machos são alimentados pelos homens ou rapazes que lhes dão comer quatro vezes por dia (de manhã, ao meio-dia, à tarde e à noite). Estes comem palha de milho (canas de milho, folhas de milho e folhas de maçarocas de milho que se chamam *sarafolho*. Bebem quatro baldes de água por dia, e há que notar que no Inverno os bois só bebem água aquecida.

Quem cuida das cabras são as mulheres ou as crianças. Às cabras não se vai pôr o comer como aos bois, as pessoas tiram as cabras do curral para que estas comam mato pela serra e bebam água nos riachos. Mas mesmo assim, uma vez por dia põe-se no curral das cabras um pouco de mato ou milho em grão, folha ou erva para melhor as alimentar. Quanto ao cuidar das cabras se bem que estejam mais a cargo das mulheres, muitas vezes são os homens os seus pastores para as mulheres fazerem outras tarefas que só a elas cabem.

Mas já a alimentação dos coelhos e galinhas compete unicamente às mulheres. Os coelhos comem restos de comida, erva e milho em grão. Tratam-se uma vez por dia. Já as galinhas comem restos de comida, milho, farinha e farelos e são tratadas duas vezes por dia. Também os porcos estão ao cuidado das mulheres e é com orgulho que elas os mostram luzidios e gordos. Estes exigem ser tratados três vezes por dia. comem restos de comida, batatas, couves, alface, farelos e farinha e bebem muita água.

Curiosamente apercebemo-nos de que tarefas havia que deixaram de se realizar, além do cultivo e labor do linho, fazer a alqueve (primeiro arroteio de terras ainda nunca cultivadas) e fazer carvão.

Foi-nos mesmo dito que alguns anos atrás, o carvão foi uma das grandes fontes de riqueza das gentes de Silvosa. Fazia-se o carvão por altura do São Miguel ou quando calhava. Arrancavam-se torgas (espécie de mato), fazia-se uma cova funda e

deitavam-se para lá as torgas e deixavam-se arder bem. As torgas mais miúdas ficavam em cima por arderem mais facilmente. Depois de queimadas, as torgas eram cobertas com terra e ficavam acesas lá dentro, e por isso tinham de ficar bem tapadas. Se ficasse um buraquinho destapado ardia a cova toda e estragava-se o carvão. Ao outro dia faziam uma eira, um bom sachó para espalhar o carvão, e em ele estando aceso ia-se apagando. Em ele estando apagado começava-se a metê-lo em sacos e os carvoeiros vinham com burros buscar os sacos de carvão.

Os carvoeiros eram os que compravam o carvão e não os que o faziam. Vinham os carvoeiros comprar carvão à Silvosa e vendiam-no em outras terras que dele precisavam. O carvão em Silvosa era feito na serra longe da aldeia. Naquele tempo não havia gasolina nem gás, havia muitos fogareiros e o carvão vendia-se muito bem. Cada um nas suas torgas podia fazer carvão e vendê-lo. E quem não as tinha, comprava-as para fazer carvão e vender. Nesta altura só os homens faziam carvão. Com o surgimento de outros combustíveis, cada vez menos homens faziam carvão, e hoje em dia em Silvosa já ninguém faz carvão.

Ainda dentro das tarefas de Silvosa, uma nos mereceu certa atenção: as enxertias. Estas são realizadas em Março quando as árvores a enxertar são videiras, cerejeiras, macieiras, ginjeiras ou pessegueiros. Quando é *mais para a tarde* é uma enxertia de assobio (já as árvores têm rama).

Despertou-nos interesse também saber qual a necessidade de água que tinha o solo de Silvosa para que as suas hortas fossem férteis. A resposta à nossa curiosidade foi muito empírica: *de Inverno pouca água ou nenhuma se lhe dá e de Verão vão-se aguando as terras mais ou menos conforme está mais ou menos calor.*

O clima de Silvosa parece ser: Inverno chuvoso e Verão seco, sendo a Primavera e o Outono caracterizado por ligeiros aguaceiros *que não enchem barriga.*

Para encerrar este capítulo da riqueza da terra, não quisemos deixar de referir que as terras cultivadas em Silvosa são cada vez menos. E é evidente que as terras cultivadas são as que estão mais próximo da aldeia. As mais longínquas já ninguém adivinharia que outrora foram verdinhas de milho ou amarelinhas de outros cereais tal é o cerrado mato que as ocupa.

Mas à medida que as famílias foram diminuindo e só as casais velhas foram ficando: Estes passaram a cultivar só o indispensável para a sua subsistência e o mais perto

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

de casa possível pois que as suas possibilidades físicas vão sendo limitadas com o correr dos anos.

2. O Comércio

Falar de comércio num lugar com a dimensão de Silvosa será talvez uma tentativa pretensiosa à partida. Pelo que podemos constatar, Silvosa não tem em si e por si, aquilo que correntemente se entende por comércio. Por si e em si, tem antes u processo de entreaajuda entre os habitantes, processo esse que preenche as necessidades sentidas por qualquer indivíduo.

No entanto e se olharmos agora para Silvosa como inserida numa área geográfica e social mais vasta, então poderemos falar de comércio propriamente dito. A este comércio poderemos determinar um sentido, sentido este que não pode ser outro além de unívoco e com a direção de fora para dentro.

De facto, e salvo raras exceções, a povoação de Silvosa praticamente não vende produtos aí produzidos para o exterior. As exceções são o azeite, quando o há e a resina. Mas mesmo em relação à resina devemos esclarecer que todo o trabalho feito nunca é por conta própria, mas sim por conta de outrem. Assim podemos concluir que ainda aqui a influência exterior é primacial. Alguns dedicam-se a pequenos trabalhos que possam render dinheiro, como o Ti' João Simão, que por vezes nos seus tempos livres faz 'viros'¹³ para as colmeias.

Aparte estas exceções, se é que podemos em plena consciência chamá-las de exceções, todo o comércio vem do exterior. Tendeiros, peixeiros, padeiros e ciganos, vêm de fora periodicamente para comerciar.

A vinda do padeiro a Silvosa é sempre um momento apreciado por todos. Tal como os tendeiros e peixeiros, o padeiro não vende apenas o produto que o caracteriza, ou seja, o pão. Pelo contrário, tenta conciliar outras atividades, como seja levar e trazer as baterias para carregar (com essas baterias alimentam-se as poucas televisões que por lá há).

Quanto aos peixeiros, a regra é a mesma: trazem essencialmente peixe, mas procuram abastecer-se de tudo o que pensem que as pessoas irão precisar.

O tendeiro, é talvez o vendedor mais polivalente que podemos observar pelas terras de Silvosa. Aparece todas as quintas-feiras (de Verão) e isto é um fenómeno recente

¹³ pregos de madeira com os quais se montam as colmeias

já que antigamente ele não chegava a Silvosa e as pessoas não lhe tinham acesso. Pelo contrário, tinham de deslocar-se à povoação vizinha, a Paiágua, o que saía mais barato em termos unitários, mas envolvia uma maior despesa na taberna. No entanto, ainda hoje a ida à Paiágua é uma variante alegremente encarada. Como eles dizem: *Senão vamos à Paiágua. Não há problema!*

Um tendeiro por nos observado, trazia especialmente, sardinhas, castanhas, bacalhau, e outros produtos de mercearia, entre eles, iogurtes, leite condensado, cerelac e muitos mais.

Tanto o padeiro, como o peixeiro, como o tendeiro, deslocam-se numa área que lhes é própria, comerciando com um veículo, tipo carrinha. Deslocam-se de povoação em povoação sem nenhum controle fiscal ou de autoridade sejam elas quais forem. Como diz um habitante de Silvosa: *A polícia já cá não vem, ou vem muito menos do que vinha dantes.*

No entanto e como acrescento a este pequeno aparte, podemos dizer que as pessoas, de modo geral, respeitam os ditames da lei, e temos o exemplo da caça, em que as pessoas de facto compram as licenças de caça embora pudessem caçar sem as mesmas. U mesmo podemos dizer da pesca...

Devemos ainda deixar claro que as atividades comerciais em Silvosa variam com a época do ano. No Inverno, os comerciantes parecem esquecer que Silvosa existe e isto não é por acaso. A localização de Silvosa e as suas vias de comunicação e acesso são as responsáveis. O Inverno torna as estradas quase inacessíveis por carro e as compras no Inverno nunca são significativas. As pessoas estão com *espírito de hibernar* e é como se vivessem num estado de adormecimento. Com a Primavera e o Sol *acordam* aos contactos com o exterior e fazem então compras. Podemos agora por a questão: o que é que as pessoas compram?

Se nos referirmos a produtos de consumo alimentar, podemos dizer que as compras são de carácter prático e têm a exclusiva função de proporcionar ali mento! Mas se nos referirmos a artigos que sejam outros do que alimentos, a situação varia completamente. As pessoas compram desde grandes cobertores felpudos a coisas que se destinam a eles próprios e que muitas vezes guardam nas arcas sem as usar.

O facto de um artigo ser vistoso influencia muito no processo de escolha e os vendedores ambulantes têm disso consciência, razão pela qual a escolha dos artigos

que levam para venda não se baseia em questões de qualidade, mas sim no facto de serem ou não vistosos além de possivelmente úteis.

Temos ainda mais um grupo de indivíduos, que pela sua atividade se tornou fonte de comércio em Silvosa. são os indivíduos de raça cigana e pelos relatos ouvidos poderemos afirmar sem grande margem para erro que o povo de Silvosa sai a perder com as transações aí efetuadas.

Os ciganos vêm essencialmente para vender material de pouca ou nenhuma qualidade, como relógios, roupas, etc...etc., e para comprar artigos que possam ser considerados como antiguidades, tais como, armas antigas, caldeirões e outros, com vista a transacioná-los em antiquários por preços que provavelmente tornariam ridículo o montante da transação em Silvosa.

Apesar desta fraca atividade comercial, e como fazemos menção num outro capítulo, as pessoas em Silvosa não passam fome¹⁴. Com uma agricultura tipicamente de subsistência, retiram da terra e dos animais tudo o que necessitam. Quase todos trabalham na resina, mas podemos afirmar que o grosso que constitui o quotidiano da sua subsistência o tira de rendimentos próprios. Com o dinheiro ganho na resina, certamente o irão gastar nos copos e talvez, porque não, em algum artigo alimentar. No entanto esta seria a exceção à regra.

Assim as terras que têm chegam-lhes. Cultivam uma parte e daí extraem o que precisam para comer e aquilo que não têm trocam com outro que tenha.

Podemos concluir este capítulo com uma transcrição de uma opinião de um habitante de Silvosa sobre o assunto: *Dizem cá que isto é vida pobre e esfarrapada, onde se trabalha muito se arranja pouco, mas é melhor do que viver em Lisboa...*

¹⁴ Neste último decénio houve umas poucas secas que trouxeram algumas privações. Os piores momentos aconteceram durante a segunda grande guerra em que todos tiveram de restringir em muito o consumo.

Dizem eles que nessa altura o Salazar mandava para fora aquilo que deveria reverter para os portugueses e que o Salazar também afirmou: *da guerra vos livro eu, mas da fome não!*

3. Culinária, Alimentação e Pão

Poderíamos dividir a culinária da Silvosa em 3 partes. A primeira seria a da culinária propriamente dita, a segunda referente à matança e a terceira a da preparação.

Quanto ao primeiro capítulo as refeições da Silvosa são muito à base de carne de porco e enchidos acompanhados com feijão seco. Muitas vezes fazem refeições à base de enchidos e são sempre *regadas* com bastante vinho.

Todas as refeições são tomadas bastante cedo (almoço às 11h e jantar às 6h) e são bastante pesadas pois como já salientámos são muito à base de pão, feijão seco e batatas. As verduras não são muito usadas.

A comida, quer seja a referente à matança, quer seja a considerada mais especial é feita no fogão a lenha ou à lareira por assim ser considerada mais saborosa.

De comidas típicas podemos salientar a botelha frita que é abóbora frita, as chilas que são filhoses de chila cozida, o carolo que é um doce de papas de milho com canela. Em certas casas há muito o hábito de fazer doces, inclusive o arroz-doce ou o leite creme. Também se faz muito a marmelada e todo o tipo de doces de frutas.

Na matança o sangue é aproveitado quer para os chouriços de sangue, quer para ser comido na altura com pão e azeitonas ou tremoços e com bastante vinho da região. O sangue é comido com alho, vinagre e azeite.

É na altura da matança que são feitos os enchidos. Os chouriços, as morcelas, os chouriços de sangue, os paios. No dia da matança também se faz a fritada que é feita com fígado, entretinho e rins.

As morcelas são feitas com o bofe e a carne ensanguentada e também com o coração.

Os miolos são também aproveitados, são salgados e pisados com alho, para depois serem cortados e cozinhados.

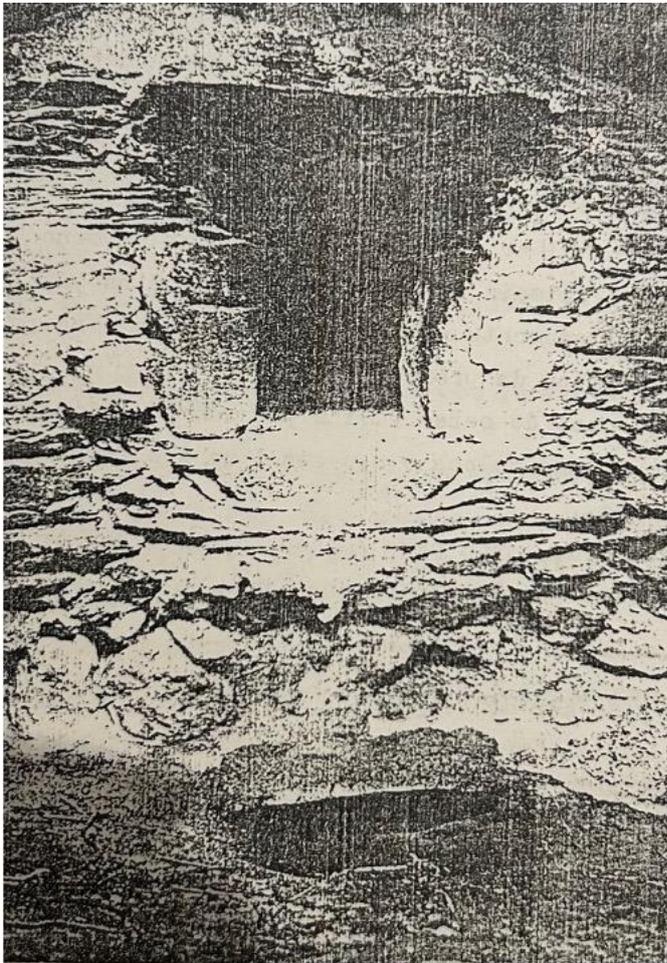
No entanto não vale a pena estarmo-nos a demorar mais sobre este assunto, pois ele pertence ser abordado em profundidade no capítulo da Matança.

Ao contrário do que acontece na cidade, em Silvosa o pão é feito pelos próprios habitantes, isto não quer dizer que duas vezes por semana não vá lá a camionete do pão.

Há dois fornos coletivos, mas atualmente só um é que funciona, há, no entanto, quem tenha forno particular.

É claro que as pessoas comem o pão de acordo com as suas necessidades, correspondendo isto a uma cozedura de 15 em 15 dias, cozedura esta que pode aumentar ou diminuir de quantidade do pão e de vezes que é feito, que é o caso do Inverno.

Quando é Inverno, como o caminho do acesso a Silvosa é difícil, o padeiro tem mais dificuldade em passar com a furgoneta. O resultado é que lá vai muito menos vezes o que leva a que se coza mais pão na aldeia durante o Inverno do que no Verão. É, no entanto, o padeiro que traz farinha e fermento necessário à feitura do pão caseiro de Silvosa.



Cada vez que uma mulher tem intenções de usar o forno coletivo, tem de respeitar certos rituais usados para assinalar as suas intenções e que foram já citados detalhadamente no capítulo - A terra (na parte referente à utilização dos meios de produção).

Quando se dá o caso de serem várias pessoas a utilizar o forno ao mesmo tempo, cada uma coloca o seu sinal na sua fornada para não se confundir com a das outras.

Não necessitando de ajuda para amassar o pão, a mulher que vai utilizar o forno coletivo geralmente recebe ajuda de uma outra para o meter lá dentro.

O pão tanto pode ser de trigo como do milho, sendo neste caso a broa que poderá ter uma cor mais amarelada se utilizaram o trigo amarelo em vez do trigo branco.

Para se fazer o pão precisamos de *crescente* que faz o mesmo efeito que o fermento do padeiro só que é um bocado da massa que guardámos quando estivemos a amassar a fornada anterior de pão que fizemos. Tomará o nome de *massinha* se o crescente for em pouca quantidade ou lhe tivermos de juntar farinha e amassar tudo outra vez.



Para se fazer a massa pega-se em água morna e deita-se por cima da farinha e do crescente, passando o amassar tudo e deitando farinha conforme for preciso. Entretanto tínhamos o trigo ou o milho a cozer e quando estiver pronto passa-se por um passador e acrescenta-se à massa, tornando a amassar.

Depois da massa bem amassada, benzem-na e dizem certas rezas.

A operação seguinte será a de *tender*, ou seja, a do partir a massa aos bocados para fazer os pães, mas isso far-se-á ao pé do forno e só quando a massa já tiver crescido o bastante.

Todas estas operações são feitas com o auxílio de uma *rapadora* e são feitas na *masseira* - espécie de recipiente retangular de madeira na qual se coloca massa e se cobre com um lençol de linho branco, transportando-a para o local onde será partida e cozida.

Aquece-se o forno com lenha e carquejas, quando as pedras do fundo estiverem brancas é porque o forno está quente, pode-se também atirar um pouco de farinha para o forno. Se ela queimar é porque este está quente demais.

Puxam-lhe as cinzas (ou o borralho) para a boca do forno com a ajuda de um rodo que é uma espécie de ancinho sem dentes.

Com o *vassouro*, que é uma vassoura de fetos, varre-se o resto da cinza para a abertura do forno.

Pega-se num bocado da massa e põe-se esse bocado numa tigela de louça já polvilhada de farinha - polideira – e faz-se o pão saltar na tigela para ficar redondo e todo coberto de farinha. Põe-se em seguida em cima da pá, que também já tinha sido polvilhada com farinha, dão-lhe um corte em cruz com a faca em cima e voltam a pôr um pouco de farinha por cima do corte.

O pão é em seguida posto no forno como a seguinte fotografia demonstra.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção



Molha-se agora o vassouro numa poça de água que está abaixo da boca do forno, molham-se as cinzas e o chão que está à entrada para que o forno arrefeça um bocadinho.

Volta-se a repetir a repartição da massa até todos os pães estarem lá dentro.

Costuma-se pôr a broa primeiro que o pão porque ela leva mais tempo a cozer, cerca de uma hora.

Quando está tudo dentro do forno, sacodem o pano que serviu para proteger a massa



em frente à boca do forno, dizendo as seguintes palavras: *Ergue-te pão que os tendais erguidos estão. Tanto cresça o pão no forno como a graça no mundo todo.*

Passada uma hora tiram o pão do forno com a ajuda da pá e põe-no numa canastra forrada com um lençol de linho

branco, que foi feita à mão e cujas vergas foram estreitadas com uma roçadora num *banco canastreiro*.

De salientar que as mulheres quando estão com o período menstrual não podem amassar nem cozer o pão, pois dizem que sairá todo mal.

Geralmente quando tiram o pão do forno fazem um preparado que se chama *torrado* e que consiste na broa quente cortada aos quadrados polvilhados com açúcar ou com azeite e vinho tinto.

4. A Resina

Sendo uma aldeia no meio do mato, é natural que a resina seja muito usada pelos habitantes de Silvosa.

Como há muitos pinheiros, conseguem extrair quantidades razoáveis de resina que serão vendidas às pessoas interessadas que se dirigem a Paiágua ou a Silvosa à procura deste produto.

Os vasos utilizados para a extração da resina são umas tigelas ou *púcaros*.

Mas como se faz esta extração?

Primeiro raspa-se a casca da árvore no sítio em que se pretende fazer o corte, com a ajuda de uma ferramenta própria que é a cascadeira.

Depois faz-se uma ferida retangular com um perímetro de 30 ou 40 cm, a qual se polvilha com ácido, de maneira que saia mais seiva. Passados 15 dias faz-se um corte profundo na parte de baixo dessa ferida, corte esse que é feito com uma lâmina que tem o nome de bica ou grampo. O corte feito pela bica e a inserção ao mesmo tempo desta no corte é feito com a ajuda de um maço próprio.

Por baixo dessa lâmina e apoiado por baixo por um prego põe-se o púcaro para aparar a resina, ou seja, a seiva que sair da ferida. Um pinheiro chega a ter três feridas e doze púcaros para colher (por mês). No Verão dá menos que no Inverno.

Os púcaros com a resina que é retirada, são postos à roda do pinheiro até que deem para encher um bidon que ficará também ao pé do pinheiro até ser vendido.

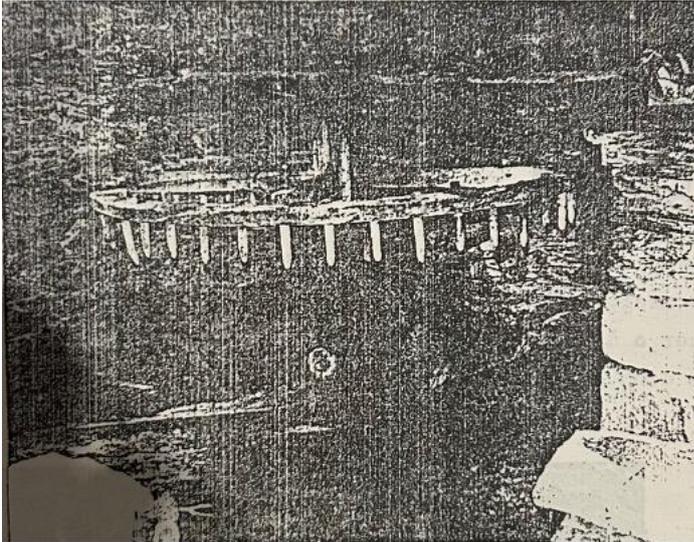
5. O Azeite

A fazedura do azeite começa muito antes do lagar.

Começa na separação da azeitona da folha que é feita da seguinte forma: com uma pá própria ergue-se a azeitona *aventa-se* a azeitona ao ar virando-se a pá ao mesmo, as azeitonas caem e a folha com o vento vai para trás.

Depois das azeitonas separadas e escolhidas são levadas para o lagar. O lagar do azeite fica ao pé do moinho e ambos funcionam a água, ou seja, quer o lagar, quer o moinho têm uma roda de pés exterior que funciona segundo a corrente da ribeira, o que faz funcionar as mós do moinho e do lagar.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção



Deitam-se as azeitonas no pio do lagar para serem esmagado pela mó.

Assim que estiverem esmagadas formam uma massa que se retira para as ceiras.

O líquido que desta massa escorre é o chamado *azeite virgem*, pois este não leva sal.

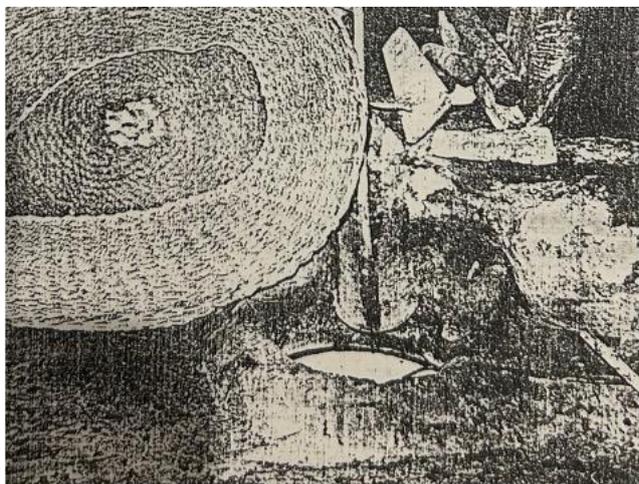
As ceiras são uma espécie de boinas enormes feitas em corda, que servem para prensar a massa que se retira do pio.

As ceiras são colocadas umas em cima das outras e são prensadas através de um sistema de alavanca que é feito funcionar através de um fuso que se roda, consoante se quer que a barra desça para prensar as ceiras, ou se quer que ela suba depois de as ceiras terem sido prensadas.



Este é o fuso que faz funcionar a prensa

O líquido que sai é conduzido para a caldeira que é aquecida, de modo a destilar o azeite. Por baixo da caldeira existe um forno que serve quer para aquecer a água da caldeira que irá destilar o azeite, quer para aquecer o lagar em dias do muito frio.



Um aspeto de uma ceira e de uma parte da caldeira

No lagar do azeite encontram-se muitos instrumentos próprios para todas estas tarefas, desde o garfo - espécie de vassoura própria para varrer massa do pio, passando pelas ceiras, pelas gamelas que servem para levar o azeite virgem do pio ou para o medir, até aos funis, às bilhas e às tarefas de medir o azeite, bem como as azeitonas.

6. O Linho

O linho, diz-nos a botânica, é uma planta herbácea da família das lináceas. Dotada de excelentes fibras têxteis.

Já os antigos sabiam deste seu valor. *Então não se comprava roupa. Era tudo feito em casa, desde o criar ao romper.* A tarefa era árdua e morosa, por isso, com o correr dos tempos o facilitar das tarefas do dia a dia, esta tendeu a desaparecer, até que hoje as mulheres de Silvosa já não fiam *há uns bons pares de anos* e dizem com a saudade que era bonita essa ocupação quando feita por muitas mulheres em conjunto.

Mas o linho implicava muito trabalho. Exigia antes de mais que se processasse a sua sementeira. Este é semeado no mês de Abril com uma semente, a linhaça, que se desenvolve no linho adulto dentro do baganho. Depois rega-se, e em ele estando

criado que comece a ficar amarelo, é arrancado. Começa a partir daí todo um processo de cuido desta tão proveitosa planta.

Antes de mais, há que ripá-lo (tirar-lhe o baganho), a linhaça é criada dentro do baganho. A linhaça são uns grãos miúdos que são semente do linho para voltar a semear-se e dar novo linho. Destes grãos de linho a que se chama linhaça, faz-se uma farinha que serve para cataplasmas, emolientes.

Depois de se tirar a linhaça, ripa-se novamente com o ripo. Põe-se então o linho ripado aos molhinhos e põe-se na água a curtir durante 5 ou 6 dias *na ribeira onde a água ia quente. Dava-se-lhe 5 dias e na ribeira onde a água ia fria dava-se-lhe 6 dias*. Depois retira-se o linho da água e experimenta-se na tasca.

Se ficasse bem, deixava-se assim com o primeiro curtimento na água, não estando ainda bem, dava-se-lhe outro curtimento. Isto é, voltava-se a pôr na água por mais uns dias, a curtir. Depois, as especialistas da terra iam ver se já estava bem curtido. Como se fazia esta verificação? Enrodilhavam um bocadito de linho e atiravam-no ao fundo da ribeira. Se o linho fosse ao fundo, já estava curtido, se vinha ao cimo da água, deixava-se estar os molhos de linho ainda mais algum tempo na água até estar curtido.

Tira-se então da água e põe-se estendido (o linho) a secar ao Sol. Amassa-se depois com uma amassadora e vai de seguida para a tasca quando já está estiver seco. Aí é tascado. Ata-se então aos molhinhos e com o tempo mais fresco é espadanado com a espadana. Tira-se para sacos. Depois é passado pelo sedeiro para a assedar. Vai então para a roca onde é fiado. Depois de fiado é dobrado numa dobadoura e em seguida coze-se no forno o linho já fiado e dobrado em meadas.

O linho coze-se no *forno emborralhado numa pouca de borralha (cinza) e água* para ficar branco. Tiram-se depois as meadas do forno, vão-se lavando bem lavadinhas e põem-se ao sol a corar. Tornam-se depois a lavar, torcem-se e enxugam-se. A pouco e pouco o linho vai largando o soro (a água), põe-se-lhe *uma mão cheia de sal por riba* (põe-se-lhe uma mão cheia de sal em cima) e deixa-se assim estar um dia ou mais. Depois, voltam-se as meadas ao contrário e põe-se o sal do lado onde não tinha.

Deixa-se estar assim mais uns dias. Depois vão-se lavando as meadas várias vezes e pondo a secar. Quando já estão bem secas, põem-se em azeite para ficarem bem

macias. Essas meadas depois são dobadas com novas dobaduras de onde se fazem novelos do arregadilho (chama-se arregadilho ao linho fiado já cozido no forno). Põe-se depois o fiado a urdir na urdideira. Depois enrola-se no tear, tecendo teias de linho.

Daí se fazem vários tecidos para lençóis, toalhas, camisas, ceroulas, etc. Quando este processo se ficava por alguma das etapas anteriores e não se processava até ao fim, não se obtinha o linho (o produto mais perfeito e apurado) mas outros tecidos menos finos: ex. a estopa. Esta é mais áspera. Havia ainda quem utilizasse tecidos de estamenha que eram de lã de ovelha porque não podia trabalhar em linho para si.

A técnica do fabrico dos tecidos de linho desde a sua sementeira, foi transmitida de mães para filhas desde as primeiras gerações. E mesmo as duas raparigas solteiras de Silvosa sabem fiar, se bem que nunca tenham fiado uma peça de pano inteira. Sabem mais por curiosidade e para não serem as únicas mulheres da terra a não saber dessa arte.

Tempos houve em que o prestígio das melhores fiadeiras de Silvosa se estendia pelas redondezas, e havia mesmo quem fosse ver os seus panos de linho e quem as contratasse para fazer enxovais de noivado. Normalmente eram só raparigas solteiras que fiavam por encomenda. As casadas fiam para as suas casas e é se têm tempo.

As solteiras é que se podiam dar a essas luxúrias. Nós é cuidar das hortas e das haveres, que quem tem filhos para criar não tem de se botar de papo para o ar. Quando era do tempo da sementeira do linho, recomendavam-se umas às outras que o tempo era da sementeira, que não se podiam atrasar. Depois era um prazer ver crescer a planta do linho, e um orgulho para os que a tinham mais bem cuidada. Depois, durante algum tempo, iam-se aconselhando entre si e entreadjudando nos preparativos do linho.

Já o processo da elaboração das teias no tear dizia respeito a cada uma, que muito empenhada em aí aplicar os seus dotes femininos fazia os possíveis por conseguir um tecido *como ainda não se viu em festa nem romaria*. Quando se descobriram maneiras de tingir as meadas (dar-lhe cores) com plantas de cores, mais se incentivou este desejo de conceber os mais maravilhosos tecidos. E aí, a imaginação de cada mulher começava a funcionar, imaginando padrões e combinações de cores

diferentes. Depois, o prestígio da melhor fiadeira passava para a sua filha e *sendo filha de boa cepa* a mãe tinha um desgosto se ela não lhe sucedia prestigosamente.

Quem vestia tecidos de linho tinha um prestígio superior a quem vestia de estopa ou estamena. E dentro dos que vestiam de linho primavam aqueles que o vestiam mais bem cuidado.

Foi com saudade que as ex-fiadeiras de Silvosa relataram as tardes em que fiavam em conjunto ou as noites em que iam contando e cantando o que no dia a dia acontecia em Silvosa.

Foi com tristeza evidente que foram mostrar-nos os instrumentos que utilizavam para cuidar do linho, agora cheios de pó e teias de aranha, alguns mesmo danificados e atirados para um canto dos telheiros ou *alojes* (casas que servem de arrecadações). Perguntámos-lhes: *Se gostavam tanto de fiar porque não fiam agora?* Rindo-se concordavam: *Pois, agora tempo para isso, tínhamos, Já não prestamos para fazer a vida cheia de trabalho que fazíamos. Mas falta-nos a compreensão (paciência).*

Às velhas faltou a paciência. Às novas a arte e o interesse. A Silvosa faltou então o linho.

7. A Matança

A matança do porco constitui um acontecimento que pela sua originalidade não quisemos deixar de referir. No entanto, ao falarmos de originalidade apenas apontamos este acontecimento como sendo uma festa todos os anos renovada, já que a matança constitui sempre um acontecimento em qualquer ponto do país.

De facto, é uma festa sempre renovada, mas não isenta de trabalho, como mais adiante iremos especificar. Mais precisamente podemos dizer que o dia da matança é um dia especial, em que nada é deixado ao acaso. Assim, este acontecimento reveste-se de um certo cerimonial, não isento de expectativa e constitui, basicamente, uma fonte de alimentos importantíssima para um lugar como Silvosa (a maior parte da carne consumida é de porco).

Ora, nós iremos agora descrever um dia de matança em Silvosa, igual àqueles que se repetem desde há gerações e gerações e que por tanto nos dará uma ideia muito concreta do modo pelo qual a mesma se processa.

Já se sabia do dia da matança com alguma antecedência. A tia Conceição já nos tinha prevenido que iria matar as suas porcas (eram 2), porcas essas que contra o costume não tinham sido castradas (normalmente castram-nas para evitar que elas fiquem aluadas e para uma melhor engorda).

Chegado o dia, as atividades começaram cedo. Eram 8h45 e já os homens que iriam participar na matança estavam em casa da tia Conceição e do Ti' Joaquim a tomar o pequeno-almoço. De facto, nestas alturas não são apenas os proprietários dos animais que participam na operação, mas também parentes, amigos e como seria de esperar, aqueles que sabem da arte. Por exemplo, aqui em Silvosa só quatro pessoas é que sabem da arte de abrir convenientemente o porco, já que se trata de uma operação assaz delicada que exige conhecimentos especiais.

Enquanto tomam o pequeno-almoço vão discutindo e findo este dirigem-se de imediato para a pocilga com o fito de prepararem o local e iniciarem a matança.

É trazido um banco para a frente da pocilga, banco esse que servirá para estender os bácoros (porcos). Alguns homens entram na pocilga e arrastam a primeira porca. Não é uma operação assim tão fácil, já que são precisos três homens para a segurarem, sem contar com aquele que a executa. A partir deste momento já não faltarão os grunhidos, que pela sua intensidade não deixarão de atrair todos os cães das redondezas que facilmente entendem e distinguem estes grunhidos de desespero. De facto, alguns momentos depois o local estará com uma boa dezena, senão mais, de cães que irão avidamente procurar lambar algum sangue que aí seja deixado ao acaso.

Bom, mas voltemos à matança: a porca é agarrada e colocada no banco. Em seguida, atam-lhe a boca com uma corda, para evitar dissabores. De facto, um porco a morder pode provocar sérias feridas.

É neste momento que o 'matador começa a procurar o sítio em que irá espetar a faca. Numa aproximação mais ou menos grosseira poderemos dizer que o local é entre a cabeça (da parte de baixo) e as patas dianteiras, mesmo no fim do externo. Mas o local exato que leva diretamente ao coração só ele é que sabe. Seguidamente, ele raspa-lhe o pelo entorno do local escolhido com uma pequena faca e com esta faz-lhe uma incisão. Seguidamente, pega numa outra faca, esta com uns vinte centímetros de comprimento que irá apontar na direção do coração.

O porco continua a grunhir, mesmo no momento em que é trespassado pela faca. O sangue saí em jorros sendo recolhido por alguém com a ajuda de um alguidar, sangue esse que deverá ser mexido para evitar de coalhar (com esse sangue far-se-ão chouriços, paio, morcelas, chouriços de sangue, etc.... etc.).

Bastante enfraquecido, o porco continua a grunhir, num esforço vão contra o fim a que já não poderá fugir.

Pouco tempo depois e quase impercetivelmente o porco morre e ao sair a última gota de sangue, empreende-se a operação de cozer a incisão feita com a faca. São usados para o efeito uma agulha forte e linha.

Um pouco mais tarde o porco é chamuscado para que todo o pelo lhe seja facilmente arrancado com umas laminas, próprias para o efeito. São também tirados os cascos e as unhas. Tudo isto leva o seu tempo, já que a operação tem de ser feita com rigor.

Seguidamente desenrola-se o mesmo processo com o segundo porco, excetuando um pormenor que passamos a descrever: a matança do primeiro porco foi efetuada junto à pocilga onde ainda se encontrava o segundo animal. Este, ao ser levado para o exterior, embora de dentro não pudesse ter visto o que se passava, ouviu e sentiu e talvez por isso tenha empreendido uma muito maior luta.

Quando a pele dos porcos já se encontrava lisa, pode-se então pensar em pendurá-los e abri-los. Foi o que foi feito. Foram levados para a adega e pendurados. Aí também, vai entrar em jogo a mão daqueles que percebem a sério do assunto. O primeiro corte é dado nas partes dos animais indo até ao corte inicial, no topo do externo.

A pouco e pouco vão esvaziando o porco do seu interior: primeiro o coração, o fígado, o baço, depois os intestinos e outras tripas que servirão para fazer os enchidos. Diga-se de passagem, que daí emana um cheiro pestilento. Em relação às tripas, note-se que quem as salga e as escolhe são apenas as mulheres.

Ao fim da manhã, é oferecido um almoço em casa da tia Conceição e do Ti' Joaquim, em que todos os participantes são convidados, almoço esse, como seria de esperar, à base de carne de porco.

Em seguida procede-se à divisão dos animais entre os presentes.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

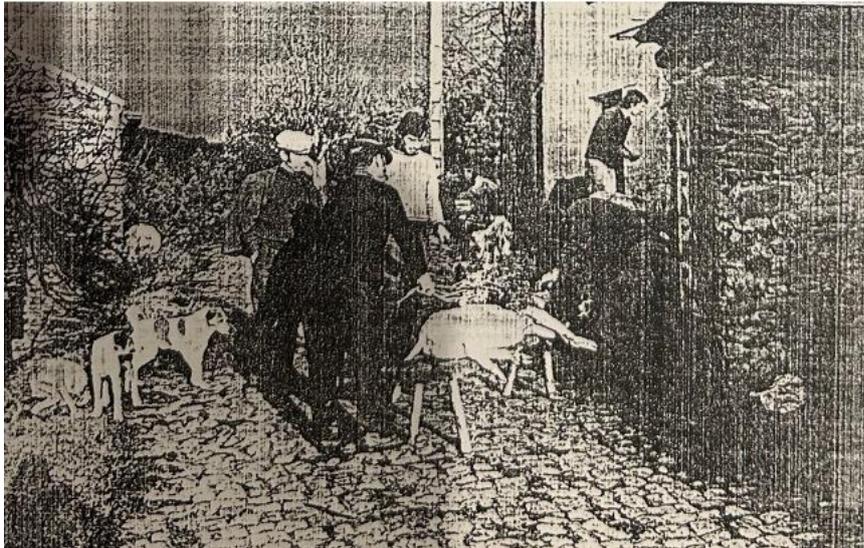
Para os homens o trabalho acabara; para as mulheres não... estas terão ainda muito que trabalhar nos despojos dos bácoros.



Atam a boca ao porco

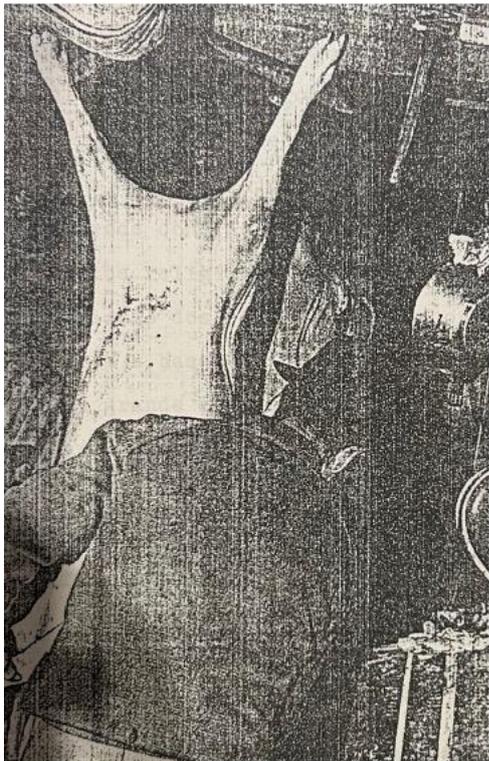


Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção



Momento em que a faca atinge o coração, e o sangue escorre de imediato para um alguidar

A pele do porco é agora chamuscada



Finalmente o porco é minuciosamente esartejado...

Capítulo IV - Maneiras de ser, estar e pensar

1. A Religião

A religião continua a ser, ativa ou passivamente, um dos ali cerces primordiais na condução da vida das populações e na maneira de encarar o mundo que as rodeia. *O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa de absolutamente diferente do profano* ¹⁵.

E assim, de um modo mais consciente ou menos consciente, as pessoas continuam a guiar-se segundo princípios religiosos, umas adotando-os com alguma frequência na resolução dos seus problemas, outras contestando-os de uma forma abrupta e baseadas num senso comum que a vida prática lhes incutiu em grande escala.

Assim, ao analisar este problema numa pequena povoação do interior há que entrar em linha de conta com diversos fatores, entre eles destacando-se a situação da população a nível das mentalidades, a influência da Igreja instituída na região e o grau de isolamento e de desenvolvimento da área a analisar.

Não é, pois, de admirar, a existência de uma mentalidade povo aberta na compreensão dos fenómenos religiosos, quando o meio, por si mesmo, é um meio fechado. As pessoas continuam a encarar a religião como se fazia há cem anos atrás: acredita-se em Deus para que se alcance um lugar no céu e, uma vez assolados pelo pecado, é de toda a conveniência ter a quem pedir perdão pelos erros cometidos. Deus é essencialmente uma entidade a quem se recorre por necessidade, constituindo um elemento essencial no conjunto que forma o quadro ideológico-mental da população que, antes de mais, se diz possuidora de fé, o que especialmente se constata entre as mulheres.

A Igreja como instituição tem ainda um grande poder sobre a população. Explicando mais concisamente, este poder é deposita do na figura do padre que incute às pessoas um determinado número de obrigações a cumprir. Existem as cõngruas que representam uma despesa de quinhentos escudos por cada casal e uma quantia inferior para os solteiros e os viúvos. Antigamente, as cõngruas eram pagas ao padre em dois alqueires de milho que o congruado recebia dando a volta à aldeia. Há relativamente pouco tempo é que se começou a pagar em dinheiro. Todo o sistema

¹⁵ o Sagrado e o Profano, M. Eliade, Livros do Brasil, pág.25

está organizado de modo que se cumpram estes pagamentos e ainda outros se efetuem por altura dos casamentos e dos batizados. Se assim não for, o padre não comparecerá para realizar as cerimónias fúnebres. A ação preponderante do padre, que celebra missa em todos os lugares da freguesia, é facilitada pelo relativo isolamento da população em relação ao exterior e pelo baixo grau de desenvolvimento detetado na zona.

Para que as nossas observações se tornem mais claras, há que dar alguma importância à missa celebrada em alguns domingos a pedido da população, não numa capela ou Igreja pois aqui não existe nenhuma, mas na escola primária que já não é usada como tal. E que se situa ao cimo da povoação. O teto da sala mostra uma grande mancha negra de onde caem imensas gotas de água quando chove. A cumprir-se um ditado popular divulgado no local *não há sábado sem sol, domingo sem missa nem Segunda sem preguiça*, com alguma sorte os habitantes de Silvosa nunca terão uma missa molhada.

Durante a manhã as pessoas procuram nas casas umas das outras os objetos de decoração mais vistosos para serem colocados na antiga sala de aula a utilizar pelo celebrante. Muitas pessoas vão à missa possivelmente alimentadas por um certo temor ao padre, e também porque esta constitui uma fuga à rotina da semana de trabalho em que nada de novo acontece. Envergam, então, as suas melhores roupas, os ditos fatos domingueiros, e encaminham-se para a escola.

O padre, vindo do Estreito onde estivera a celebrar missa, tem carro próprio, e ao chegar aos limites da aldeia toca a buzina fortemente para que todos saibam que ele está a chegar.

Desta vez já vem atrasado. Toda a gente está concentrada no átrio da escola à sua espera, uns pacientemente, outros galhofando e maldizendo a sua sorte. São ao todo quarenta e nove pessoas, sendo dezoito delas homens e sete crianças. Ao entrar, padre pergunta se estão todos, enquanto se prepara para começar.

A maior parte das mulheres está sentada e do lado esquerdo da sala enquanto os homens se encontram de pé do lado direito e atrás. Também os cães da terra assistem à missa, entrando e saindo num rodopio constante, alguns rosnando e lutando no átrio enquanto alguns homens se dirigem ao exterior para os acalmar, não impedindo, contudo, a interrupção da pregação pelo padre. De vez em quando éramos olhados com alguma curiosidade pelos presentes.

O padre falava num estilo muito próprio, tipicamente um padre de província que gosta de encher a cabeça das pessoas de palavras difíceis para explicar coisas fáceis enquanto enche a sua bolsa de dinheiro. Talvez as pessoas venham à missa por sistema e por obrigação. Uma delas, a Dores, senta-se de lado sobre o tampo de uma escrivaninha, usa um gorro e não um lenço preto como todas as outras mulheres e não presta muita atenção às palavras do padre. Muitas pessoas adormecem mesmo durante o sermão. Como nos disse o Ti' Chico, *já aconteceu o padre passar a missa a falar e nas duas ou três primeiras filas estarem todos a dormir!*

Os poucos jovens que vivem na terra e nas redondezas não frequentam a missa: dizem eles que o padre só prega mentiras e rouba dinheiro às pessoas. Esta é a opinião do Zé, rapaz da aldeia que acabou o curso do magistério primário e que tal como os outros poucos jovens não está para ir à missa. Assim se vê que, e citando o Prof. Óscar Soares Barata, *a própria Igreja é bem ou mal-aceite conforme o que se pensa das qualidades do padre que no momento a representa* ¹⁶.

A meio do sermão o padre afirma o seguinte: *Cristo veio à Terra para salvar o pecado!* Será isto um indício da sua incapacidade ou simplesmente uma gralha? Terá Cristo vindo à Terra para salvar o pecado ou para salvar o Homem do pecado? Sem comentários.

Pouco depois explica que s. José não é o pai do Menino Jesus, mas sim o seu tutor. Por fim, elabora determinadas analogias, como a que fez ao pretender ilustrar o que é ofender a Deus pecando. Ofender a Deus, dizia ele, não é o mesmo que ofender a um padre, do mesmo modo que a ofensa é maior se for dirigida ao Presidente da República e não ao Presidente da Câmara, por exemplo. E afirmou tudo isto, seguramente, como se a figura de Deus pudesse ser com parada à imperfeição da figura humana. Esta foi a única forma que lhe ocorreu no instante para explicar ao povo algo simples como a falha humana em relação à entidade suprema objeto de adoração e devoção.

No momento da sagrada comunhão o padre pergunta quantas pessoas vão comungar e apenas quatro, três das quais pertencentes à nossa equipa, se sentiram motivadas para o fazer. No momento certo, pega no cálice e afirma; *Tomai e bebei todos dele, porque isto é o meu sangue da Nova Aliança (...); todas as vezes que o beberdes, fazei-o em memória de mim.* Dito isto, ele leva o cálice aos lábios e bebe.

¹⁶ Óscar Soares Barata, Introdução à Demografia, pág. 144

Antes de iniciar a missa havíamos-lhe pedido autorização para tirar umas fotografias, o que ele recusara temendo que deturpássemos com elas a ideologia religiosa e que pudessem vir a ser politicamente manipuladas. Por fim, consente-o, mas apenas antes de iniciar a missa.

No fim do serviço religioso, competiu aos homens procederem ao pagamento das cômruas, obrigação esta também solicitada pelo padre. Muitos deles vieram à missa apenas com o intuito de pagarem a cômrua, continuando a dizer mal de toda esta situação. Ouvimos mesmo dizer que *o padre é um gajo estúpido que só rouba dinheiro aos homens e aproveita as mulheres*.

Depois da missa, muita gente permanece no átrio da escola aproveitando para conversar. o padre recebe o dinheiro a haver e parte para outro lugar onde repetirá mais ou menos fielmente, a sua homilia. Um dos homens presentes fala-nos sobre a injustiça das cômruas. Diz ele que, apesar de as pagarem, quando morre alguém a Igreja nem sequer ajuda a suportar as despesas do funeral. Aliás, quem as não pagar não terá um funeral cristão, sendo assim marginalizado pela Igreja. Para evitar que isso aconteça já tem sucedido os familiares do morto pagarem as cômruas atrasadas.

Existem em Silvosa muitas anedotas ditas picantes a propósito de padres, o que leva a entender que não lhe seja atribuído um grande respeito. Pelo contrário, e de um modo geral, as pessoas têm uma opinião negativa a propósito do padre. Diz o Ti' João Simão: *O padre é um homem! O que quer é mulheres*. Acusam desta forma, o padre de ser infiel à sua religião. O Ti' Lourenço não vai à missa porque não gosta do padre. Diz ele: *Não é justo que o padre receba tanto dinheiro. Dá muitas missas e fica rico!* Lembre-se que por cada missa celebrada o padre recebe mil escudos.

Disseram-nos que há falta de padres, não só no concelho como em toda a região. Igrejas há, contudo, muitas.

Numa outra Igreja por nós visitada deparámos com um quadro humano bastante curioso: foi em Sarnadas de S. Simão que encontramos sete crianças, entre os cinco e os nove anos, dentro da igreja, aparentemente rezando. Numa montanha próxima dizem alguns que apareceu uma vez São Simão e logo o tornaram padroeiro da sua vila. Contudo, os habitantes de Sarzedas exigiram o Santo para a sua freguesia, logo se gerando um conflito entre as populações. Foi então que de modo a salvaguardar o Santo para si, os de Sarnadas mudaram o nome da sua vila para Sarnadas de São

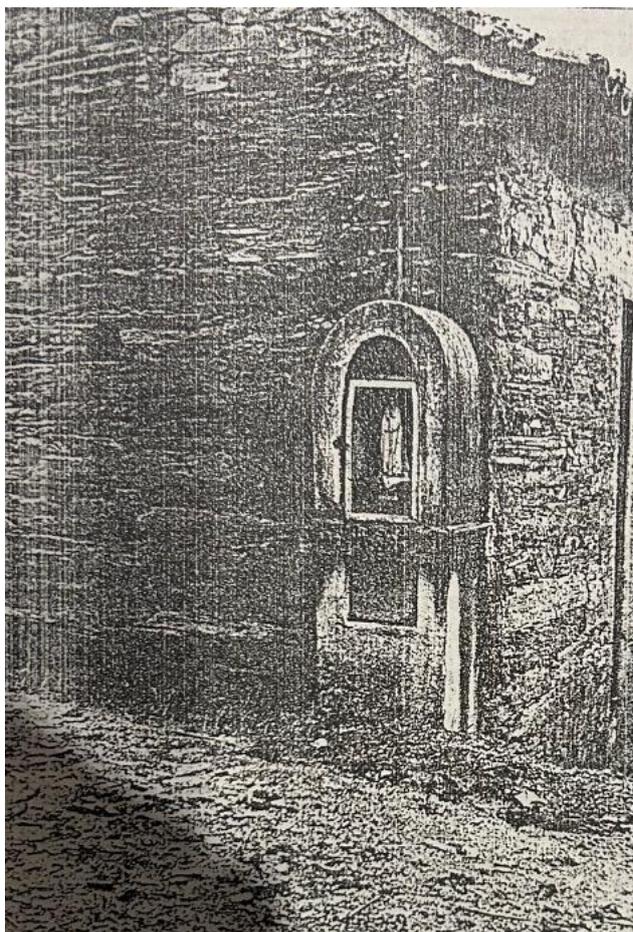
Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Simão de modo que os de Sarzedas não pudessem *levar* para a sua freguesia o Santo em questão.

Nossa Senhora de Fátima tem uma *capelinha* em Silvosa onde São Simão goza também de alguma importância como santo padroeiro secundário.

Se os habitantes de Silvosa se quiserem ir confessar a Castelo Branco necessitam de estar munidos de um documento assinado pelo padre em como têm pago as côngruas, evitando assim que deixem de ser confessados pelos padres em serviço.

Antigamente o padre nomeava algumas mulheres solteiras para que dessem catequese às crianças da aldeia. Atualmente não há quem ensine doutrina às poucas crianças que lá vivem, embora o padre atual já tenha pedido às duas jovens do lugar se podiam ensinar doutrina, a Ilda e a Cecília, que também costumam dar explicações escolares.



Capelinha de Nossa Senhora de Fátima em Silvosa.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

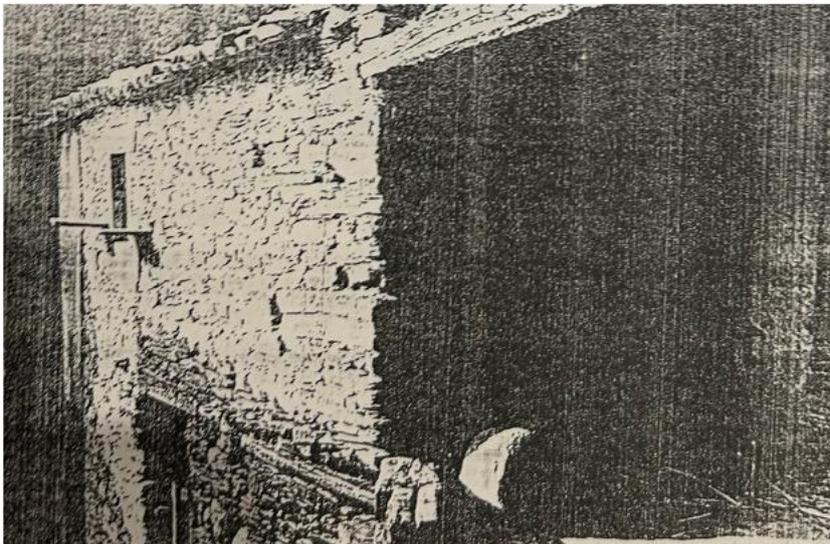
Geralmente os casamentos pela igreja são realizados na cidade capital de distrito, ou ainda em Sarnadas de São Simão. As bodas são, contudo, feitas aqui em Silvosa.

Contestada, idolatrada ou ignorada, a religião é ainda, nesta terra isolada do interior, um assunto com o qual as pessoas se preocupam, quer violando os seus princípios, através da constatação de certos atos por eles considerados insuportáveis, quer defendendo-os por necessidade de apego a uma crença e a um ente superior que, por vezes, lhes facilita a sua vida prática.

Muitos dos habitantes de Silvosa ouvem ainda com alguma frequência a oração do terço através da rádio.

Devemos ainda considerar a relativa importância das influências externas, essencialmente trazidas e divulgadas para o lugar por aqueles que emigram e que afetam a consistência e o poder supostamente instituído da religião na orientação das populações.

Um dia, todos os velhos terão morrido e apenas ficarão poucos ou nenhuns jovens e alguns adultos. Supondo que mantêm a sua opinião a propósito da Igreja local, o que será desta, nesse dia, em que já não houver ninguém para a frequentar?



A Casa dos Padres

2. Superstições, Crenças, Mitos e Tradições

Embora bastante isolada, não deixa de ser rica em crenças. Talvez por isso mesmo, o isolamento levou-a a fechar-se muito, a contar só consigo própria e a respeitar o exterior que a rodeia. Enfim sejam por estas ou por outras quaisquer razões a verdade é que Silvosa é uma aldeia bastante rica em histórias, crenças, superstições, mezinhas, orações.

Começaremos por um assunto que sempre nos interessou bastante, daí nos termos debruçado sobre ele: as aparições zoomórficas, ou por outras palavras, os Lobisomens.

Apesar de hoje em dia eles já não acreditarem muito na sua existência devido ao facto de que atualmente não se fazem sentir nas imediações da aldeia, há uns anos atrás a crença era bastante forte.

A explicação lógica que encontramos para o facto foi de que antigamente havia mais lobos que cercavam constantemente a aldeia prontos a atirarem-se e esfrangalharem o primeiro ser vivo que de lá saísse durante a noite. Andavam em matilhas de sete e, às vezes, diziam, ia-se à noite à horta e via-se sete lobos a olhar. As vezes andavam dois a dois, mas era muito raro ver um lobo sozinho. Ainda hoje não gostam de sair à noite da aldeia por causa do *grande lobo* e dos seus filhotes que dizem rondar os montes, embora esta crença não tenha tanta força como as outras pensando nós que é até mais uma brincadeira do que outra coisa, mas o facto é que ela existe, o que significa que eles têm ainda bastante respeito aos lobos.

Numa altura em que fomos visitar *A Casa dos Mouros* que fica no meio do mato a cerca de uma hora de distância a pé, o Ti' João Simão disse-nos que os Mouros se tinham transformado em lobos porque era vontade deles assustarem e fazerem mal as pessoas da região.

2.1. Lobos e Lobisomens

Afirmam que os lobisomens têm pés de cavalo e que dão passos muito largos e pesados. Afirmam também que eles se transformam só quando é noite cerrada e que quem ó lobisomem sabe que o é. Acham que é por falta de palavras benditas na altura do batismo (rezar o credo) que levava a pessoa a ser lobisomem.

Dizem também que a *peçonha* deles era a de percorrerem sete freguesias numa noite (coincidindo esta crença com a crença de toda a região da Beira Baixa).

Existe até um sítio – *Abertiosas* - lembrado sempre como o sítio onde apareceu um lobisomem.

Acreditando ou não na existência dos lobisomens não podemos deixar de nos sentirmos um pouco influenciados pelo que nos contam, pois, todos os episódios de lobisomens' que nos contaram foram passados em Silvosa. *Eu vi-o* - diz José Francisco com convicção. Contados com palavras diferentes o um outro ponto aqui e ali as histórias eram sempre as mesmas, os protagonistas os mesmos.

A primeira que nos contaram foi a do lobisomem do Mato.

O Lobisomem do Mato

Certo dia três amigos foram à caça.

Chegou a noite e eles prepararam-se para dormir numa clareira.

Estavam no vai não vai para se aconchegaram quando começaram a ouvir ruídos estranhos vindos do mato.

Pensando que fosse o marido de uma senhora que estava grávida que tivesse ido cortar lenha para aquecer a água pois ela tinha chegado ao fim do tempo (eles moravam uma cabana dentro do mato) não se preocupava muito, mas mantiveram-se à escuta.

Os ruídos não cessaram, pelo contrário, tornaram-se cada vez mais fortes até que conseguiram distinguir uma respiração pesada como que um bufar. Imediatamente ocorreu-lhes ao espírito a mesma ideia - era um lobisomem.

Levantaram-se e desataram a correr em direção à aldeia. Atrás deles a respiração tornava-se cada vez mais forte e assustadora. Nem era preciso olharem para trás para saberem que quem os seguia era um lobisomem.

Atravessaram a aldeia a correr e esconderam-se numa arrecadação. O lobisomem seguiu-os, os seus passos, segundo quem nos contou, eram tão pesados que fizeram estremecer a aldeia inteira. Com o olfato descobriu em que casa se encontravam escondidos, só que se enganou na porta.

Ao lado da porta da arrecadação era a porta dos estábulos e foi em frente a esta que o lobisomem parou, provavelmente confundido com o cheiro dos homens e dos animais.

Encolhidos a um canto da arrecadação ao lado ouviram o bufar e o urrar do lobisomem que dava murros na porta. Até que com um coice a deitou abaixo.

Entrando como louco e assustando os animais não conseguiu encontrar os três homens. Urrou, uivou irritado, mas depois foi-se embora.

A marca do coice lá ficou na porta.

Fomos ver essa casa, mas a porta tinha sido substituída. Os três homens correram cada qual para sua casa e trancaram-se lá dentro tremendo ainda.

Pelo que conseguimos depreender este foi o acontecimento mais importante do género que se deu em Silvosa. As outras duas histórias embora também bastante curiosas não são tão assustadoras.

A outra que nos contaram fala apenas de um homem que eles desconfiavam que era um lobisomem pois ele nunca ficava até muito tarde na casa dos amigos.

O Lobisomem encurralado

Um dia combinaram todos fazer uma farra até altas horas da noite com o intuito de o convidar para ver se ele realmente tentaria ir-se embora com uma desculpa qualquer como sempre dava ou se ficava com eles.

Tudo correu bem até três noite. Assim que se faz bem escuro o homem fala com os seus amigos e diz-lhes que só tem de ir embora pois a mulher não gostava que ele chegasse tarde. Destruindo-lho as desculpas afirmando que quem manda em casa é o homem insistiram para que ficasse. Concordou, mas disse-lhes que daí a pouco partiria. Começava a dar mostras de impaciência, os olhos estavam maiores e mais fumegantes.

- Vou-me embora.

- Ouve lá, o que é que tu tens de tão importante p'ra fazer que tens de te ir embora?

- Já te disse, vou-me embora.

A voz tinha-se tornado mais grossa e ameaçadora, virando-lhes as costas dirigiu-se para a porta. Imediatamente trancaram-na e impediram-no de se aproximar dela.

Olhando para eles tentou mudar de tática aceitou ficar mais um pouco, bebendo. Ias sempre resmungando que tinha de ir embora e que o deixassem partir.

Parecia um louco nas pensava noutra coisa e começava a andar de cá para lá. Parou em frente ao dono da casa dizendo-lhe que tinha de sair, que ele lhe abrisse a porta. Como este lhe negasse o pedido ameaçou-o de que escavacava tudo.

Direito à porta empurrando os que o tentaram impedir e desatou aos murros. A voz transformada, a boca espumava, os olhos parecia que lançavam fogo.

Olharam-lhe para os pés e em vez dos sapatos viram cascos de cavalo. Abriram-lhe a porta e ele saltou para a rua e desapareceu que mais parecia o diabo.

A última história que ouvimos de lobisomens foi a do marido que se quis livrar do feitiço.

O marido que se quis livrar do feitiço

Conta-se que o marido sabia que era lobisomem e que um dia pedia ajuda à mulher para o livrar do feitiço farto que estava de correr sete localidades numa noite.

Disse-lhe ele que ela estivesse em tal parte do caminho que ele todas as noites percorria, em cima de uma árvore de tal maneira que ele não lhe pudesse chegar e que levasse uma agulhada (uma vara comprida com uma agulha na ponta) e que o atingisse com ela assim que ele passasse. Ela, embora cheia de medo prometeu que assim faria.

Às horas combinadas e no sítio indicado lá estava ela à espera que um Lobisomem passasse. Começou a ouvir uma respiração pesada e cascos a baterem no chão.

Assim que o avistou fez pontaria e atirou a agulhada. Acertou-lhe sim, mas ele ainda teve forças suficientes para se dirigir à árvore onde ela estava e atirar-se a ela. Como ela não tinha subido o suficiente, ele ainda lhe conseguia fazer passar um mau bocado pois tentou apanhá-la conseguindo ainda rasgar-lhe o vestido.

Tamanho foi o susto que no dia seguinte ao almoçar com o marido e ver-lhe nos dentes uns fios do seu vestido não resistiu e morreu.

Outra história nos foi contada, mas esta de lobos.

O Lobo na Serra do Feijão

Consta que um adivinhão uma vez disse:

Esta noite um lobo priou-se (ficou raivoso) na Serra do Feijão e às tantas horas vai passar em tal banda e ao nascer do Sol há-de passar no adro de Sarnadas de São Simão e numa terra pequena, Silvosa, e às 10 horas há-de passar no adro de Santo António de Paiágua. Preparem-se e reparem bem.

Não se sabe como ele soube, o que é facto é que aconteceu como ele disse.

- filha da puta e bateu certo - disse quem nos contou a história.

Em Paiágua esperaram-no com malhos, roçadouras e espingardas, em riba de oliveiras, mas não o conseguiram apanhar.

De lobos e lobisomens foi tudo o que conseguimos saber, mas as crenças e as superstições em Silvosa não ficam por aqui.

2.2. A Coca e outras Superstições

Desde a crença na coca – mulher feia e má - da qual se servem para assustar as crianças, como noutras regiões se fala do velho do saco; a crença de que dá azar à criança a mãe ir com o filho ao seu batizado; a crença de que uma mulher que está no período menstrual não pode mexer no pão que vai para o forno senão estraga-o, o mesmo acontecendo com os chouriços e outras confeções culinárias em que ela participe.

Não se pode fazer a matança na mudança da lua, pendura-se uma ferradura numa porta para afastar o mau agoiro dessa casa, as orações que se dizem ao cozer andam ou até mesmo as frases carregadíssimas de significado ditas na altura do almoço da matança frases simples como *Haja saúde* e *Coza o forno* mas sem as quais as pessoas se sentirão bastante mal e é como se a matança fosse amaldiçoada.

Desde a oração do levantar passando pelos atos quotidianos e supersticiosos como sejam o de bater na madeira passando pelas orações e frases que se dizem ao assistir ou praticar determinado ato até à oração do deitar.

2.3. Bruxas

De todas essas crenças e superstições há mais uma além das mezinhas caseiras que vale a pena mencionar quer pela sua problemática a nível geral quer pela sua crença na região, que é a crença nas bruxas.

Geralmente há a tendência para confundirem bruxas com as pessoas que são capazes de lançar e tirar mau-olhado, ou até talvez seja essa a definição de bruxa. No entanto não é o que queremos analisar. Não se trata do que entendem por bruxas, mas sim se acreditam ou se há bruxas em Silvosa.

Fala-se muito da existência de bruxas e dos acontecimentos que com elas ocorrem.
Sempre há um mau poder - acreditam

Dizem que as pessoas que têm o poder de adivinhar são bruxas, dizem também que são maldosas. De facto, denota-se um certo receio das pessoas em relação às bruxas.

Sabemos que há quem recorra às bruxas. Há quem diga que as bruxas se agarram às pessoas para lhes dizer o seu futuro, mas não lhes levam nada. Acreditam e receiam as bruxas, mas não explicam bem como e porquê.

Facto é que o Ti' João Simão quando vai à caça, à pesca ou outro sítio se vir a Ti' Prazeres já não vai, pois ele acha que ela é uma bruxa e se ele for tudo lhe sairá mal. Ninguém da aldeia sabe desta crença no bruxedo da Ti' Prazeres e não podem saber, a não ser os da família, pois assim que a aldeia souber, o bruxedo concretizar-se-á.

Falando com o Ti' Chico Simão e sua mulher não obtivemos noticia da existência de nenhuma, soubemos, no entanto, de uma história.

Contaram-nos que as bruxas embruxaram o valentão Zé António, homem solteiro, com *maleitas quartas* (feitiços feitos todas as quartas-feiras) até que o conseguiram matar. Isto porque ele as apedrejou enquanto elas tomavam banho em *couras*, ou seja, nuas na ribeira da ponte.

Mas, como dissemos o aspeto supersticioso de Silvosa não fica por aqui, há também e de grande importância para este estudo antropológico para além das histórias de

lobisomens ou lobos, outro tipo de lendas, as histórias que se contam à noite à lareira e as orações quer religiosas quer de responso.

Começamos pelas lendas. As lendas que rodeiam Silvosa estão ligadas desde os seus primórdios, como seja a lenda ligada à casa dos Mouros e a lenda que rodeia a Casa dos Padres, e a acontecimentos ocorridos durante toda a existência desta aldeia.

2.4. Lendas, Provérbios e Adivinhas

Quanto às lendas ligadas à origem de Silvosa já foram referidas no Capítulo dos Primórdios, no entanto conseguimos ouvir também uma lenda sobre a chuva.

Lenda sobre a chuva

Consta que há vários anos houve um período de seca na região. O povo andava triste porque havia pouca água. Decidiram então recorrer a Deus e ao São Pedro.

- Ó Pedro, manda-nos água - pediram

- Agora não - responde São Pedro - não a tenho feita

Depois, passado certo tempo choveu muito. Mas começou a chover demais para os seus gostos e se continuasse a chover assim poderia ser prejudicial para as culturas e para a terra. Recorreram novamente ao São Pedro.

- Ó Pedro não nos mandes mais água - pediram

Agora que já está feita tem de ir - foi a resposta que São Pedro lhes deu.

Outra lenda ligada a Silvosa, mas ligada muito indiretamente, já que é uma lenda ligada com a sua freguesia é a lenda do São Simão que é o padroeiro de Silvosa.

Esta lenda, além de contar como ele apareceu em Sarnadas de São Simão, conta como esta aldeia ficou com este nome e não só com o de Sarnadas como tinha antes. Não a vamos contar porque já foi mencionada no trabalho sobre a religião.

Há também uma anedota que se tornou tradicional, ligada com a matança do porco. A lenda serve mais como explicação para um ato praticado na matança. Dizem eles que quando mataram Nosso Senhor, puseram-lhe uma pedra debaixo da cabeça, por isso eles também põem uma pedra debaixo da cabeça do porco - o travesseiro. Outra lenda que eles contam é a de que existe um *tesouro d'ouro com 100kg de peso no fim do arco da velha* (arco-íris) e que para o obtermos é necessário atravessar para o outro lado do arco-íris.

O povo de Silvosa é um povo de natureza alegre. Histórias, lendas, adivinhas, anedotas, dizeres fazem parte do seu dia-a-dia, principalmente dos seus momentos de lazer. De dia conversa-se com frente a um copo de vinho e ri-se das anedotas e dizeres do vizinho. Trabalha-se e lembra-se de certos provérbios:

Provérbios

Calcanhar de homem, cu de mulher e nariz de cão só são quentes no Verão.



Não há irmão nem questão como as orelhas do coração
(é que se forem irmãos e bons amigos, se comerem as orelhas do coração ficam *mal amigos*)



Boa casa, boa brasa



Grande cabeça, pouco juízo



O lume é meio sustento



Muito riso, pouco siso



Na tua casa meio sustento, na minha é sustento inteiro

ou um dizer da altura da entrega de umas passas de figo e um ramo de laranjeira gentilmente oferecidos pela Ti' Celeste: *Este raminho é de folha de laranjeira, venho trazer as passas às meninas solteiras...*e perguntam-se certas adivinhas:

Adivinhas

Quem é mais velho? Eu ou o meu pai?

Tanto sou eu como o meu pai, pois o pai não foi pai primeiro nem eu filho primeiro.



*Era uma pipa, em cima da pipa está uma máquina,
em cima da máquina está uma bola,
em cima da bola está o mato onde anda o gado.*

Pipa=barriga; bola= cabeça; gado= piolhos; máquina=estomago;
mato=cabelo



*Se o fizer à noite, de manhã tem de a fazer
Se não o fizer à noite, de manhã está feito.
É a roupa*



*Qual é a primeira coisa que a mulher faz quando se levanta?
É virar o às de copas para o chão.*



Quem o compra não o usa e quem o usa não o vê.

É o caixão



Qual é o animal que tem uma de cada e de cada tem duas e meia?

É o gato



*Livra-te compadre de cima de minha comadre
p'ra eu tirar e pôr à vontade.*

É a panela e o testro (tampa da panela)



*Por baixo pinho, por riba linho, à roda senhores, por baixo caçadores
É uma mesa posta com toalha e com homens sentados e com os cães.*

De noite deslocamo-nos à casa da Ti' Palmira e sentados à lareira ouvimo-la contar e ensinar-nos orações que lhe foram transmitidos oralmente. Toda a cultura tradicional do Silvosa no que diz respeito a lendas, mitos, tradições é de transmissão oral. Até a canção da inauguração de Silvosa é sabida de cor e não está escrita. Aprendem a música de cor e aprendem por ouvido a tocar instrumento.

Mesmo as canções da altura das festas estão todas na memória do povo e podemos até adiantar que duvidamos que os mordomos apontem o que quer que seja no papel.

Canção de Silvosa

*Viva o povo da silvosa
Viva também o da vinha
Vivam todos quantos estão
E o sr. Padre farinha
Demos vivas à nação,
Ao Sr. Governador
Que nos tem dado paz e pão
Feito obras de valor*

Refrão:
Ó vento que passa
Cantai raparigas
Espalhai cuidados
Vamos prós bailados
Cantando cantigas
Este nosso rancho
Que canta e dança
Tem doce e magia
É rancho de encanto
Prazer, alegria

Raras são as coisas escritas. Só tivemos conhecimento de uns versos feitos por uma senhora *que os sabe fazer bem* ao presidente da Câmara de Oleiros aquando da sua tomada de posse. E mesmo estes não estavam inteiros, pois parte dos versos foi perdida, e estão escritos porque foram distribuídos pela Câmara, senão alguém tinha de os ter decorado.

Antes de passarmos a expor as orações e depois as histórias que a Ti' Palmira nos ensinou, vamos contar primeiro duas pequenas lendas que, segundo a Ti' Palmira aconteceram em Silvosa há já alguns anos atrás.

A velha que andava a apanhar batatas

A lenda conta que uma velha andava a apanhar batatas. Diz-lhe um senhor que por ali passou:

- *São grandes?*
- *Ainda as não vi.*
- *São muitas?*
- *Ainda (que) não as contei - responde novamente a velha*
- *São boas?*
- *Ainda (que) não as provaram*



A outra lenda da velha que ela nos contou foi a de que a velha andava a roubar castanhas.

A velha que roubava castanhas

O dono passou e dirigindo-se a ela deu-lhe os bons dias.

- Bom dia - respondeu a velha - ando a apanhar castanhas. Cada ouriço tem três.

- Ai velha, velha se eu lá vou - disse o dono dos castanheiros.

- Então venha com Deus - foi a resposta da velhota.

Em Silvosa, além das pessoas que dizem doutrina há também certas pessoas que são consideradas bruxas, outras curandeiras e que são geralmente as mais velhas. Destas, das mais velhas há as que ensinam certas rezas para curar enfermidades ou rezas estritamente católicas. As que conhecemos que sabiam rezas eram a Ti' Leonor, a Ti' Prazeres, a Ti' Palmira e o Ti' Carlos. Esta última se me permitirem a frase é mesmo uma autoridade sobre o assunto. Desde histórias passando por lendas e acabando em orações esta nossa tia de coração sabia tudo o que em Silvosa havia para saber nesta matéria.

2.5. Histórias. Orações e Rezas

As orações que nos foram ensinadas podem-se dividir em dois grupos. As orações estritamente religiosas e os que se dizem como acompanhamento de mezinhas caseiras. Como já referimos, orações são muitas e há uma para cada acontecimento mais relevante do dia-a-dia. No entanto citaremos apenas aquelas que nos ensinara embora saibamos pela boca da *ensinadora* que muitas mais há.

Começaremos por citar as orações estritamente religiosas.

Para se começar bem o dia, ao levantar dizemos a oração do levantar:



Oração do Levantar

Com Deus me deito, com Deus me levanto, com a oração divina e o Espírito Santo.

De notar que esta oração coincide com a primeira parte da Oração do Deitar, da região da Beira Baixa.

Quando vamos dormir temos a Oração do Deitar:

Oração do Deitar

*Na cama me deito p'ra dormir e descansar
se a morte vier e não me deixar falar
abraço-me à cruz,
e entrego a minha alma ao meu bom Jesus.*

Esta oração não coincide com nenhuma oração do Deitar (que conhecemos) da região da Beira Baixa.

Seguidamente enunciaremos outras orações de índole estritamente religiosa que nos foram transmitidas pela Ti' Palmira.

O Pecador Adormecido

*Ó pecador adormecido qu'andas muito esquecido
Confessa-to ó pecador, qu'andas muito enganado
Não sabes na hora em que andas, rodes morrer em pecado
Tu perdeste a tua alma e foste o causador
Fugiste pr'ó pecado, deixaste nosso senhor
Deixaste quem te criou, quem te pode dar a glória
Terás sempre ó pecador esse caso na memória.*

*Deita-te nessa cama branda, lá descansará o teu corpo
Só farás a penitência só no fim de estares morto
Dá a glória e a sentença diante do teu redentor
Serás bem-aventurado se ele for a teu favor
Nós andamos neste mundo todos muito enganados
Nós devemos ir ao fogo penar os nossos pecados.
Ó pecador se tu te vires naquela fornalha a arder
Por mais que tu lá chores ninguém te vai valer
Chora, chora e suspira
Considera nossa doutrina e a sagrada lei divina
Não te deites em pecado,
Podes ir amanhecer, ao inferno condenado.
Para a nossa salvação melhor é o padre nosso
Para dar contas a deus qu'este mundo não é nosso
Para a nossa salvação melhor é a ave maria
Para dar contas a deus qu'este mundo é um dia
Para a nossa salvação glória a pátria
Para dar contas a deus antes que a morte nos mate.
Não se acabou a oração, quem o sabe não o diz
Quem o ouve não o aprende, lá vai o dia do juízo
Que a sua alma se arrependa.
Quem esta oração disser d'ano a ano dia a dia na morte nunca a trairia
Nem sem nem com a sua companhia
Seu corpo ganha perdão para si e para a sua geração.*

Confissão de Nossa Senhora

(quando ela andava grávida de Jesus)

Nossa Senhora se foi confessar uma manhã de domingo. Não era por ter pecado, nem por os ter cometido. Era só por guardar respeito ao seu génio filho.

- Ó Sr. Padre Missa, minha confissão há-de ouvir que eu venho embaraçada, em vésperas de cair.

O Padre assim que ouviu salvou seu pensamento.

- Donzela para mim pecados nem pelo primeiro mandamento.
- O primeiro ato que amei foi meu Deus tão bom Senhor.
Cá o traço no meu ventre criado a meu favor
O segundo que eu jurei foi uma jura de doutrina
a 25 de Março encarnou barba divina
O terceiro que eu amei foi meu pai mais do que vós
não sei se será ofensa chamar a meu Deus por vós
O quarto que eu jurei foi o pecado infernal
para confessar a meu Deus o pecado original
O quinto que eu levantei foi p'ró céu minha memória
agora já estou contente, ó virgem mãe do sol
Ó Sr. Padre Missa peço-lhe por favor que me dê tal solução
nem digna era d'a confessar quanto mais de lhe dar solução.
- Vai mais o menino Jesus para Belém que parte de todo o bem

Paixão de Nosso Senhor

Nossa Senhora falou a Cristo, grandes planos lhe fez ter, mais do que devia ser, é certo qu'ouvi dizer qu'andavam judeus filhos meus para vos prender, certo na verdade vós o tendes na vontade só vos peço filhos meus, que me ides a Jerusalém, antes da Páscoa que vem.
Só vós, minha senhora, m'aqui podeis fazer estar onde eu não posso estar
Nem uma hora nem um dia sem a vossa bela santa companhia,
As lágrimas qu'eu vejo correr por esses vossos belos olhos
M'obrigam a dizer os martírios qu'eu hei-de-ter.
Eu hei-de ser crucificado e por três judeus levado
Vós me vereis cair, vós me vereis ajoelhar
As três pancadinhas qu'o meu corpo há-de dar
É uma dor na celhice, um escalo estalecido terra de grande temor
Qu'é paixão de nosso senhor

Doze Palavras, Doutrina também conhecida como As 12 Verdades Ditas e Tornadas.

Esta oração é uma das orações mais antigas que, para além de servir para afastar o Diabo, como a Ti' Palmira nos deu a entender, é usada na região da Beira Baixa por ocasião de falecimento na altura do velório e reproduz um diálogo entre Satanás e São Cristóvão.

É uma oração que pode ser rezada também em conjunto e, neste caso, todos acompanham na integra o texto. Apesar de o diálogo lhe poder conferir um sentido teatral, jamais esta oração foi entendida assim.

De salientar a história da rapariga que se zangou com os pais, que será citada mais à frente na parte das histórias e que acompanha esta oração como sendo a altura em que o Diabo a deu a conhecer como salvação aos cristãos. Conhecendo outra versão desta reza, a qual difere apenas em certas palavras ou na forma como as frases foram ditas, seremos mais uma vez o mais fiéis possível ao original que ouvimos.

Doze Palavras – Doutrina

(também conhecido como As 12 Verdades Ditas e Tornadas)

Diz o Diabo – *Cristóvão, amigo meu*

São Cristóvão - *Cristóvão sim, mas teu amigo não*

Diabo - *Diz-me a primeira*

São Cristóvão - *A primeira é a Casa Santa de Jerusalém, onde morreu Cristo por nosso bem.*

Diz o Diabo – *Cristóvão, amigo meu*

São Cristóvão - *Cristóvão sim, mas teu amigo não*

Diabo - *Diz-me a segunda*

São Cristóvão - *A primeira é a Casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nosso bem. A segunda são as duas tabuinhas de Moisés onde Nosso Senhor botou os pés.*

Diabo – *Cristóvão, amigo meu*

São Cristóvão - *Cristóvão sim, mas teu amigo não*

Diabo - *Diz-me a terceira*

São Cristóvão - *A primeira é a Casa Santa de Jerusalém onde morreu Cristo por nosso bem. A segunda são as duas tabuinhas de Moisés onde*

Nosso Senhor botou os pés. A terceira são as três pessoas Divinas da Santíssima Trindade.

Prossegue assim a lengalenga com o Diabo e São Cristóvão, este a repetir sempre as verdades todas, desde o princípio cada vez que o Diabo lhe pede mais uma. Citaremos apenas a sequência.

- A quarta são os quatro evangelistas (aqui difere da outra oração que conhecemos da região da Beira Baixa que afirma que a quarta são os quatro Patriarcas)

- A quinta são as cinco chagas de Jesus Cristo

- A sexta são os seis novecentos casais (a outra oração diz que são os seis cidros do vento)

- A sétima são os sete sacramentos

- A oitava são os oito cordeões (anjos do céu) (a outra oração diz que são os oito Corpos Santos)

- A nona são as nove Temperas (quando Deus deu o tempo)

- A décima são os dez Mandamentos

- A décima primeira são as onze mil virgens

- A décima segunda são as doze verdades ditas e tornadas

*Sete raios tem o sol outros tantos tem a lua
arreventa (vade retro) Diabo Infernal
que esta alma não é tua!*

As rezas ou orações que são usadas quer para tirar o quebranto quer para benzer as zepelas, quer para responsar as pessoas, ou seja, abençoá-las, quer até para afastar o mal das trovoadas ou quando se perde alguma coisa também são muito usadas em Silvosa.

Eis algumas das que nos foram transmitidas pela Ti' Palmira e pela Ti' Leonor.

Benzer as Zepelas

As zepelas é um mal inchado. A zepela é uma verruga pélvica normalmente bastante saliente e dolorosa do tipo do furúnculo e que pode originar o aparecimento de tumores. Para o tratamento usa-se azeite e um pedaço de lã de cordeiro.

A reza consiste no seguinte:

Benzer as Zepelas

- *Donde vens São Julião?*
- *Venho de Roma*
- *Que é que por lá há de novo?*
- *Muita zepela e muito zepelão*
- *Com que é que as curarão?*
- *É com azeite virgem e com a Graça de Deus e com a espiga do pão*
- *Zepela ou zepelão vai-te desta companhia*

Um Pai Nosso a Santa Luzia

A oração deve repetir-se três vezes terminando com um Pai Nosso.

Tirar o quebranto já é bem conhecido em Portugal. Quem é que nunca ouviu falar das rezas, do prato de água e do fio de azeite? Quem é que até nunca se sentiu atraído para ver tirar o quebranto ou que lho tirassem?

O quebranto consiste, pois, em mau-olhado lançado à pessoa que se queixar de dores de cabeça continuas e mau estar, por exemplo.

As rezas do quebranto são as mais variadas possíveis e muitas delas até de cariz cómico.

Apesar de as rezas poderem variar bastante, os instrumentos utilizados são quase sempre os mesmos - água e um recipiente.

Uns usam pingos de azeite, outros pequenas brasas.

A técnica que nos foi ensinada foi a dos pingos de azeite. Dispõem-se três pequenas gotas na água as quais se só mantiverem à superfície numa forma circular indicam-nos que não se trata de quebranto, se, no entanto, desaparecerem assim que tocarem na água, é o sinal de quebranto.

Então a operação deverá repetir-se tantas vezes quantas as necessárias, sempre acompanhados da reza e da bênção até que as gotas se estabilizem.

A reza é a seguinte:

Tirar o Quebranto

*Nossa Senhora tire esse quebranto
Nossa Senhora incisou o Seu Filho
para o Seu Filho se curar
também eu te inciso a Ti'
para esse quebranto abalar.*

Benze-se a pessoa que está a tirar o quebranto à outra e reza-se um Padre Nosso, as Três Pessoas Divinas da Santíssima Trindade.

Volta-se a repetir os pingos de azeite dizendo desta vez o seguinte:

*Os olhos que botaram não é que lho hão-de tirar.
São as três Pessoas da Santíssima Trindade.
Torna-se a benzer e torna-se a rezar*

Na região da Beira Baixa temos a reza da Cabrita. Em Silvosa há uma que é *Dizer as Vistas* e que consiste mais ou menos no mesmo.

Como o próprio nome indica trata-se de um problema nos olhos que surge sem causa aparente.

Dizer as Vistas

A pessoa que faz a oração pega em três folhas de oliveira e põe-nas em uma na mão e três vezes fez o sinal da cruz frente à vista da pessoa enferma.

Parte-as em três e atira-as para trás da pessoa e torna a pegar noutras três folhas cruzadas fazendo com estas o sinal da cruz frente à vista doente da pessoa enquanto diz a oração:

*Nome de Deus filho da Virgem Maria,
Senhora Santa Luzia me cure esta enfermidade.
Se for cabrita ou farpão ou alegum ou outra coisa qualquer
atrás torne, adiante não vá,
o que a Nossa Senhora faz com a sua
em obra de Deus com esta minha.*

Esta oração é dita três vezes.

Existem duas versões da Oração de Santo António na região da Beira Baixa. No entanto só nos ensinaram uma. É usada quando se perde qualquer objeto para mais facilmente o encontrar.

Oração de Santo António

*Santo António se levantou
suas mãos divinas lavou
seu bordãozinho d'ouro tomou
na mão direita o levou
Nosso Senhor encontrou
Nosso Senhor lhe perguntou
- António, para onde vais?
- Eu, Senhor convosco vou
- Tu comigo não irás*

*Tu no mundo ficarás
todas as coisas perdidas, tu encontrarás
ao seu dono entregarás
quer de dia quer de noite
um Padre Nosso, uma Avé Maria em louvor de Santo António.*

Esta oração diz-se três vezes

Passaremos agora a contar algumas das histórias que nos foram transmitidas pela Ti' Palmira. Apesar de uma horrível dor de dentes que quase a impedia de falar, mas que estava a ser tratada com mezinhas preparadas por ela, contou-nos histórias à medida que se ia lembrando. Sentados na sua cama ouvíamos com atenção as histórias que ela contava.

História: Encontrar um compadre

Uma vez uma senhora teve um menino. O pai disse-lhe: - onde é que vamos agora encontrar um compadre? - Como a mulher não lhe soubesse responder saiu ao caminho à procura de um. Apareceu-lhe um senhor.

- Para onde vais? - perguntou o desconhecido.

- Vou à cata de um compadre. Quem és tu?

- Eu sou Deus.

Então não me serves

- Então porquê?

Porque dás tudo a uns e a outros nada.

Recomeçou a andar. Passado um bocado apareceu-lhe outro homem ao caminho.

Para onde vais? - perguntou o homem.

_ Vou à cata de um compadre. Quem és tu?

- Eu sou São Pedro

- Então não me serves

- Então porquê?
- Porque a uns abres a porta e a outros fechas-lha.
Novamente recomeçou a andar. Apareceu-lhe outro desconhecido.
- Para onde vais? - perguntou-lhe ele
- Vou à cata de um compadre. Quem és tu?
- Eu sou a morte.
Então já me serves.
- Então porquê?
- Porque levas todos. Velho e novo, pobre e rico.

História: Os três filhos

Era uma vez um pai que tinha três filhos que não tinham mãe. Uma vez o mais velho disse ao pai que ia servir.

- O que queres? - perguntou-lhe o pai - um bocadinho de pão ou a bênção?

- Dê-me o pão que a bênção alguém ma dará - respondo-lhe o filho Saiu ao caminho e encontrou uma senhora a lavar.

- Haverá alguém que me queira assoldadar? - perguntou-lhe ele

- Vai lá acima àquela casa que assoldadam lá tudo - responde-lhe a mulher

Ao chegar lá disseram-lhe assim:

Toma lá o capote e este cavalo e hás-de encontrar um mar de água, um mar de sangue, um mar de leite e um jardim de flores - O mais velho assim fez.

Entretanto o irmão do meio disse ao pai que ia ganhar o seu pão.

- O que queres? - perguntou-lhe o pai - um bocadinho de pão ou a bênção

- Dê-me o pão que a bênção alguém me a dará - respondeu-lhe o filho.

Saiu ao caminho e encontrou uma senhora a lavar.

Haverá alguém que me queira assoldadar - perguntou-lhe também ele.

- Vai lá acima àquela casa que assoldam lá tudo - respondeu-lhe a mulher.

Ao lá chegar disseram-lhe assim:

- Toma o capote e este cavalo e hás-de encontrar um mar de água, um mar de sangue, um mar de leite e um jardim de flores. O do meio assim fez.

O irmão mais novo foi também dizer ao pai que se queria ir assoldadar

- O que queres? - perguntou-lhe o pai - um bocadinho de pão ou a bênção?

- Dê-me a sua bênção que o pão alguém mo dará.

Saiu ao caminho e encontrou uma senhora a lavar.

- Haverá alguém que me queira assoldadar? - perguntou-lhe também ele.

- Vai lá acima aquela casa que assoldam lá tudo - respondeu-lhe a mulher.

Ao chegar lá disseram-lhe assim:

- Toma lá o capote e este cavalo e esta carta e hás-de encontrar um mar de água, um mar de sangue, um mar de leite e um jardim de flores e dois carneiros a marrar. Vai. Entrega esta carta à senhora que estiver na casa do jardim e volta.

Quando voltou e entregou o cavalo, perguntaram-lhe:

- Gostaste?

- Gostei!

- Soubeste o que passaste?

- Não sei!

O mar de água são as lágrimas d'água que a Nossa Senhora deitou quando lhe mataram o menino. O mar de leite são as gotas de leite caídas da boca do menino quando mamava. O mar de sangue são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os dois carneiros a marrar eram os teus irmãos. Reconheces-te a tua mãe?

- Não.

- Estava no jardim das flores.

Satisfeito com ele, Nosso Senhor deu-lhe um pão e ele voltou a casa.

Quando foram abrir o pão saiu de lá dinheiro.

História: Qual das filhas lhe quer mais bem?

Era uma vez um rei que tinha três filhas. Uma vez disse-lhes que queria saber qual delas lhe queria 'mais bem'.

Responde-lhe a primeira

- Quero-lhe do fundo do meu coração.

Responde-lhe a segunda

- Quero-lhe tanto como o sabor de toda a comida

Responde-lhe a terceira

- Quero-lhe como o ver.

Não satisfeito com a resposta da segunda filha, pô-la fora de casa.

Tendo a princesa que ir servir, foi para guardadora de patos para a casa de um rei. Costumava ir ao mar lavar-se e lavava também o ouro que havia trazido consigo. Os patos costumavam picar no ouro e ela costumava então dizer:

Pato aqui

Pato ali

Filha de um rei a guardar patos

Nunca tal eu vi.

Um dia a patroa pediu-lhe para ela amassar o pão.

A rapariga admirada disse assim:

- Uma pobretanas como eu é que vai amassar o pão»? Feche-ma num quarto para que eu esteja à minha vontade.

Assim fez a patroa. E a rapariga pôs-se a amassar o pão de bata branca.

A patroa espreitou pela fechadura e ao ver aquela cena disse assim para o filho:

- Ó filho vais casar com ela porque ela é linda. Se visses a limpeza com que ela amassava o pão...

o príncipe casou com ela. No dia do casamento ela disse à rainha que queria convidar uma pessoa da afeição dela, mas o comer que lho queria fazer ela.

A rainha disse-lhe que sim e ela assim fez, e foi ela mesma quem o levou para a mesa, mas sem estar temperado com sal.

Perguntou-lhe ela - Gosta?

- Está muito bom, mas falta-lhe o melhor - respondeu-lhe o pai. - pois tenho uma filha que me queria como o sabor de toda a comida e era a que me queria melhor e pu-la fora de casa.

- Se a visse ainda a conhecia? - perguntou-lhe a rapariga.

- Ainda. Ela tinha um sinal na perna.
Então a princesa levantou a saia e mostrou-lho a perna para ele ver o sinal. O pai reconheceu-a imediatamente.

História: Menina no cemitério

Uma vez a mãe de uma menina morreu. A criança tenta ir ao cemitério, mas detém-se num penedo. A mãe que ia a subir para o céu falou com ela.

- Que fazes aí criança, na ponta desse penedo?
- Queria ir ao cemitério, queria ir, mas tenho medo.
- Que querias lá ir fazer se lá não vejo ninguém?
- Queria ir beijar a terra à campa de minha mãe.
- Então tu já não tens mãe, criança tão pequenina?
- Também meu pai me morreu sepultado numa mina.
- Com que vives à criança que já não tens pai nem mãe?
- Eu vivo com um irmãozinho que ficou órfão também
- O que faz o teu irmão para a Tí' te sustentar?
- Pedindo pelas portas se uma esmola lhe querem dar
- Vai ajudar teu irmão a pedir uma esmola quem sabe que tu és órfã já ninguém te dá perdão.

Diz-lhe a mãe:

- Vai-te embora minha filha, não mo posso demorar, já os anjinhos do céu por mim estão a chamar.

Responde-lhe a criança:

- Se tu fosses minha mãe já não falavas assim abraçavas-me e beijavas-mo como dantes era assim.

História: A filha que se zangou com os pais

Era uma vez uma filha que se zangou com os pais e disse-lhes:

- *Quero-me ir assoldadar antes que seja com o inimigo*
Saiu ao caminho e encontrou um homem a cavalo que lhe perguntou:
- *Para onde vais?*
- *Zanguei-me com os meus e quero-me assoldadar nem que seja com o inimigo.*
- *Não o faças. Eu levo-te para casa.*
E ela lá se sentou à espera de que ele voltasse e ele lá a levou para casa dele.
Disse-lhe:
- *Está à vontade, tens ordens para viveres bem, fazeres o comer e bates nesta pedra para eu vir jantar, mas só p'raquela sala não vás assomar.*
Ela pensou no que ele lhe tinha dito e sempre tive de assomar à sala.
Viu-o lá andar com uma forquilha a deitar as almas para o inferno e quando veio jantar ela disse:
- *Quero-me ir embora.*
- *Porquê? Foste assomar à sala?*
O teu pai já cá está e a tua mãe está para vir para cá.
Eu sei uma oração que se tu aprendesses ainda te salvavas a Ti' e à tua mãe, mas só ta digo uma vez. Duma vez só não a aprendes.
Vou-te levar à tua casa e digo-ta pelo caminho e se tu não aprenderes nem tu nem a tua mãe vos salvais. Quando iam perto da casa, ela com o medo que não acabasse, correu para a mãe e disse:
Ó minha mãe, diga comigo para nos salvarmos.
O inimigo quando viu que elas se salvaram, atirou um estouro e abalou.

As palavras que ele lhe ensinou são as doze palavras da Doutrina que estão citadas mais atrás, quando falámos das orações, pois é uma oração que serve para afastar o diabo.

Terminando este assunto salientamos que tentámos ser o mais fiéis possível da maneira como a Ti' Palmira contou as histórias, dando assim um sabor mais puro. Poderemos chamar a atenção para as repetições de frases ou palavras tão típicas de histórias portuguesas, essas repetições que consistem em dar continuidade ou até uma certa musicalidade à história que nos é contada.

Outro ponto importante é o aspeto de que podemos ver que até através das histórias a religião se encontra presente com Deus e o Diabo.

Um outro fator de relevo será o de que todas as histórias têm uma moral. Todas as histórias têm um significado (a do bem vencendo o mal que constantemente o atribula), significado esse que tem também um fundo religioso.

Curioso é notar que cada vez que a Ti' Palmira acabava uma história nos perguntava se tínhamos percebido o que é que aquilo queria dizer.

Há histórias que se confundem com lendas e vice-versa, tentámos, no entanto, ser o mais objetivos possível na sua distinção.

Finalmente poderemos chamar novamente a atenção de que a superstição está presente em qualquer ato quotidiano de Silvosa através de ditados, dizeres, provérbios, adivinhas e anedotas. Todos os atos *silvosianos* estão cheios de significado.

3. A Morte

Não podemos apresentar neste estudo a posição que os habitantes de Silvosa têm perante a morte, pois este é assunto que povo nenhum gosta de tocar.

O que podemos afirmar é que, também como a maior parte do povo português ela é encarada com respeito e um certo medo e que aliada a ela encontramos certos ritos e crenças.

Formada quase totalmente por população velha, é natural que a morte por ser uma realidade tão perene, seja envolta em sentimentos religiosos (principalmente as mulheres) religiosidade essa que tende para a superstição e que lhe dá um cariz irreal.

Quanto a causas de morte em Silvosa podemos apenas falar em cirrose, trombose e velhice. Casos de suicídio são raros, só tivemos conhecimento de um enforcamento.

Os cemitérios mais próximos são o de Paiágua e o de Sarnadas de São Simão.

4. Explicações, Doutrina, Ensino

Quisemos abordar este tema aproveitando a facilidade que tivemos de obter um depoimento da primeira professora de Silvosa: a Sra. Maria Eugénia, depoimento este que passamos a transcrever na íntegra, por acharmos merecer tal atenção e por pensarmos que dele mais informações podemos obter do que por qualquer outro processo.

Segue-se, pois, o referido depoimento:

Depoimento

da primeira professora da Silvosa, Maria Eugénia,

Eu, Maria Eugénia, ex-regente escolar, iniciei a minha feliz carreira numa pequenina aldeia beirã. Hoje sinto-me infeliz pois não me sendo possível continuar os estudos por falta de transportes, tive de optar pela profissão de contínea aqui em Lisboa, para ficar a cuidar e guiar crianças que sempre foi o meu sonho.

Iniciei a minha carreira naquela pequenina aldeia da Beira Baixa, de nome Silvosa, em 31 de Outubro de 1961. O início foi neste dia porque eu tinha feito exame apenas em 6 de Outubro. Fui então abrir a escola pela primeira vez. Depois de duas horas a pé e acompanhada pela minha mãe, lá consegui encontrar aquelas casinhas pretas pelo fumo das chaminés, escondidas nas serras e pinhais onde só se ouviam os pardais. Teria muito que contar, se tempo tivesse, acerca do acanhamento com que as pessoas se comportavam até

acabarem por ser todos meus grandes amigos ainda hoje e já lá vão tantos anos. Abri, portanto, a escola pela primeira vez. Escusado será dizer que era quase toda a gente analfabeta. Havia apenas dois homens e uma mulher que sabiam ler e andavam quatro rapazes de vinte anos a frequentar a escola da noite na aldeia mais próxima que é a Paiágua.

Dei início às aulas com trinta alunos, todos analfabetos, de idades compreendidas entre os 7 e os 13 anos, idade esta abrangida pelo

recenseamento. Pois havia mais rapazes com mais idade e não se podiam assim matricular. Mas não os deixei abandonados. Fiz logo convite a quem quisesse aprender que eu os ajudaria à noite. Com grande alegria toda a juventude aceitou e até senhoras de idade que tinham os maridos emigrantes e os filhos na guerra em Angola.

Comprou-se um bom candeeiro e demos início às aulas noturnas. Trabalho este que fiz sem receber nada nem do Estado, nem dos alunos, pois a minha melhor recompensa era pôr aquela gente a poder escrever e ler as cartas dos entes queridos que nesse tempo andavam na guerra. E também para os novos poderem escrever para os namorados sem ter de pedir ao Ti' Zé Chamiça que era único que escrevia lá na terra.

Com a ajuda de Deus todos em breve começaram a saber ler e fazer as cartas pois era isso que mais desejavam. Os rapazes é que quiseram ir mais à frente, pois todos tinham a ambição de emigrar, e esses fizeram a terceira classe e alguns mesmo a quarta classe. Agora falo dos pequeninos.

Foram dias tão felizes aqueles em que acompanhei aquelas crianças tão tímidas, mas tão carinhosas. Começaram todos na primeira classe. Mas claro, os de treze anos tinham já mais capacidade e talento. Então esses, conseguiram que fizessem duas passagens num ano escolar com a autorização da Direção Escolar. E todos fizeram a quarta classe.

Os de sete anos foram sempre juntinhos até à quarta classe. Levei nesse primeiro ano de ensino em Silvosa dez alunos ao exame da quarta classe, e com a graça de Deus, todos fizeram boa figura, como se diz lá na aldeia. E se os exames eram difíceis! A instrução primária nesse tempo era muito difícil. Eu tinha as quatro classes. Só no primeiro ano é que entraram todos para a primeira classe, mas passados quatro anos a situação normalizou.

As nossas aulas começavam com uma oração ao Senhor. Tínhamos de controlar muito bem o tempo para ter as quatro classes a trabalhar ao mesmo tempo. Na minha opinião a primeira classe era muito difícil. Não podiam passar de classe sem saber ler e escrever corretamente, fazer um ditado de duas linhas, saber as quatro operações, isto é, contas de somar, multiplicar, dividir e subtrair, e ainda dois problemas, leitura e desenho.

As outras classes todas tinham o seu programa. A quarta classe desse tempo, a meu ver, era também muito trabalhosa. Tinha de ser decorada a parte de história, geografia e ciências. Eu tinha tanta pena de ver aquelas criancinhas tão ocupadas que nem tempo tinham para brincar!

Tínhamos o nosso tempo muito bem aproveitado, também em jardinagem e em catequese. Às quartas-feiras e sábados dava-se uma hora de catequese. O senhor padre lá vinha uma vez por outra dar catequese, mas era raro devido à grande distância que nos separava da freguesia.

Os meus alunos tinham tanto gosto pela catequese que eu resolvi comprarmos por todos uma imagem de Nossa Senhora e mandarmos fazer um nicho onde a colocámos e aí fazíamos a nossa reza do terço nos meses de Maio e Outubro.

O terço era rezado em conjunto, mas cada dia era um que conduzia o terço. Pedi flores à câmara de Castelo Branco que prontamente me enviou na camionete. E com elas escrevemos no nosso jardim a palavra SIIVOSA e junto ao nicho de Nossa Senhora as palavras AVE MARIA. As flores pegaram bem e ficaram lindas as palavras que com elas escrevemos. Eram aquelas plantas próprias para isso, e todos os sábados as cortávamos para se notarem sempre em boa forma.

Aquela pequenina aldeia analfabeta que encontrei em 1961 está hoje quase deserta pela emigração. Ainda bem, pois ali não havia condições para as pessoas poderem ser úteis à família e à Nação. Assim, há quem aí vá passar férias e construir casas para onde contam regressar para repouso dos anos de trabalho.

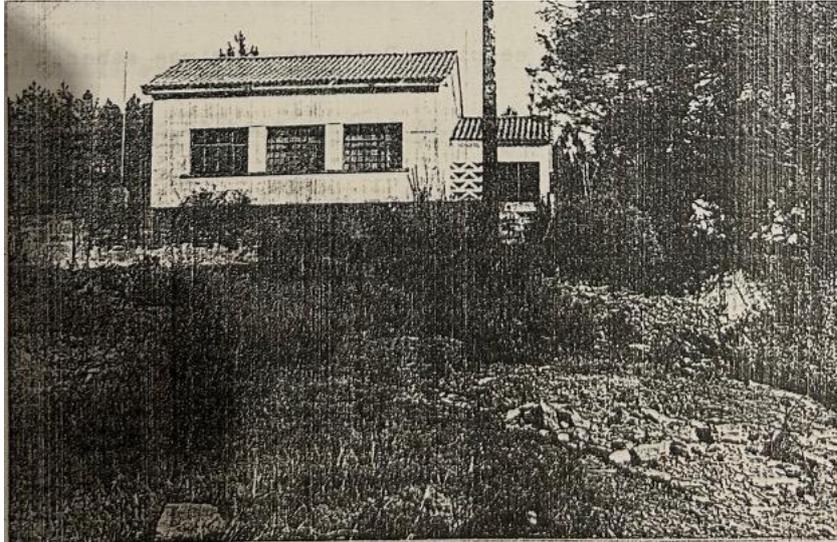
É uma aldeia pequena, mas grande em amor e carinho e colaboração. Ali, em cada vizinho está um amigo, as portas não precisam de chave. Ali, a maldade não tem lugar.

Inquirimos os habitantes de Silvosa a propósito das professoras que se seguiram. Pouco conseguimos saber. Talvez porque o jogo da iniciativa se tivesse apagado com a saída da primeira professora. Esta deixou Silvosa alguns anos depois de casar e quando teve o primeiro bebé, para lhe dar um futuro mais favorável. Das outras

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

professoras apenas sabemos que não se empenhavam tanto na sua tarefa, já não tinham escola noturna e não permaneciam em Silvosa mais que dois anos, em regra.

Tanto a primeira professora como a seguinte alugavam um quarto numa casa de Silvosa com direito a servirem-se da cozinha da casa e aí estabeleciam residência enquanto lecionavam na aldeia. Depois, foram sendo ca da vez menos os alunos até não se justificar que para Silvosa fosse nomeada uma professora.



Hoje, só o Jorge está em idade escolar, e a sua irmã depressa se lhe somava. Este vai a pé à Paiágua receber as suas lições. Em Silvosa há duas moças solteiras que aí residem e estudam em Castelo Branco. A pedido dos pais de Jorge e outros rapazitos da Vinha, aldeia

próxima, dão explicações que ajudam estas a acompanhar melhor as aulas. Também lhes dão catequese a pedido do Padre.

Foram estes os dados que conseguimos obter a propósito do ensino escolar e catequético em Silvosa.

5. Festividades

Como quase todas, Silvosa é uma aldeia relativamente festiva. Antigamente era mais devido até ao facto de existirem pessoas mais jovens.

Atualmente os festejos reduzem-se à Festa de São Simão, ao 28 de Outubro, ao Madeiro e a um ou outro acontecimento fora do comum, como um casamento ou um batizado. A Páscoa quase não se faz sentir.

Povo de natureza alegre, tudo lho serve para um bom divertimento e uma boa risada, só que festas a sério já é mais difícil.

Na altura da apanha da azeitona também se costuma festejar, mas este ano nem isso aconteceu e se *houver festa este ano, só em Paiágua*.

5.1. O Madeiro

O Madeiro ou Lenho é uma festa de Natal. Durante uns dias antes do Natal, os homens juntam grandes quantidades de lenha à qual se pega fogo e arde durante dois ou três dias. A fogueira é feita no centro da aldeia e ali se juntam todos a conversar, a cantar e a *fazer pândegas*.

Aliado a isto assistimos a visitas mútuas das famílias das aldeias vizinhas.

5.2. Festa de São Simão

É a festa própria de Silvosa, *todas as aldeias têm uma festa própria*.

Antigamente era festejada no dia 28 de Outubro, dia de São Simão, que é o padroeiro de Silvosa, mas atualmente devido a assim se juntar mais pessoal, mudaram para o último domingo de Outubro, pois assim não há o perigo de calhar a um dia de trabalho.

Por esta altura matam-se muitas cabras e constrói-se uma mesa grande de madeira, normalmente redonda, com vários andares, na qual se dispõem os artigos para leilão, artigos esses que os habitantes têm vindo a fazer para a ocasião ou que simplesmente desejam leiloar na altura. De salientar que no ano passado a mesa da festa rendeu cerca de 50 contos. Dinheiro que é guardado para a organização da próxima festa.

A festa dura dois dias - domingo e segunda.

Na manhã de domingo temos uma alvorada de fogo de artifício, a seguir os mordomos começam a juntar as ofertas para a mesa, chega mais tarde o tocador e a aparelhagem.

Entretanto as famílias das outras terras vão chegando e vão comer a casa das famílias de Silvosa. Canta-se e leiloa-se e depois vai-se jantar (almoçar), depois há novamente baile e o leilão das ofertas.

Costuma haver Missa ao domingo, mas este ano, como o padro disse que não podia vir de fora nenhuma, não houve. Também não há procissão - o que têm muita pena - porque não há capela.

As ofertas são leiloadas e constam geralmente de batatas, chouriços, bolos, filhoses, etc.

Segunda-feira acontece o mesmo. Mas quem são os mordomos? São os organizadores da festa. É um cargo rotativo de ano para ano e eles é que se nomeiam uns aos outros, de forma que calhe a todos os habitantes da aldeia. O padre é que anuncio na Missa quem foram os nomeados e uma vez anunciado o nomeado tem de aceitar.

Antigamente a Silvosa e a Vinha faziam a festa juntos, mas os mordomos chatearam-se e *apartaram as meias da festa*. Isto esmoreceu tanto que este ano a Vinha nem sequer festa teve.

Primeiramente era só um mordomo, agora como a festa é *mais rija* são dois e já se *faz a mesa* coisa que também não se fazia.

Antigamente o mordomo andava de porta em porta a recolher as ofertas para serem vendidas nas Sarnadas pois nessa altura era lá que se fazia a festa e o dinheiro era para a Confraria da Igreja de São Simão.

Atualmente o dinheiro que se não gasta é, não só para a Confraria da Igreja de São Simão como para pagar o fogo de artifício e a aparelhagem e até guardar algum para a festo do ano que vem.

5.3. Sagrada Família

Um outro acontecimento festivo em Silvosa, mas que não se pode considerar festa será o da Sagrada Família. Este costume apareceu mais ou menos em 1960 pela iniciativa do Padre Fernando das Sarnadas.

Nessa altura a Sagrada Família corria muito mais do que agora, pois muitas delas estão já desabitadas.

A ordem de estadia da Sagrada Família em cada tem de ser respeitada: começa num ponto da aldeia, corre as casas *a oito* segundo um certo itinerário e termina na outra ponte.

Apesar de atualmente já não percorrerem tantas casas o costume ainda é de que a Sagrada Família deve percorrer 30 casas, por onde passa e ficar 24 horas em cada casa, deve estar sempre alumiada com petróleo ou azeite e não se paga nada por a termos em casa. Apenas quando sai desta, cada um pode pôr o dinheiro que quiser que servirá depois para dizer missas pela Sagrada Família.

Antigamente pelo domingo de Páscoa, o pároco e os mordomos davam as boas festas, punha-se a *aleluia* (o dinheiro que quisessem dar) num prato, havendo padres que levantavam a aleluia e outros que não. Havia também o costume de lhes oferecer um cabrito, mas só alguns aceitavam.

Por essa altura as pessoas tinham as casas enfeitadas com ramos de flores. O padre dava amêndoas aos *cachopelhos pequenelhos* e abençoava a casa com água benta e incenso, quando estes estavam no sobrado (sala) encontrando-se toda a família da casa lá reunida

O padre costumava andar *paramentado* de branco e os mordomos de vermelho e com lanternas a alumiar. Depois este costume desapareceu. Desapareceu porque o padre das Sarnadas e de Vilar Formoso foi-se embora, ficando apenas o do Estreito com o cargo de tomar conta destas três freguesias. Como não tem tempo para as percorrer todas, já não dá as boas festas em Silvosa.

Como tradição festiva havia também o rancho de Silvosa que era só da aldeia e constituído por todos os que lá quiseram cantar.

Aquando do dia 28 de Maio, da inauguração do correio em Silvosa, vieram cá vários povos, inclusive os da Cardosa e da Foz de Giraldo, a convite de Silvosa. *Era fogo brabio* disseram eles, havia muito vinho e muitos foguetes.

Também se fez uma festa, quando veio a escola, mas com a chegada do telefone, já não houve festa nenhuma.

Pelo que podemos analisar o povo de Silvosa gosta bastante de festas e sabe organizá-las só que devido ao facto de cada vez a sua população ser mais escassa e menos jovem as festas estão cada vez com menos força e convicção, ânimo e até as causas vão deixando de lhes parecer suficientemente tentadoras para uma boa festa.

6. O Vestuário

A roupa típica dos habitantes do Silvosa consiste geralmente em roupa escura.



As mulheres usam roupa escura, à base de castanho-escuro, azul-escuro e preto. Andam sempre de avental e de meias escuras e com os mesmos sapatos. sempre sujos e enlameados. Na cabeça usam por

cima do lenço preto um chapéu velho, gasto e surrado que pertenceu ao marido.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção



Os homens também se vestem de escuro e das mesmas cores, só que uns andam de boné e outros de chapéu na cabeça. As cores dos chapéus variam entre o preto e o castanho-escuro.

Vestem as mesmas roupas todos os dias, o que significa que andam sempre com elas sujas e rotas devido ao trabalho.

As únicas alturas em que mudam de indumentária será quando vão a Castelo Branco ou a Oleiros, quando há Missa ou certas festividades.

Vestem-se de escuro e as suas roupas estão gastas e escuras do trabalho.

7. Personificação de Animais

Segundo o que conseguimos apurar em Silvosa, os cães revestem-se de uma certa importância, ideia esta que é reforçada pelo facto de todos os animais terem dono e mesmo quando surge algum perdido, logo é adotado.

Por outro lado, e embora isso nos pareça à primeira vista um pouco ambíguo, as pessoas do lugar mostram um certo desprezo pela política em geral e pelos políticos do país atribuindo nomes de entidades da cena política aos seus próprios cães. Na verdade, existiam em Silvosa na altura da nossa investigação três cães cujos nomes foram inspirados em políticos: havia o *Spínola*, o *Sá Carneiro* e o *Pinto Balsemão*.

Existia também o *Lopes* que, por ser muito veloz, tomou esse nome, em honra de Carlos Lopes.



O gato *Pedro Fogueteiro*

Facto curioso é também a existência de um gato chamado *Pedro Fogueteiro* que costuma andar sempre a soprar. Diz-se em Silvosa que a origem do seu nome está num indivíduo que lançava foguetes, cujo nome seria Pedro Duarte Simão, o fogueteiro. Isto mostra-nos que os animais ditos de *estimação* são, em Silvosa, alvo de uma espécie de personificação por analogia com figuras humanas existentes, quem sabe, uma parte latente da consciência mítica com que o atual homem racional era provido nos primeiros tempos da sua existência.

Capítulo V - O Método de Investigação

A recolha de dados é um dos primeiros passos que o investigador deve dar na realização de um trabalho de campo e ela também uma das fases mais importantes pois é através dela que nascerão as infraestruturas de toda a obra de investigação.

E para tal afigurou-se-nos necessário levar a cabo dois tipos de levantamentos, por questões metodológicas. Assim, podemos afirmar que toda a *documentação teórica* foi recolhida em diversas instituições visitadas, enquanto, e para usar a mesma terminologia, a *documentação prática* foi conseguida no próprio campo de estudo, quer utilizando os diversos tipos de observação, desde a participante à não participante em que utilizámos de preferência a entrevista simples não estruturada.

Na verdade, *o sociólogo é levado a utilizar diversos tipos de dados, consoante os problemas que formula, as possibilidades de que dispõe e outras circunstâncias diversas.*¹⁷ Podem utilizar-se dados estatísticos, de contabilidade social, correspondência, documentos biográficos, entrevistas, questionários, a observação do investigador, etc. *Qualquer que seja o tipo de material utilizado, o ideal é obter dados que possam ser comparados.*¹⁸ Desta forma, a ação de investigação futura será facilitada.

1. A recolha de dados nas diversas instituições

Ao chegarmos à cidade capital de distrito do lugar que iríamos estudar, a primeira necessidade que sentimos foi dirigida no sentido de se proceder à recolha de dados geográficos da região em causa. Dirigimo-nos assim ao Quartel da Guarda Nacional Republicana com o intuito de conseguir alguns mapas. Aí, depois de um guarda nos ter questionado a propósito dos nossos objetivos, fomos recebidos, não sem alguma curiosidade, pelo comandante do posto. Tudo o que aqui dispunham não tinha grande interesse para nós e, por outro lado, nem sequer de lá podia sair.

¹⁷ Raymond Boudon, Os Métodos em Sociologia, Editora Rolim, pág. 46

¹⁸ Idem, pág 47

Em consequência disso, recomendaram-nos o Instituto Geográfico-cadastral de Castelo Branco para onde nos dirigimos logo de seguida. Aqui, deparámos com um edifício antigo, mas muito bem conservado onde soubemos da existência para venda de algumas cartas da região que, contudo, devido à inconveniência da escala em que estavam feitas, não nos interessaram grandemente. Foi então que nos informaram que no Regimento de Infantaria de Castelo Branco poderíamos encontrar com mais facilidade mapas em escala 1/25.000.

Ao chegarmos ao quartel fizemos mais uma vez uso das credenciais de que estávamos munidos e que muito nos auxiliaram nos contactos com as diversas entidades. Aqui, fomos apresentados a vários militares, hierarquicamente de baixo da cima, até que ao falarmos com o Comandante conseguimos finalmente autorização para consultar os mapas militares da área pretendida. Estes não eram atualizados, pois diziam respeito ao levantamento topográfico de 1946, o que não nos impediu de os aproveitar pois eram os únicos disponíveis, e teriam de ser devolvidos no dia do regresso a Lisboa, depois de devidamente fotocopiados.

Posteriormente, conseguimos obter os originais dos mapas antes fotocopiados, embora isso tenha sido feito *pela porta do cavalo*.

Daqui podemos concluir da dificuldade em obter cartas geográficas da zona em estudo e da desatualização das mesmas em virtude da organização deficiente que ainda hoje sofremos em Portugal.

Em Oleiros, vila sede de concelho, visitámos a Câmara Municipal onde nos indicaram não possuir no momento qualquer mapa sobre a região nem sequer qualquer documentação histórica da freguesia de Sarnadas de São Simão, onde se inclui o lugar de Silvosa. O funcionário tentaria encontrar alguns dados mais tarde já que estava a participar na feitura de um jornal regional.

Além disso, possuía um livro que falava da região, mas que estava emprestado. Dados históricos seriam muito dificilmente encontrados pois a sua inexistência deve ser uma realidade. Contudo, o funcionário pareceu-nos prestável e interessado no assunto pois disse-nos que enviaria para Lisboa os dados que viesse a obter. A verdade é que, transcorridos seis meses, nenhum documento nos chegou às mãos.

Mesmo assim, queremos deixar aqui transcrito o nosso reconhecimento à atenção e auxílio que nos foram prestados pelas diversas entidades contactadas sem as quais não poderíamos materializar o nosso estudo.

2. A recolha de dados no campo, em Silvosa.

Foi em Silvosa que nasceu todo o esqueleto do nosso trabalho, a partir de todas as informações, observações e dados que lá conseguimos.

Nesta fase da recolha de dados, os processos utilizados foram os mais variados. Em virtude da nossa equipa ser formada por cinco elementos, tivemos oportunidade de realizar vários tipos de observação: observação não participante, observação quase participante, observação participante, observação direta e observação indireta, de acordo com as qualidades dos investigadores, visto que nem todos nos sentimos suficientemente motivados, por exemplo, a realizar observação participante. Esta questão está intimamente relacionada com a personalidade do investigador, fator que nunca deve ser esquecido na divisão das tarefas.

*Isto porque todos nós notamos algumas coisas e não vemos outras. As nossas preferências e prontidão, a amplitude e profundidade dos nossos conhecimentos, os objetivos que buscamos, tudo determina o nosso padrão de observação seletiva.*¹⁹

Podemos aqui afirmar que, ao invés do que se passou na recolha de dados junto das diversas instituições, o caudal de dados foi elevadíssimo: seria muito improvável se nos conseguíssemos lembrar de todas as informações e de todas as observações feitas durante uma simples entrevista, um passeio pelas ruas do lugar ou pela serra, ou pastando as cabras. Havia que estar atento, sempre pronto a registar uma nova informação, quer se tratasse de um almoço com uma família do lugar, da missa, da matança do porco, da chegada do padeiro ou do tendeiro, ou durante a simples conversa que se tem com aquele que connosco se cruza na rua ou no caminho junto às hortas.

O papel e o lápis foram sempre os nossos maiores auxiliares e por duas vezes utilizámos o gravador para registar canções típicas do lugar, sempre com a máxima descrição. Todos os dias dedicávamos uns minutos à elaboração do nosso caderno

¹⁹ W. Goode a P. Hatt, Métodos em Pesquisa Social, C.E.N., pág. 155

de campo, elemento primordial que muito nos ajudou no desenvolvimento dos temas deste trabalho.

*A maior parte do conhecimento que as pessoas têm sobre as relações sociais deriva de observação não controlada, da qual participa ou não.*²⁰ Foi este, de certo modo, o tipo de observação que mais utilizámos, essencialmente por ser o mais natural.

Decerto que, quando um dos elementos da nossa equipa decidiu, com os homens da terra, estava a processar-se observação participante. Nesta altura, o investigador participa ativamente nas atividades do grupo que está a estudar e consegue captar mais vivamente os seus sentimentos, opiniões e características que lhe estão inerentes. Neste estágio de observação o investigador corre o risco de se envolver emocionalmente em demasia naquilo em que participa, o que pode afetar, em termos de objetividade, o relato dos factos ocorridos.

Se a observação for não participante, como foi a que fizemos quando da matança do porco, a recolha dos dados torna-se mais objetiva na sua concretização. Os dois elementos da nossa equipa que fizeram a reportagem fotográfica do acontecimento em causa só puderam ser

Subjetivos na escolha dos ângulos em que desejaram fotografar. Tudo o resto estava ali, simplesmente acontecendo, sem subjetivismo algum. Nesta altura, a nossa principal tarefa era abarcar o maior número possível de pormenores sobre aquilo que estávamos a observar. Contudo, *depois de um período inicial para estabelecer relações, o não participante estando presente em muitos processos sociais sem negar as suas atividades de pesquisa pode tornar-se quase participante.*²¹

Foi, de certo modo, o que aconteceu durante o almoço para o qual fomos convidados no dia da matança. A fuga à subjetividade torna-se assim uma constante, embora tivéssemos conhecimento das nossas limitações. *Não podemos em ciência eliminar a influência do observador. Podemos, porém, limitar e medir essa influência e assim controlar em parte as variáveis da pesquisa.*²²

Uma das nossas principais preocupações foi não esquecer o contacto com alguns informadores qualificados que nos forneceram dados que, de outra forma, seriam

²⁰ W. Goode e P. Hatt, Métodos em Pesquisa Social, C.E.N., pág. 157

²¹ Idem, pág. 169

²² Idem, pág. 170

impossíveis de obter. Foi com essa intenção que interrogámos insistentemente o 26, um jovem que dá aulas na escola primária em Castelo Branco e que se reveste de uma grande importância para os habitantes de Silvosa, visto ele ser dos poucos jovens que, para além de não ter ainda abandonado o lugar, estudou e interessou-se pelos problemas da sua comunidade.

Outro informador qualificado, por nós consultado foi um dos anciãos da aldeia, José Chamiça, que devido à experiência acumulada através dos anos e ao seu grau de parentesco com um dos elementos da nossa equipa, nos proporcionou a descoberta de uma grande parte dos dados do nosso trabalho, especialmente no que diz respeito ao passado da povoação em estudo.

Diríamos ainda, em jeito de conclusão, que toda esta tarefa de recolha nos foi grandemente facilitada pelo espírito de comunicação e cordialidade, e de curiosidade, que caracteriza os habitantes da povoação de Silvosa. Não podemos, assim, deixar de relacionar o tão falado *espírito do povo* apregoado por Montesquieu, que na generalidade do povo português mostra ser aberto, com os resultados obtidos durante a investigação positivamente esclarecedores do quotidiano de uma povoação beiroa.

Diário de Campo, 20 de Dezembro de 1983 [exemplo]	
08.30	Levantámo-nos, tomámos o pequeno-almoço e dividimos as tarefas. Tínhamos pensado dedicar este dia para visitar algumas povoações limítrofes. Decidimos então que três elementos fariam a viagem enquanto os outros dois se ocupariam de tarefas locais. O Ti' João Simão também foi connosco, pois mostrou interesse nisso.
10.00	Sáímos em direção a Oleiros, tomando o caminho da Vinha que se encontrava em péssimo estado devido às fortes chuvadas que têm caído nos últimos dias. Pelo caminho encontrámos o Ti' Zé Marques, que se dirigia para Oleiros, a quem demos boleia.

11.00	<p>Chegada a Oleiros, sede de Concelho, que dista cerca de 28 quilómetros de Silvosa.</p> <p>Visitámos em primeiro lugar a Câmara Municipal, onde também funciona o tribunal. No primeiro piso do edifício falámos com um funcionário que nos disse não dispor de quaisquer dados relativos a Silvosa. Se viesse a encontrar coisa, enviar-nos-ia para Lisboa.</p> <p>Visitámos de seguida o Mercado local que se encontrava mal fornecido de produtos.</p> <p>Vimos também a Praça. Dando uma volta pela vila, passámos por uma Igreja que havia sido restaurada há poucos meses atrás.</p> <p>Existe em Oleiros uma dependência da Caixa Geral de Depósitos e outra da União de Bancos Portugueses, esta última muito utilizada pelas populações das redondezas. Pormenor curioso foi o facto de a dependência da CGD ter sido inaugurada ontem, dia 19.</p> <p>Passámos de seguida pela Igreja da Misericórdia.</p> <p>Oleiros possui uma escola primária e uma escola preparatória; tem um posto clínico e um hospital denominado Barata Relvas; tem ainda Bombeiros Voluntários e uma Sociedade Filarmónica.</p> <p>As pessoas de Silvosa vão a pé, pela Vinha, até alcançarem a estrada alcatroada para Coimbra. Aí tomam uma carreira da Rodoviária Nacional.</p>
13.00	<p>Chegada ao Estreito apenas para uma visita rápida ao lugar. É uma vila bastante pequena e pouco movimentada.</p> <p>Tomámos café num estabelecimento, o Moradal, que se encontrava vazio, sem qualquer cliente. A um canto, um pinheiro de Natal enfeitado dava um pouco de luz àquele ambiente monótono.</p> <p>Há aqui correspondentes do Banco Nacional Ultramarino e do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.</p> <p>Há também uma farmácia, mas que se encontrava fechada por ser hora de almoço.</p> <p>Existe aqui uma Casa do Povo</p>

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspectiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

13.30	<p>Depois de nos termos desviado cerca de dois quilómetros da estrada principal, chegamos a Sarnadas de São Simão, que é a sede de freguesia do lugar de Silvosa.</p> <p>Questionámos um habitante do local que nos contou o episódio da aparição de São Simão numa montanha sobranceira à vila. Disse-nos que, atualmente, no local há falta de padres.</p> <p>Visitámos a Igreja da vila onde deparámos com sete crianças sozinhas, sentadas num dos bancos.</p> <p>Regressámos a Silvosa trazendo connosco novamente o Ti' Zé Marques e o Ti' João Simão.</p>
14.30	<p>Almoçámos já um pouco tarde e o Ti' João Simão acompanhou-nos. Depois de sermos deixados a sós, arrumámos a casa, que estava a nosso cargo, e decidimos dedicar algum tempo aos nossos cadernos de campo.</p>
16.00	<p>Redigimos, individualmente, as informações conseguidas desde o início do dia.</p>
18.00	<p>Sáímos, em subgrupos, para conhecer com precisão as ruas do lugar e terrenos limítrofes. Passeio até à hora do jantar.</p>
20.00	<p>Jantar, em nossa casa, a luz do candeeiro a petróleo. Devido às condições a que estávamos sujeitos, à noite era-nos impossível trabalhar. Alguns faziam questão de completar algumas notas.</p>
21.00	<p>Visitámos o Zé e as irmãs com quem passámos parte do nosso serão, como sempre, à lareira, conversando.</p>
22.30	<p>Voltámos à nossa casa e deitámo-nos pouco depois. Amanhã será outro dia de trabalho. A matança do porco começará às nove horas²³.</p>

²³ Por razões de metodologia, e salvaguardando uma repetição desnecessária e fastidiosa, decidimos apresentar apenas o diário de campo de um dia, somente a título de exemplo.

Conclusão

Silvosa: o isolamento - perspectiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção foi um tema que irrompeu nos nossos espíritos como algo passível de ser realizado com algum proveito. Tivemos o incentivo dos professores, que falavam na possibilidade da realização de um trabalho de cariz socio-antropológico, tivemos o nosso próprio incentivo acrescido de uma enorme vontade de conhecer e tivemos a oportunidade ideal para materializar os nossos desejos que, em breve, foram tomando forma nos nossos espíritos.

Um dos elementos do nosso grupo pronunciou a palavra mágica: *Silvosa*.

Era assim que se denominava a comunidade onde viríamos a realizar o nosso estudo. Parece que se tratava de uma pequena aldeia da beira interior onde o asfalto e a luz elétrica ainda não chegaram, onde apenas existem duas crianças num total de trinta e oito habitantes, um desses lugares esquecidos algures na serra onde as pessoas ainda conseguem manter um elevado nível de autossuficiência.

Foi então que todos nós começámos a imaginar como seria, essa terra perdida no mapa onde as casas ainda eram feitas de pedras, umas sobrepostas às outras e apenas existiam duas casas de banho.

Depressa apagámos todas estas imagens sugeridas pelo elemento do nosso grupo natural do lugar em causa, de modo que evitássemos partir com ideias preconcebidas. O objetivo era coisa que não nos faltava à partida. Tinha surgido a oportunidade quase que nos atrevemos a dizer única, de realizar um trabalho onde podíamos aplicar na prática muitos dos nossos conhecimentos e investigações teóricas, proporcionadas na área das ciências sociais.

Impelidos pela vontade de descobrir um pouco da nossa própria cultura e atraídos pela ideia de aplicar o estudo da antropologia a uma pequena comunidade, decidimos pôr mãos à obra. Atraíu-nos a possibilidade de realização de observação participante uma vez que constituiria uma experiência completa mente nova e extremamente reveladora de muitos factos que, encarados de outra forma, nos passariam despercebidos.

Quando já tínhamos em nossa posse os elementos mínimos necessários para a elaboração de uma hipótese de trabalho, foi com agrado que chegámos a um acordo sobre a sua delimitação. O tema suporte do nosso trabalho seria *o isolamento* e, ligado

a ele, as perspetivas de desenvolvimento ou de extinção de uma comunidade nas circunstâncias de Silvosa.

Tendo este tema como suporte, e pretendendo realizar um trabalho com um certo nível de profundidade, o mais possível embrenhado em aspetos científicos que nos permitiriam alcançar uma certa segurança e fidedignidade de conhecimentos, pensámos ser absolutamente necessário precavermo-nos contra qualquer tipo de erro passível de ser cometido no decorrer da investigação.

Afigurou-se-nos, assim, necessário, antes de mais, evitar ao máximo os problemas da falta de objetividade. Para isso realizámos diferentes tipos de observação, consoante as aptidões dos membros da nossa equipa, escolhendo cada um de nós realizar o tipo de observação a que melhor nos adaptássemos, desde a não participante à observação completamente participante, possível por um dos nossos elementos ser natural da comunidade, aí se deslocar anualmente e aí ter família.

Quisemos ainda evitar *elitismos*, isto é, tentámos ouvir todos os membros da pequena comunidade à medida que os íamos conhecendo e com eles contactávamos sem procurar ninguém em especial, exceto no caso dos informadores qualificados do local como é o caso da pessoa mais velha da aldeia, a única que nos pôde relatar uma história mais completa, e o exemplo de uma mulher experiente em assuntos como o linho, o queijo e os chouriços.

De modo a evitar uma visão parcelar e desconexa das atividades da comunidade, achámos conveniente não tratar cada tema exaustivamente, mas sim falar mais amplamente sobre todas as atividades da aldeia. Referimos mesmo aquelas que são exercidas em outras estações do ano, que nós, como é evidente, não presenciámos.

Tentámos ainda, sempre que possível, elaborar juízos de facto, em detrimento dos juízos de valor. Como tal, não fizemos ao longo do nosso trabalho de recolha e interpretação de dados qualquer tipo de observação crítica em relação à comunidade, tendo-nos limitado a dizer o que realmente é, esquecendo sempre que possível enunciar aquilo que pensávamos poder ser.

Foi quando a nossa investigação de campo se iniciou que deparámos com as maiores dificuldades. A dificuldade de obtenção e o acesso a apolos a nível cartográfico, entre outros, o isolamento quase completo durante a nossa estadia de oito dias na comunidade que representaram pouco para a eventualidade da realização de um

trabalho minimamente profundo, e a relativa distância a que se encontra da Capital, de modo que lá pudéssemos voltar quando quiséssemos para melhor observar certos pormenores, dificultaram de alguma forma as nossas investigações.

Foi assim que, a pouco e pouco, algumas das nossas ambições meramente teóricas foram sendo postas de parte, visto não terem possibilidade de se materializarem.

Apesar de todo o nosso vigor, é preciso não esquecer que éramos caloiros na matéria. Tratava-se, pois, da nossa primeira experiência no laboratório. Apenas nos tinham ensinado como misturar os ácidos de modo a obter algumas *reações químicas*. A novidade, a surpresa dos resultados constituíram uma constante ao longo dos dias que lá passámos.

E viríamos a constatar que Silvosa não é um caso isolado, mas antes um dos muitos exemplos possíveis de detetar na estrutura populacional portuguesa.

Silvosa não é, pois, caso único no que toca a povoações em vias de extinção, em que a ação de problemas conjunturais como é o caso dos problemas económicos, tem levado a população a um empobrecimento, em termos reais, constante.

A emigração afetou os seus habitantes em força enquanto outros migraram para as zonas urbanas, também à procura de melhores condições de vida. Estes movimentos migratórios provocaram um notável desequilíbrio na estrutura da população do lugar, agora especialmente formada por velhos. A substituição das gerações não é, de forma alguma, realizada.

Muitos dos que emigram regressam, mas poucos entre estes constroem uma casa nova em Silvosa para aí permanecerem durante o resto das suas vidas. Alguns foram morar para Castelo Branco ou para Lisboa, principalmente aqueles que tinham filhos para criar e educar, o que ali dificilmente seria conseguido nos moldes das exigências mínimas dos tempos atuais.

Alguns outros espalham-se pelas vilas e aldeias próximas, talvez mais desenvolvidas, onde a vida se torna mais fácil. Por fim, alguns ficam para sempre a viver no país para onde foram trabalhar na esperança de alcançar melhores dias.

E Silvosa? Quem ficará em Silvosa para tratar desta avó inválida, cada vez mais cheia de reumatismo, cada vez mais necessitada de ajuda para prover à sua sobrevivência? Os poucos velhos que ainda lá vivem não conseguem dar conta de todas as terras

cultiváveis, até porque nem precisam, visto as bocas a alimentar não serem muitas. O que é certo é que, atualmente, apenas se cultivam as terras mais próximas da povoação, talvez uma décima parte da terra que se cultivava há cinquenta anos atrás.

Tinha sido posta a hipótese do isolamento. Mas será realmente este o fator instigador da mudança, não importa se para melhor se para pior, em Silvosa?

Pensamos que sim, embora a ele estejam ligados outros fatores complementares, desde o movimento interno próprio da população até à influência de fatores estruturais como sejam a situação económica do país e o nível geral de desenvolvimento passível de ser detetado numa nação flagelada por muitas carências como é a nossa.

É claro que as grandes razões que levaram a população a se encontrar em vias de extinção se ramificam a partir da situação de isolamento em que esta se encontra. E claro que a hipótese de desenvolvimento, nestas condições, é meramente teórica e apenas serve para realçar a força da segunda parte da hipótese que coloca o estudo do lugar numa perspetiva de extinção.

Analisando a vida do lugar de Silvosa nos últimos cinquenta anos podemos concluir que se tem desenrolado um processo de estagnação e mesmo retrocesso quanto à vitalidade da comunidade como lugar físico e como aglomerado populacional.

Se analisássemos num gráfico o batimento cardíaco da comunidade, os pontos mais elevados, nos últimos dez anos, seriam a chegada do telefone e a colocação dos postes de eletricidade que ainda hoje não existe em Silvosa, nem se sabe quando existirá. De resto, todo o mais não tem passado de rotina e desta rotina faz parte o crescente abandono do lugar pelos seus habitantes.

Num espaço de seis meses que já decorreram desde a altura em que a nossa investigação foi levada a cabo, a população de Silvosa baixou de trinta e oito para trinta e cinco habitantes.

Duas pessoas vieram para Lisboa e uma terceira faleceu. Estes dois tipos de exemplos concentram em si mesmos as razões pelas quais a população é continuamente decrescente, ou seja, por um lado as pessoas saem de Silvosa porque lá não têm hipótese de ascensão, seja a que nível for, e por outro, porque a população é envelhecida, vai-se tornando normal assistir a consecutivas mortes por velhice ou

por inexistência de cuidados médicos adequados. Em termos demográficos, trata-se de dois tipos de movimentos da população: a mortalidade e as migrações.

O isolamento é, em Silvosa, um facto detetável. Basta recordarmos que não há luz elétrica nem estrada alcatroada que nos conduza à povoação, entre outras dezenas de razões já apontadas ao longo deste trabalho.

Não há desenvolvimento, não estabilidade sequer, as pessoas migram para terras limítrofes onde as condições de vida são menos difíceis ou emigram mesmo e este processo faz com que a vida na comunidade vá sendo cada vez mais limitada. E como se um balão se esvaziasse cada vez mais até ficar inerte, sem qualquer ar dentro de si.

Ninguém cultiva as terras, certos animais, como é o caso dos bois, deixando ser usados porque já não há quem os conduza, e o interesse pelas necessidades dos poucos habitantes ainda lá existentes, quase que diríamos os sobreviventes, em vez de aumentar decresce. É disto notório o facto das autoridades concelhias nunca mais concluírem o processo de eletrificação do lugar.

É um processo que se tem vindo a arrastar há meses quando a maior parte do trabalho já se encontra feita: algumas casas têm já mesmo a rede elétrica instalada. Por que razão não se iniciará então o processo de alimentação? E quando chegar a luz elétrica, será que Isso vai contribuir para o desenvolvimento de Silvosa? Em que medida? Será que isso vai cortar com o isolamento?

Estas e muitas outras questões poderiam aqui ser postas. Respostas para elas não cabem, contudo, no âmbito de este trabalho, que não inclui nem pretende enunciar qualquer espécie de previsão. Apenas podemos, muito meramente, supor que a eletricidade talvez possa ser a princípio um fator importante de desenvolvimento, mas que, mesmo assim, terá os seus limites.

Quer isto dizer que a chegada da corrente elétrica poderá favorecer os cada vez menos habitantes de Silvosa, mas isso, supomos, não fará com que se dê um retorno populacional daqueles que antes haviam partido. Nem sequer foi pela inexistência da luz elétrica que eles partiram, pois, essa razão é uma entre muitas que constituíram o rol das suas motivações.

Note-se que, apesar da incessante procura de melhores condições de vida, em Silvosa ninguém afirma passar fome. O que há chega perfeitamente para as poucas

bocas que existem para alimentar. E assim será até ao fim dos seus dias, quer esse tempo venha longe quer esse tempo venha perto. Só se os velhos não puderem trabalhar é que começarão a passar fome, porque de contrário o sentido de autossuficiência manter-se-á uma constante.

Alguns dos seus habitantes têm perfeita consciência da sua quase impotência perante as autoridades concelhias. Um deles, chegou-nos a pedir que intercedêssemos por eles, que pedíssemos que se lembrassem deles, quando fossemos a Oleiros à Câmara Municipal.

Supomos que este Ti' estivesse a imaginar que o empurrão de estranhos, estudantes sapientes que, no conceito os habitantes do lugar, Já devem saber de tudo, pudesse realmente amenizar os problemas da comunidade. Mas também supomos que no fundo ele já adivinhasse que isso seria impossível, que tal apelo não passava de um último devaneio de uma esperança, que ainda não morrera, de ver melhorar as coisas em Silvosa.

Daqui por uns anos, se as tendências populacionais atrás descritas se continuarem a manifestar com a mesma constância, não haverá senão um número muito reduzido de velhos em Silvosa.

Quando estes poucos deixarem de viver, o lugar poderá perder para sempre a sua vitalidade, ou então, considerando uma segunda hipótese, será apenas um sítio onde os seus descendentes vão passar alguns dias de férias, quer venham do estrangeiro, quer venham da Lisboa ou de outras zonas urbanas.

Esta situação não é única, pois não diz unicamente respeito ao lugar de Silvosa. Outros exemplos devem poder detetar-se por esse país fora, país este que procura ardentemente a entrada no Mercado Comum e possui a alarmante taxa de trinta e um por cento da população ativa na agricultura, e uma produtividade reduzida em termos europeus.

Para agravar o facto, a mecanização não cresce na razão inversa do abandono dos campos, por estas camadas da população, o que leve o país a importar cada vez mais bens essenciais, a um custo cada vez mais elevado. Isto enquanto terras produtivas estão abandonadas por falta de mão-de-obra, ou, noutra ponto de vista, de uma mecanização adequada. É também isso que se passa na nossa comunidade.

Talvez um dia mais tarde, passada uma década venhamos a concluir e a retificar as suposições incluídas no presente estudo.

Aí, então, será possível, em termos comparativos, detetar quais foram as tendências e as modificações operadas naquela povoação beiroa, onde os velhos nunca ouviram falar de jogos de computador ou de videotelefonos.

Devido à nossa inexperiência no tratamento das matérias em curso e à dificuldade que o homem como ser social tem em se observar a si mesmo e aos seus semelhantes, uma vez que o fantasma da subjetividade é uma *variável constante* ao longo do estudo, algumas falhas surgiram no decorrer da nossa investigação.

Não podemos deixar de ter em conta que estamos perante um trabalho limitado, tanto do ponto de vista geográfico, como do ponto de vista humano uma vez que a área estudada inclui um reduzido quantitativo populacional, o que na força a criar limites para as conclusões que da investigação possam resultar, devendo estas limitar-se apenas à comunidade em questão, sob pena de se tornarem desprovidas de qualquer valor se aplicadas a outros exemplos. Não será, contudo, de desprezar o seu valor como investigação sujeita sempre que possível aos tramites do conhecimento e da análise científicos.

Devemos ainda ter em conta as condições em que o trabalho foi realizado. Tivemos de limitar aos nossos conhecimentos da matéria, a um período de tempo pré-determinado consideravelmente reduzido para uma investigação desta ordem, apenas nove dias, a uma observação limitada e, o que é sempre de considerar e meios pecuniários escassos, uma vez que um subsídio do Instituto ou do Ministério constituiria para nós, ao mesmo tempo que um elemento fictício, objeto de admiração.

Infelizmente é devido, em grande parte, à inexistência de apoio material que a investigação no nosso país se encontra tão pouco desenvolvida, sendo apenas os mais abastados os únicos que levam a cabo investigações particulares de grande monta.

Este é, atualmente, um dos grandes problemas a resolver em Portugal na área das Ciências Sociais.

Mas nem tudo foi dificuldade, pois o facto de um dos elementos do nosso grupo de trabalho ser natural do lugar favoreceu-nos em grande medida a nossa investigação,

facilitando-nos o acesso a informações que de outra forma nos seriam inatingíveis, para além de nos ter facilitado também a integração na vida da comunidade.

Por tudo isto, e por muito que ficou por dizer, realizar este trabalho foi para nós uma grande aventura, em que se misturou o trabalho e o prazer, a partir de certa altura elementos inseparáveis do mesmo processo. Permitiu-nos um melhor conhecimento do povo português, do ser humano em geral e do povo da província em particular, basicamente diferente das populações citadinas com quem estamos mais habituados a conviver.

É principalmente por isso que estamos satisfeitos por o ter realizado e consideramos de extrema importância a hipótese de um dia mais tarde voltarmos a Silvosa, na esperança de podermos aprofundar os nossos conhecimentos a propósito do seu povo, se ainda restar algum para nos dizer como é *viver* em Silvosa.

Caso exista, será bom sinal embora não seja de prever que isso suceda ainda por muitos anos. Caso contrário, apenas viremos a encontrar um lugar fantasma reduzido a um mero ponto geográfico nos mapas de um país que anda à procura da Europa, já descobriu o mundo e talvez não se tenha ainda encontrado a si próprio.

Glossário de Termos e Expressões

<i>À cata</i>	à procura	<i>Catano!</i>	interjeição de dor, surpresa, insistência
<i>Ablouredo</i>	distraído, maluco	<i>Catar</i>	escolher, procurar
<i>Abornar-se</i>	aquecer-se à lareira	<i>Catarrapa</i>	pequena
<i>Açaçapadas</i>	baixas, sentadas sobre os joelhos	<i>Catchopa</i>	cachopa, rapariga
<i>Açude</i>	terra protegida das águas por um muro de pedras	<i>Catrozoada</i>	conjunto de qualquer coisa
<i>Adubar</i>	deitar azeite na comida	<i>Cavarrilhas</i>	barulho
<i>Afedelhado</i>	apressado	<i>Chambaril</i>	pau para segurar os porcos
<i>Aguanel (ou alvanel)</i>	água que passa por baixo da terra	<i>Charrouça</i>	carro já sem valor
<i>Albarcas</i>	tipo de calçado que em tempos existiu	<i>Chibo</i>	cabrito, bode
<i>Albardeira</i>	faz tudo mal feito	<i>Chinguelha</i>	mal-arranjada
<i>Aldrava</i>	fechadura da porta	<i>Couchada</i>	medida com base no coucho
<i>Alpergatas</i>	sandálias	<i>Coucho</i>	objecto de cortiça para beber vinho ou colher mel
<i>Ambos</i>	os dois, juntos	<i>De caminho</i>	depressa
<i>Arrates</i>	medida com diferentes tamanhos	<i>Deis</i>	deles
<i>Asadinha</i>	bonita, jeitosa	<i>Demonho</i>	demónio
<i>Asado</i>	pote da água	<i>Desachermedo</i>	mal-arranjado
<i>Assomar</i>	espreitar	<i>Desgrelar</i>	apanhar grelos
<i>Atilho</i>	cordel	<i>É que cá está couveiro!</i>	está húmido (tempo bom para as couves)
<i>Aventar</i>	atirar	<i>Embarriguei-a</i>	engravei-a
<i>Babuseiras</i>	disparates	<i>Embuzinhedo</i>	tecido amachucado
<i>Banca</i>	banco de madeira baixo, com 3 pernas	<i>Encoberto</i>	tempo de nuvens
<i>Besado</i>	habitado	<i>Encouvelada</i>	metida em casa
<i>Boda</i>	festa, casamento	<i>Enfadado</i>	cansado
<i>Botar</i>	pôr	<i>Engonha</i>	não se arrisca a fazer certas coisas, sente-se ou mostra-se incapaz
<i>Caçola</i>	caçarola	<i>Entrongueda</i>	com má apresentação
<i>Caldeiro</i>	balde	<i>Esbrucelado</i>	rachado
<i>Calhau</i>	pedra	<i>Escarrafoucedo</i>	despenteado
<i>Cantareira</i>	suporte de madeira, com orifício a meio, para pôr o asado		

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspectiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

<i>Esgarravitar</i>	cortar os pinheiros para a resina	<i>Matula</i>	pano da cozinha
<i>Espenduredo</i>	pendurado	<i>Medrar</i>	crescer
<i>Espicho</i>	pau para furar a pipa e tirar vinho	<i>Melgos</i>	gêmeos
<i>Estou de maré</i>	com vontade de fazer certa coisa, bem-disposto	<i>Molhadas</i>	muita lenha junta
<i>Estrabouchada</i>	inquieta, pouco calma	<i>Munho</i>	moinho
<i>Estuga-te</i>	despacha-te, de estugar	<i>Não guardava senhoria</i>	não tratava respeitosamente
<i>Eu já não sou que...</i>	eu estou velho e cansado	<i>Ora cacheira</i>	interjeição de aborrecimento
<i>Eu não sou que...</i>	eu não consigo	<i>Ora pois</i>	interjeição de admiração
<i>Farrapo</i>	pedaço de tecido	<i>Ozio</i>	mimo
<i>Fraldisqueira</i>	com camisa fora das calças	<i>Palouça</i>	pessoa que fala pouco
<i>Furda</i>	curral dos porcos	<i>Pinguelha</i>	desajeitada
<i>Fusqueta</i>	feia	<i>Pinhos</i>	pinheiros
<i>Gadanha</i>	concha, instrumento para cortar	<i>Por modos que</i>	de modo que
<i>Galocho</i>	desajeitado	<i>Porra</i>	pau
<i>Garrancha</i>	ferramenta para juntar grainha	<i>Potão</i>	pois então
<i>Garroucha</i>	pessoa, feia	<i>Prantar</i>	colocar
<i>Grave</i>	bonita, bem-posta	<i>Prender o burrico</i>	estar amuado, zangado
<i>Graveta</i>	pau pequeno	<i>Quedo</i>	quieto
<i>Grossa</i>	grávida	<i>Quêi?</i>	o quê ?
<i>Grosso</i>	embriagado	<i>Queimbão</i>	para puxar a charrua
<i>Incrença</i>	não faz as coisas perfeitas	<i>Quelho</i>	caminho apertado
<i>Ingonhar</i>	não fazer nada	<i>Rabaceira</i>	gosta muito de fruta
<i>Inté logo</i>	até logo	<i>Rusga</i>	vadiagem
<i>Já não me astrevo</i>	já não sou capaz	<i>Sertã</i>	frigideira
<i>Labrego</i>	pessoa suja	<i>T'aí com uma boina</i>	está embriagado
<i>Labrezuntedo</i>	untado	<i>Tchonchinha</i>	tonta
<i>Maldraga</i>	coisa com mau aspecto	<i>Temperar</i>	compor
<i>Matoucho</i>	pau	<i>Trempes</i>	suporte de 3 pernas, em ferro, para pôr panelas em cima, na lareira
<i>Matroupoulão</i>	veste roupas a mais, ou largas demais	<i>Trougeram</i>	trouxeram
		<i>Vianda</i>	comida dos porcos

Bibliografia

À Descoberta de Portugal, Lisboa, Seleções do Reader's Digest, 1982, 550 págs.

Afonso, José Ribeiro, *Beira Baixa: história, gentes, usanças*. Tomar, Tipografia Comercial de Tomar, 1983, 288 págs.

Antunes, Manuel, *A Emigração Portuguesa desde 1950*, Lisboa, GIS, 1973

Anuários Demográficos, Lisboa, I.N.E.

Barata, Óscar Soares, *Introdução à Demografia*, Lisboa, I.S.C.S.P.U., 1968, 486 págs.

Barata, Óscar Soares, *Introdução às Ciências Sociais*, Lisboa, Liv. Bertrand, 1974; 2 vols., 235+331 págs.

Bernardi, Bernardo, *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, Lisboa, Edições 70, 1978, 450 págs.

Boudon, Raymond, *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa, Edições Rolim, 1983, 132 págs.

Eliade, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Livros do Brasil, 1980, 235 págs.

Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura - Lisboa, Verbo, 1973 20 vols.

Goode, William J. e Hatt, Paul K., *Métodos em Pesquisa Social*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979, 490 págs.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Lisboa, Editorial Enciclopédia, s/d, 40 vols.

Hoebel, E. Adamson e Frost, Everett L., *Antropologia Cultural e Social*, São Paulo, Editora Cultrix, 1981, 470 págs.

Mann, Peter H., *Métodos de Investigação Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983, 198 págs.

Silvosa: O Isolamento.
Uma perspetiva monográfica de uma comunidade em vias de extinção

Serviços Cartográficos do Exército

Stock, Maria José, *Comunidade: Enciclopédia Polis vol. I*, Lisboa, Verbo, 1983, 1462 pág.

Titiov, Mincha, *Introdução à Antropologia Cultural*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, 419 págs.